



**Universidade de Évora - Escola de Artes**

**Mestrado Integrado em Arquitetura**

Dissertação

**Platibanda no contexto da Casa-fachada do Algarve**

**Patrícia Domingues Gonçalves**

Orientador(es) | Sofia Salema  
Pedro Guilherme

Évora 2024

---

---

---

---



**Universidade de Évora - Escola de Artes**

**Mestrado Integrado em Arquitetura**

Dissertação

**Platibanda no contexto da Casa-fachada do Algarve**

**Patrícia Domingues Gonçalves**

Orientador(es) | Sofia Salema  
Pedro Guilherme

Évora 2024



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Maria Teresa Alves (Universidade de Évora)

Vogais | José Manuel Aguiar Portela da Costa (Universidade de Lisboa - Faculdade de  
Arquitetura) (Arguente)  
Sofia Salema (Universidade de Évora) (Orientador)

Évora 2024





## **Platibanda no contexto da Casa-fachada do Algarve**

**Patrícia Domingues Gonçalves**

Orientadores | Sofia Salema e Pedro Guilherme

Dissertação de Mestrado Integrado  
Departamento de Arquitetura - Universidade de Évora  
2023

## **Platibanda no contexto da Casa-fachada do Algarve**





Resumo

Platibanda no contexto da Casa-fachada do Algarve

Esta dissertação de mestrado, apresenta um levantamento das construções populares com platibandas decoradas, destacando as suas principais características, procurando simultaneamente divulgar o conhecimento sobre a platibanda algarvia. A platibanda algarvia é um elemento arquitetónico fundamental para a caracterização da casa-fachada no Algarve e constitui um ornamento de simbologia iconográfica única na região.

A platibanda algarvia representa o cartão de visita das habitações populares, motivo de orgulho para seus proprietários e para os mestres artífices que a produzem. Desde a segunda metade do século XIX, a platibanda tem sido utilizada com a intenção de valorizar a fachada principal das habitações, tornando cada construção única. Isso é feito através da aplicação de técnicas específicas que criam motivos em relevo, com cores e conjuntos cromáticos expressivos.

Analisando os dados recolhidos no levantamento, busca-se promover o conhecimento da Arquitetura Popular Algarvia. O objetivo é contribuir, através do inventário produzido, para a interpretação e o entendimento da platibanda algarvia.

**Palavras-chave:**  
Platibanda  
Casa-fachada  
Ornamentos  
Arquitetura popular  
Algarve

Abstract

Platibanda in the context of the House-facade of Algarve

This master's thesis provides a survey of popular buildings with decorated platibanda, highlighting their main characteristics, while at the same time trying to disseminate knowledge about the Algarve platibanda. The Algarve platibanda is a fundamental architectural element for characterizing the house-facade in the Algarve and is an ornament with a unique iconographic symbolism in the region.

The Algarve platibanda is the calling card of popular housing, a source of pride for its owners and the master craftsmen who produce it. Since the second half of the 19th century, the platibanda has been used with the intention of enhancing the main facade of houses, making each construction unique. This is done by applying specific techniques that create motifs in relief, with expressive colors and chromatic sets.

By analyzing the information collected in the survey, the aim is to promote knowledge of Algarve Popular Architecture. The aim is to contribute, through the inventory produced, to the interpretation and understanding of the Algarve's platibanda.

**Keywords:**  
Platibanda  
House-facade  
Ornaments  
Popular architecture  
Algarve

# Índice

Vol. I	Agradecimentos .....	IX
	Resumo   Abstract .....	XI
	Índice .....	XII
<b>Introdução .....</b>		
	Estrutura .....	1
	Problemática   Objetivos .....	2
	Estado de Arte   Metodologia .....	3
<b>I. Algarve .....</b>		
<b>II. Arquitetura Popular Algarvia .....</b>		
	II.I. Raul Lino e o "Movimento Casa Portuguesa" .....	25
	II.II. Do Inquérito à "Arquitetura Popular em Portugal" .....	31
<b>III. Platibanda no contexto da Casa-fachada do Algarve .....</b>		
	III.I. Platibanda como objeto animado .....	53
<b>IV. Platibandas e a importância dos seus ornamentos .....</b>		
	IV.I. Levantamento e inventariação de platibandas decoradas .....	99
	01. Distribuição no território .....	107
	02. Platibandas datadas .....	109
	03. Estado de conservação .....	117
	04. Tipo de cobertura .....	125
	05. Natureza da implantação .....	135
	06. Presença de simetria na fachada .....	135
	07. Motivos ornamentais .....	145
	08. Motivo ocular (losango) .....	157
	09. Cromatismo .....	163
	10. Cores aplicadas .....	163
	11. Coroamento .....	187
	12. Escalota .....	187
<b>V. O declínio do fenómeno da cultura da Casa-fachada .....</b>		
<b>VI. Considerações finais .....</b>		
<b>Bibliografia .....</b>		
<b>Índice de figuras .....</b>		
Vol. II	Anexos .....	221
	Inventário .....	223
	Mapas .....	351
	Levantamentos .....	407
	Índice de figuras .....	437



[Figura 01]  
"Platibanda decorada", Corte da Seda,  
Alcoutim, 1955  
Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa  
(1955-1960) © Ordem dos Arquitetos,  
PT-DA-IAPP-FAR-ACT00-009  
#14.01.03



## Estrutura

A dissertação está estruturada em seis partes:

Na Introdução, são apresentados: a problemática e os objetivos, a estrutura do trabalho e a metodologia aplicada para o desenvolvimento da presente investigação.

No capítulo "Algarve", é feita a descrição do território. Através da análise bibliográfica, são mencionadas as principais características que ilustram a singularidade da região. Numa abordagem histórico-geográfica, é apresentada a descrição da construção do lugar/paisagem assim como dos modos e tipologias de habitar.

No capítulo "Arquitetura Popular Algarvia", são apresentados os modelos tipológicos habitacionais através de dois estudos relevantes, elaborados durante o período do Regime do Estado Novo: a "Casa Portuguesa" de Raul Lino e o "Inquérito à Arquitetura Tradicional Portuguesa", patrocinado pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos e publicado em 1961.

No terceiro capítulo, "Platibanda no Contexto da Casa-fachada do Algarve", são apresentadas as principais características da Casa-fachada, seus elementos decorativos exteriores que a caracterizam, com destaque para a platibanda e a chaminé. São introduzidas as principais características da platibanda algarvia, mostrando como, ao longo de várias décadas, ela se tornou uma peça fundamental para embelezar o exterior das habitações, como forma de ostentação dos proprietários com capacidade económica para encomendar esses trabalhos. Neste capítulo, são apresentadas as principais técnicas de aplicação de massas em relevo que contribuem para a decoração da platibanda e os principais motivos aplicados.

O capítulo "Platibandas e a Importância dos Seus Ornamentos" é uma parte fundamental deste estudo pois constitui o corpus da platibanda algarvia, que pela sua natureza fotográfica e gráfica, confere o suporte necessário à investigação. No levantamento efetuado, além de aferir a forte presença desta arquitetura de fachada, é possível entender, através dos diferentes parâmetros analisados referentes à tipologia arquitetónica e aos ornamentos presentes, como eles estão distribuídos no Algarve. São apresentados diversos mapas com a localização de cada construção e quadros resumo essenciais para a comparação dos vários dados levantados in situ durante o processo de levantamento. Fotografias e levantamentos das casas-fachada auxiliam na comparação entre os parâmetros avaliados.

No último capítulo, "O Declínio do Fenômeno da Cultura da Casa-Fachada", procura-se identificar os possíveis acontecimentos que contribuíram para a desvalorização dos elementos decorativos exteriores que caracterizam a Casa-fachada e a Arquitetura Popular no Algarve.

Em anexo, apresenta-se o inventário do levantamento, onde é possível conferir as construções referenciadas, além de consultar todos os mapas produzidos e os levantamentos das fachadas realizados.

## Problemática | Objetivos

O tema desta dissertação aborda a problemática do reconhecimento e valorização da Platibanda Algarvia, inserida na Casa-fachada pela sua componente decorativa e significado cultural, no contexto da Arquitetura Popular no Algarve. A arquitetura popular está sob constante ameaça, fruto da introdução de novos materiais construtivos e da rápida globalização, potencializado pela falta de preservação e manutenção do património regional. Torna-se cada vez mais urgente e necessário divulgar e proteger os objetos de cariz tradicional, pela herança cultural que representam.

Atualmente, é cada vez mais invulgar encontrar construções de carácter popular algarvio, sem que seja associada à construção, ou aos seus elementos iconográficos, um estado de deterioração ou ruína. Frequentemente, testemunha-se nas construções populares a introdução de elementos de forma descontextualizada no seu tempo, numa nova tipologia arquitetónica híbrida, onde elementos do imaginário algarvio e técnicas tradicionais são utilizados de forma errada, denotando a carência de conhecimento sobre esta arquitetura do povo. Nos estudos dedicados à arquitetura tradicional e popular no Algarve, o elemento arquitetónico da platibanda tem sido frequentemente descrito de forma pouco aprofundada, em relação a outros elementos como a chaminé, a açoteia ou outras tipologias de cobertura construídas na região. No contexto da Casa-fachada Algarvia, a platibanda assume o papel principal, pelo destaque, dimensão e imponentia que tem, sendo um dos principais objetos a ajudar a valorizar a habitação e patrocinar os seus habitantes e a mestria do artífice estucador.

A platibanda decorada por relevos apresenta-se como elemento iconográfico essencial para caracterizar a paisagem construída no Algarve, testemunha de uma irrefutável perda sucessiva da imagem original. São vários os fatores que contribuem para a degradação exterior das fachadas, como a falta de divulgação das técnicas tradicionais e a substituição do seu revestimento por materiais inadequados, por motivos económicos ou pela falta de interesse dos proprietários, que fazem com que os seus relevos sejam paulatinamente perdidos, ou quando são pintados indiscriminadamente de branco, fazendo desaparecer os seus ornamentos das fachadas.

O objetivo desta dissertação de mestrado é contribuir para o conhecimento do elemento da platibanda decorada no Algarve, revelando as principais técnicas de produção de relevos em massa e as suas características, apontando também possíveis origens e razões para a sua rápida disseminação no território.

Os objetivos específicos são identificar, registar e analisar as fachadas decoradas por platibandas ornamentadas, compreendendo as diferentes formas como se distribuem e se apresentam ao longo do território, os motivos mais reproduzidos em relevo e as cores aplicadas. Por último pretende-se que esta investigação possa contribuir para a divulgação e conhecimento da platibanda decorada e, conseqüentemente, para o reconhecimento da Casa-fachada no Algarve.



## Estado de Arte | Metodologia

No que concerne ao Estado da Arte, destaca-se o conjunto de obras bibliográficas de Jacinto Palma Dias, que constituem um referencial importante na definição da Casa Fachada e na interpretação do contexto social durante o período de maior produção desta tipologia habitacional. Acresce-se a relevância da obra "A casa popular do Algarve, espaço rurale urbano, evolução e atualidade" de José Fernandes, cujos estudos dedicados ao tema da habitação algarvia, proporcionam uma análise valiosa sobre o tema.

Além disso, a obra "Casa Portuguesa" de Raul Lino e o "Inquérito à Arquitetura Tradicional Portuguesa", patrocinado pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos e publicado em 1961, são igualmente referenciados ao longo do texto, fornecendo uma base sólida para a compreensão da arquitetura popular no Algarve. Outros autores e obras são mencionados ao longo da dissertação, contribuindo para uma visão abrangente e contextualizada do tema estudado.

As opções metodológicas foram determinadas pelo objeto, âmbito e natureza do presente estudo. Numa primeira etapa, a recolha bibliográfica permitiu identificar e referenciar os elementos decorativos em platibandas inseridas no contexto da Casa-Fachada. Este levantamento inicial foi complementado com a análise e recolha de informações em fotografias históricas dos arquivos de Artur Pastor e do Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa.

A informação recolhida foi cartografada em mapas e validada através da utilização de ferramentas digitais como o *Google Maps* e o *Street View*. Estas ferramentas foram cruciais para o planeamento e programação do trabalho de campo, permitindo identificar áreas e construções típicas da Casa-Fachada nos 16 concelhos do Algarve. Em algumas circunstâncias, foi possível identificar casos específicos que foram posteriormente validados *in loco* durante o trabalho de campo. Ao longo de cerca de quatro meses e muitos quilómetros, percorremos todas as áreas identificadas nas 16 sedes de concelho, outros aglomerados urbanos e as estradas nacionais 125 e 270, permitindo registar, cartografar e fotografar as Casas-Fachada e os elementos decorativos das platibandas.

O levantamento realizado permitiu inventariar cerca de quinhentas platibandas, distribuídas por treze concelhos algarvios e quarenta e duas freguesias, evidenciando a forte presença deste elemento decorativo nas habitações populares. O registo fotográfico das platibandas permitiu analisar os diferentes exemplares, comparar com os registos históricos e examinar as características dos seus ornamentos.

Todas as platibandas identificadas durante o trabalho de campo foram adicionadas a uma base de dados. Como organização da informação cada platibanda foi classificada e numerada. Este número é composto por três partes: o concelho, a freguesia e o número do objeto. Por exemplo, a platibanda decorada presente na Figura 01 é referenciada como #14.01.03, onde "14" corresponde ao concelho de Alcoutim, "01" à freguesia de Alcoutim e Pereiro, e "03" indica que foi a terceira platibanda inventariada nessa freguesia. Na base de dados, as platibandas foram organizadas pelos seus números, com a adição das coordenadas geográficas e organização em pastas separadas por concelhos e freguesias. As fotografias correspondentes a cada platibanda foram devidamente referenciadas, facilitando a associação entre dados textuais e visuais.

Durante a análise dos dados, foram desenvolvidos registos cartográficos e mapas que mostram a localização de cada construção de acordo com os parâmetros analisados, permitindo uma visualização clara da quantidade de platibandas e sua distribuição geográfica pelo Algarve. Além disso, foram criados parâmetros na base de dados para analisar a tipologia e os motivos decorativos aplicados em cada platibanda, incluindo características como tipo de implantação, cobertura, estado de conservação, quantidade e cores cromáticas aplicadas, bem como a presença de coroamento ou revestimento em escaiola.

Após a análise e organização dos dados recolhidos, incluindo a produção dos mapas e a sistematização das fotografias, os resultados foram comparados com a bibliografia estudada, revelando semelhanças e diferenças nas características observadas, nomeadamente nas cores mais representativas. Durante o processo de levantamento das platibandas, as fotografias, assim como o levantamento métrico rigoroso *in situ*, foram essenciais para identificar as características de simetria, geometria e proporção dos ornatos e fachadas, bem como dos motivos ornamentais e símbolos iconográficos. Este processo resultou no levantamento arquitetónico e no desenho rigoroso de vinte fachadas com os seus ornatos. Uma seleção de registos fotográficos foi editada para corrigir a perspetiva e destacar a cromia e os ornamentos em relevo.





[Figura 02]  
"Quarteira: Uns trabalham outros conversam"  
© Artur Pastor, Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/ART/016063



## I. Algarve

A posição geográfica do Algarve, a Sudoeste na Península Ibérica, e a sua relação com o Mar Mediterrâneo, criaram as condições necessárias para a fixação humana. A sua posição privilegiada e a troca de culturas, proporcionou condições a um rápido desenvolvimento da região. Para vários autores do século XX como o geógrafo Orlando Ribeiro, o Algarve é visto como "Portugal mediterrâneo" ou "última Riviera mediterrânea"<sup>01</sup>. Segundo o geógrafo, o Algarve Litoral em conjunto com a Região da Andaluzia, e o Norte de África a ocidente do estreito de Gibraltar formam o "pré-mediterrâneo", definindo o restante território português como Atlântico.

"O mediterrâneo é afinal o conjunto das rotas de mar e terra, e quem diz rotas diz cidades, desde a mais humilde à mais importante, todas elas interligadas. Rotas e mais rotas, ou seja, todo um sistema de circulação."<sup>02</sup>

Em relação ao território nacional, o Algarve é a região mais a Sul de Portugal, com uma forma semelhante a um retângulo limitado pelo Oceano Atlântico a Sul e Oeste. O limite Norte é formalizado pela Serra que divide naturalmente entre a região e o Alentejo. O limite Este, é o Rio Guadiana que separa o Algarve de Espanha. O vasto e diversificado território do Algarve, ocupa apenas 5,7% da superfície total nacional, com perto de 155 quilómetros de extensão em comprimento, com uma largura máxima de 55 quilómetros, preenchendo uma área de cerca de 5.000 quilómetros quadrados<sup>03</sup>.

"O Algarve é um Portugal em ponto pequeno. É esta a imagem que nos ocorre a partir da leitura de vários mapas do Algarve. Outra (...) é a de que estamos perante um 'Portugal deitado'. De facto, aqui encontramos 'rodando os eixos', as principais componentes do País, em formato reduzido: as duas unidades geológicas mais marcadas – orla sedimentar e Maciço Antigo; a oposição Litoral-Interior em termos de desenvolvimento sócio-económico e de densidade demográfica; a bipolarização do sistema urbano Portimão-Faro versus Porto-Lisboa."<sup>04</sup>

O Algarve afigura-se sub-dividido em três faixas horizontais correspondentes à Serra, Barrocal e Litoral (Figura 11), estando também segmentado verticalmente, por Barlavento, a Oeste e Sotavento, a Este. Estas divisões devem-se às características que identificam a paisagem natural de cada uma das divisões propostas. As principais diferenças dentro o território encontram-se entre a Serra, o Barrocal e o Litoral que correspondem a geologias distintas e de períodos temporais de formação diferentes.

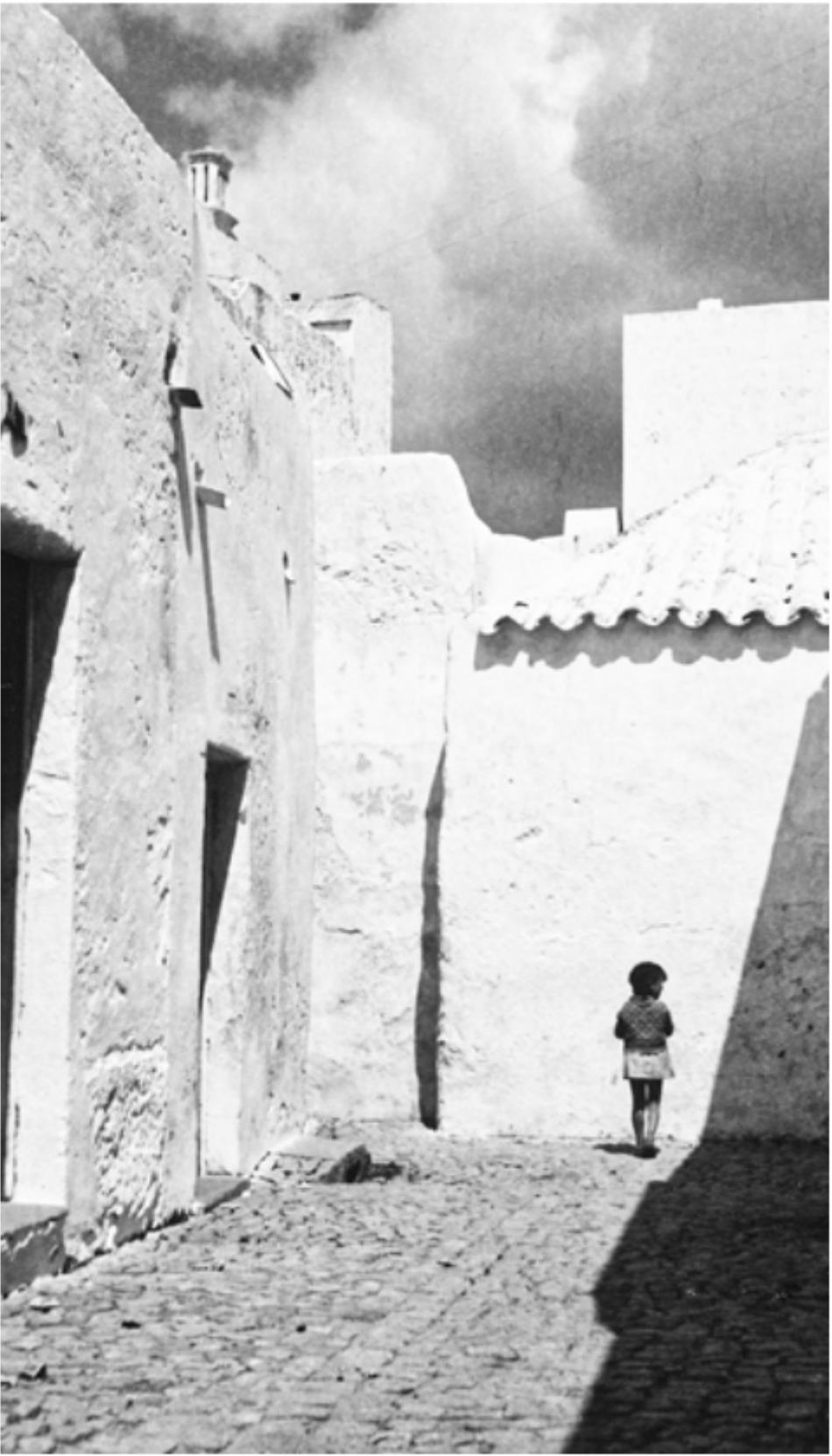
Geograficamente a Serra Algarvia (Figura 04), encontra-se situada entre o Barrocal e a planície Alentejana, ocupando todo o limite Norte algarvio de forma contínua e preenchendo perto de metade de toda a área da região, constituída por duas cadeias

<sup>01</sup> Orlando Ribeiro (1945), Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, p.58

<sup>02</sup> Maria Graça Marques (1999), O Algarve da antiguidade aos nossos dias, p.43

<sup>03</sup> Infopédia, Dicionários Porto Editora, consultado a 18 de Dezembro de 2023

<sup>04</sup> Jorge Gaspar cit. in Arquitetura no Algarve - dos primórdios à atualidade, uma leitura de síntese (2006), p.9



[Figura 03]  
"Beco", Olhão  
© Anur Pastor, Arquivo Municipal de Lisboa  
PT/AMLSB/ART/050304



montanhosas, a Serra de Monchique e a Serra do Caldeirão. É no encontro destas elevações que segundo Amorim Girão, é feita a divisão entre extremos algarvios.

Orlando Ribeiro caracteriza a Serra pelos seus solos pobres compostos de xisto, destacando-se na vegetação os medronheiros, sobreiros, azinheiras e as estevas<sup>05</sup>. Para os "serrenhos", é comum a utilização de expressões como "ir lá abaixo ao Algarve"<sup>06</sup>. A habitabilidade na Serra é difícil, e por isso apresenta uma densidade populacional baixa, sendo constituída por povoações dispersas ao longo do território, entre vales onde os terrenos se mostram mais produtivos para a prática de agricultura em pequenas hortas, por permitirem encontrar e acumular alguma água. Estes serrenhos, "descem até ao algarve"<sup>07</sup> esporadicamente para vender produtos como o carvão, aguardente e medronho e para a compra de peixe, figo e amêndoas que não encontram no território que lhes pertence.

"O isolamento é traço dominante desta área, onde o povoamento penetrou a favor da humidade e dos solos aluviais que as enxurradas acumularam no fundo dos barrancos e aí são retirados por soccalcos; mas ficou até hoje esparso e inorgânico, raros sítio ultrapassando uma dúzia de casas. Os habitantes tiram da horta, do soccalco ou do campinho a subsistências, criam porcos com bolota do sobreiro e vendem a carne e a cortiça, vencendo as distâncias com muros e muare: a falta de caminhos carroçáveis e de estradas modernas (que não tem povoações a servir), ao passo que no Baixo Algarve a carroça concorre largamente com ele. A serra algarvia é assim dos ambientes mais isoladores e conservadores de Portugal."<sup>08</sup>

A faixa compreendida entre a Serra e o Litoral entende-se por Barrocal (Figura 05), ocupando cerca de 13,5% da área da região, com perto de 687 quilómetros, compostos por afloramentos calcários, grés, margas e argilas. Os terrenos ligeiramente acidentados, com largos vales e de precipitação fraca, proporcionam condições ideais para a prática de atividades agrícolas, com o cultivo de figueiras, amendoeiras, alfarrobeiras e oliveiras. Devido às condições ideais de permanência e para o desenvolvimento de várias atividades, o território do Barrocal Algarvio apresenta uma densidade populacional superior à verificada na sub-divisão da Serra, porém inferior ao Litoral. Os seus aglomerados encontram-se distribuídos por todo o território, em pequenos aglomerados e de forma isolada.

O Litoral Algarvio (Figura 06) é a sub-divisão do território que devido à proximidade com a costa, possui solos sobretudo arenosos, calcários e argilosos, distinguindo-se das restantes faixas por apresentar terrenos menos rochosos e bastante férteis, com declive suave e bastantes recursos aquíferos. Estas condicionantes permitem o cultivo de pomares extensos e da produção de hortícolas, vinhas, figueiras e amendoeiras. Para além das práticas agrícolas, a proximidade marítima é fundamental para o desenvolvimento



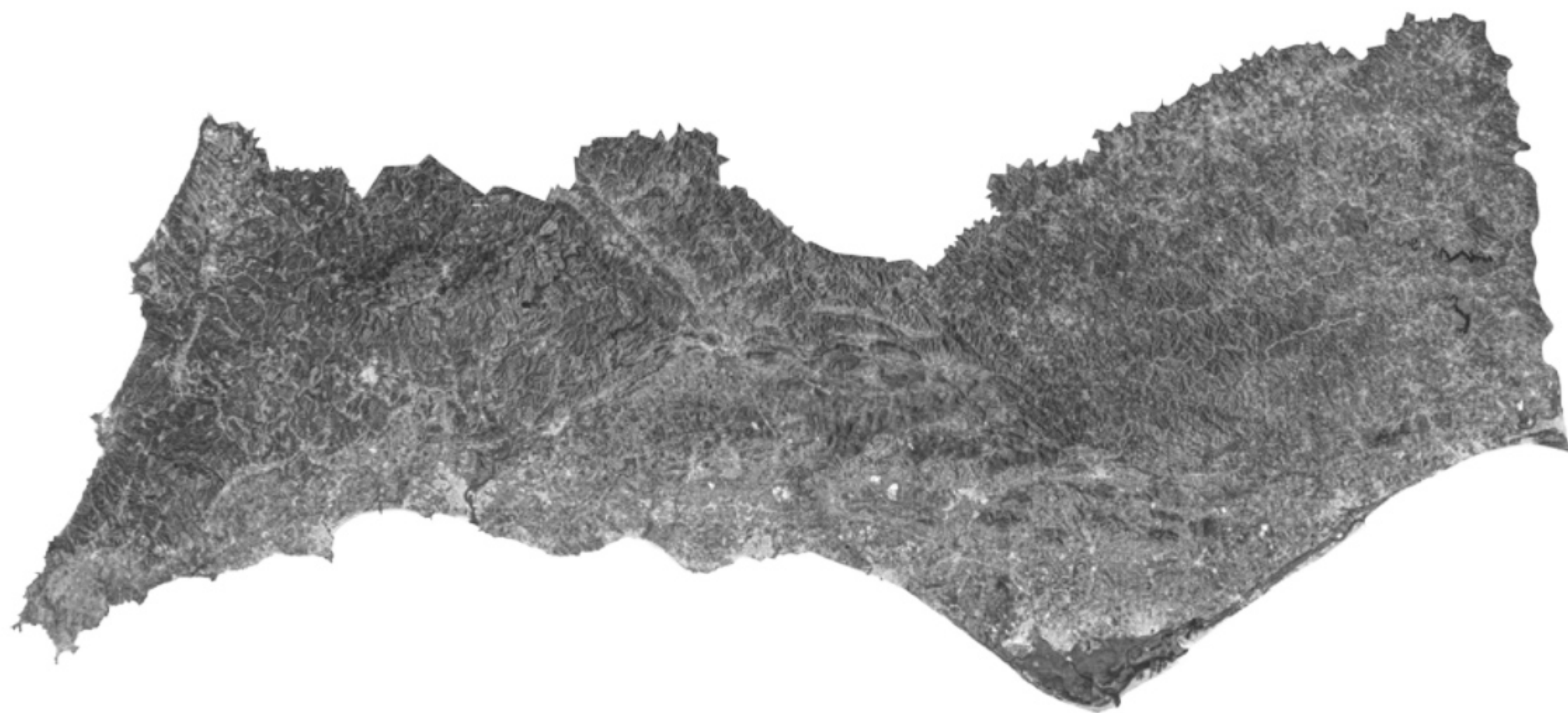
[Figura 04]  
"Aspecto parcial da serra" Monchique  
Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960) © Ordem dos Arquitetos,  
PT-CA-WRP-FAR-MQ003-028



[Figura 05]  
"Aspecto da região", Loulé, 1956  
Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960) © Ordem dos Arquitetos,  
PT-CA-WRP-FAR-LLE00-054



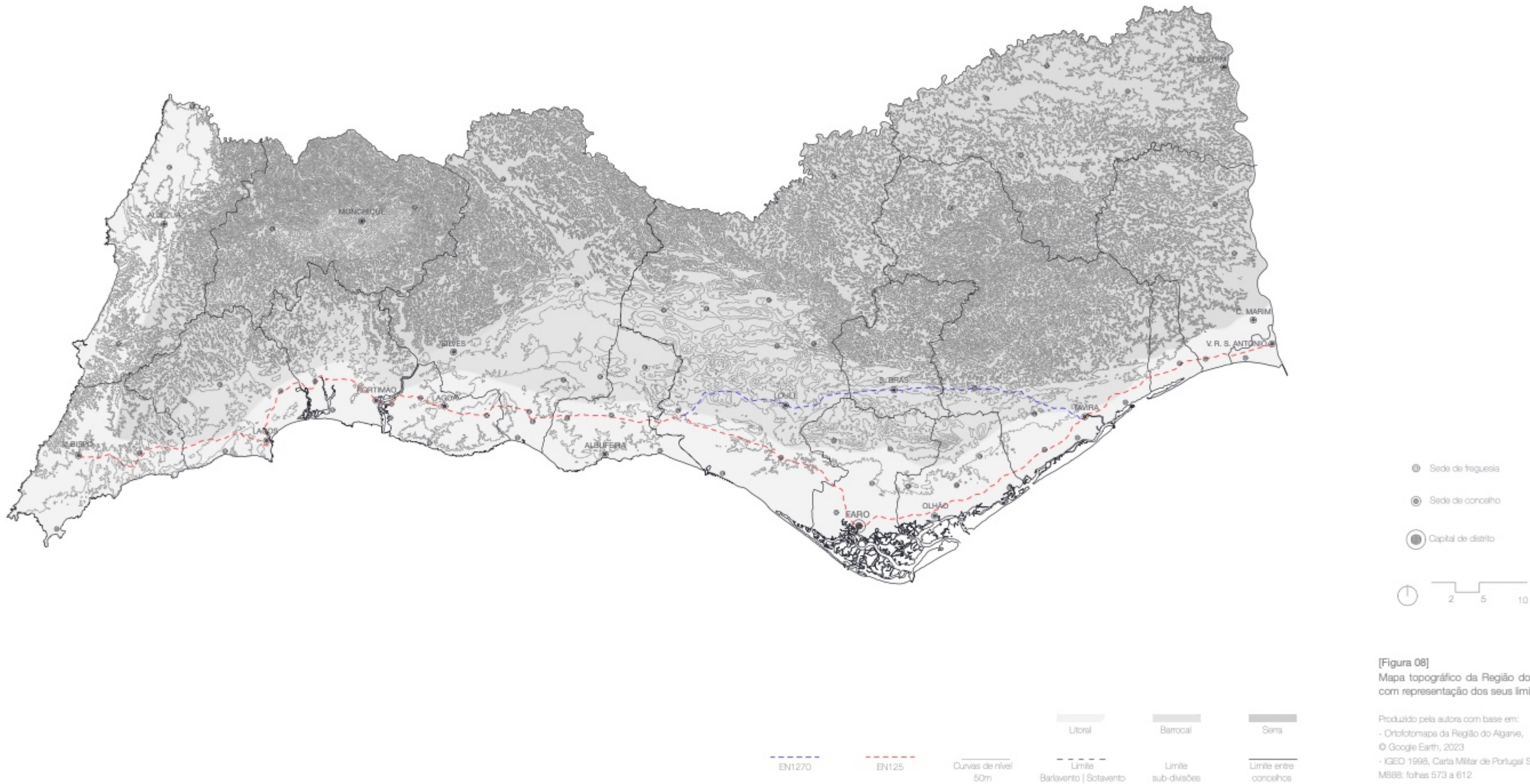
[Figura 06]  
"Praia e barcos", Luz de Lagos, 1956,  
Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960) © Ordem dos Arquitetos,  
PT-CA-WRP-FAR-LGS03-002



[Figura 07]  
Ortofotomapa da Região do Algarve

Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888: folhas 573 a 612





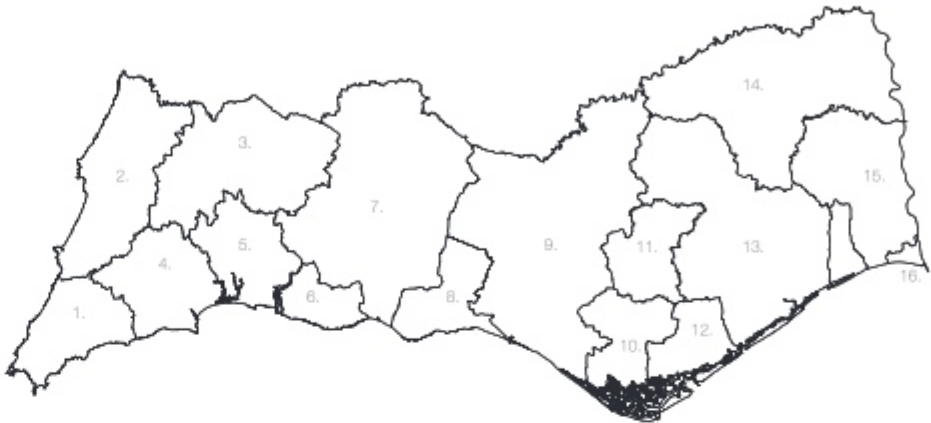
de atividades relacionadas com o mar e a exploração industrial dos produtos que lhes provém, sendo esta a principal atividade económica do povo que a ocupa. É no Litoral que se concentram a maior parte da população algarvia, com os principais aglomerados junto à costa.

“Em contraste com estas serranias isoladas e arcaizantes, o Algarve propriamente dito era, e foi sempre, outro mundo: muito povoado, cortado de uma rede densa de estradas e caminhos, salpicado da brancura das suas casas dispersas, coberto de uma verdadeira «mata cultivada» de figueiras, alfarrobeiras e amendoeiras, com as suas velhas cidades e vilas, rodeadas, desde o tempo dos mouros, os recessos do litoral onde se abriam locais de pesca, os múltiplos recursos da terra e do mar (frutos, mel e sal já exportados na Idade Média), aberto, desde os tempos mais recuados que a Arqueologia permite enxergar, à vida de relação e à ressonância das grandes civilizações mediterrâneas.”<sup>109</sup>

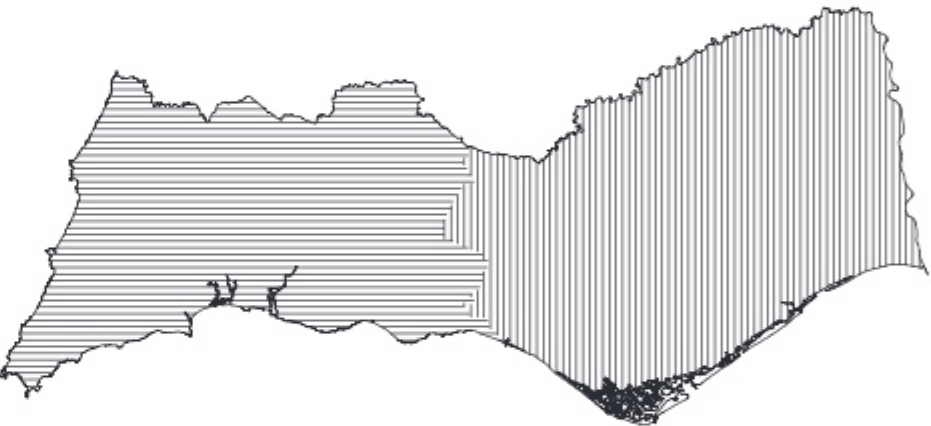
O Barlavento ou Algarve Ocidental (Figura 10), corresponde à área compreendida entre o Cabo da São Vicente em Sagres até à cidade de Quarteira concelho de Loulé, onde o limite costeiro é caracterizado pelo declive acentuado das várias falésias e costa bastante recortada. O Sotavento entre Quarteira e o Rio Guadiana, é composto por extensos areais e por território lagunar com ilhas sapais que compõem a Ria Formosa.

De modo geral o Algarve apresenta invernos suaves e verões moderados e menos quentes, fator determinante para das atividades praticadas e o modo como o Homem se organiza no território, ajuda a definir o seu trabalho, a sua alimentação e também a sua tipologia habitacional e organização social. O clima, é um fator definidor das habitações e infraestruturas da região<sup>110</sup>, influenciando a que na grande maioria das habitações, se encontrem orientadas para sul, fazendo a aberturas dos seus vãos em número e em tamanho reduzido de modo a evitar exposição solar em demasia.

Para além das condicionantes geográficas, geológicas e climáticas mencionadas, os materiais existentes em abundância no Algarve como o calcário e a argila, definem a região. A existência destes materiais permite a sua utilização e dos seus derivados como a cal e cerâmica na construção tradicional das habitações. Tendo sido a taipa, o material mais utilizado nos sistemas construtivos, mesmo em terrenos calcários, dominante em todo o território algarvio, com o calcário a ser reservado para usos mais nobres como o guarnecimento de vãos e revestimentos exteriores, nas típicas caiações de todas as paredes, outras técnicas de revestimentos são feitas a partir da transformação da pedra calcária, como os trabalhos de revelo em massa para adornar chaminés e platibandas, bastante empregue em todo o território<sup>111</sup>.



[Figura 09]  
Mapa concelhos da Região do Algarve  
Produzido pela autora  
1. Vila do Bispo  
2. Aljezur  
3. Monchique  
4. Lagos  
5. Portimão  
6. Lagoa  
7. Silves  
8. Albufeira  
9. Loulé  
10. Faro  
11. São Brás de Alportel  
12. Olhão  
13. Tavira  
14. Alcoutim  
15. Castro Marim  
16. Vila Real de Santo António



[Figura 10]  
Mapa sub-divisões da Região do Algarve  
Produzido pela autora  
Barlavento  
Sotavento



[Figura 11]  
Mapa sub-divisões da Região do Algarve  
Produzido pela autora  
Serra  
Barrocal  
Litoral

<sup>109</sup> Orlando Ribeiro (1967), Formação de Portugal, p.109

<sup>110</sup> “Nada é improvisado, nada é arbitrário, antes pelo contrário, tudo esta devidamente justificado e verificado pela experiência”  
Francisco Keil do Amaral et al. (1961) Arquitetura Popular em Portugal, p.171

<sup>111</sup> José Manuel Fernandes, Ana Janeiro (2006), Arquitetura no Algarve, dos primórdios à atualidade, uma leitura síntese, p.12



"Pela facilidade e rapidez das construção, a taipa teve larga fortuna na expansão portuguesa. Nas regiões tropicais húmidas, em virtude da alteração profunda das rochas, o barro é material quase tão usado como a madeira."<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Orlando Riveiro (1961), Geografia e Civilização, p. 64

No final do século XVIII, a principal atividade de subsistência do povo algarvio concentrava-se na sub-divisão do Litoral, com emprego baseado na pesca e na produção de sal, ou nos meios rural o cultivo de árvores de fruto<sup>13</sup> e de cereais.

<sup>13</sup> O cultivo é sobretudo feito das árvores de fruto trazidas para o território durante a ocupação árabe.

Em 1902, o distrito de Faro é ocupado em mais de 80% da sua área total pelo cultivo de figueiras, amendoeiras e alfarrobeiras<sup>14</sup>. No ano de 1911, cerca de 85% das exportações nacionais eram de produtos de proveniência algarvia<sup>15</sup>, como o fruto destas árvores e também os produtos oriundos das práticas relacionadas com o mar. A estrutura económica do algarvio era então baseada em atividades do setor primário, como a pesca a agricultura e as indústria extrativas destas atividades, sendo frequente a prática das atividades em simultânea de modo a combater o difícil nível de vida, tendo reflexo nas habitações que esta gente ocupa, caracterizadas como modestas<sup>16</sup>.

<sup>14</sup> Maria Graça Marques (1999), O Algarve da antiguidade aos nossos dias, p.72

<sup>15</sup> Idem, *Ibidem*, p.74

<sup>16</sup> Francisco Keil do Amaral et al. (1961) Arquitetura Popular em Portugal, p.89

"No Algarve, onde as populações se distribuem de variados modos por lugares aglomerados e dispersão intercalar, observam-se caracterizados tipos de habitação, de acordo com as condições muito especiais do seu clima e do seu solo, dos tipos de cultura agrícola e arvense - em que predominam a amendoeira, a figueira, a alfarrobeira e a oliveira - ou atividades relacionadas com a pesca."<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Idem, *Ibidem*, p.193

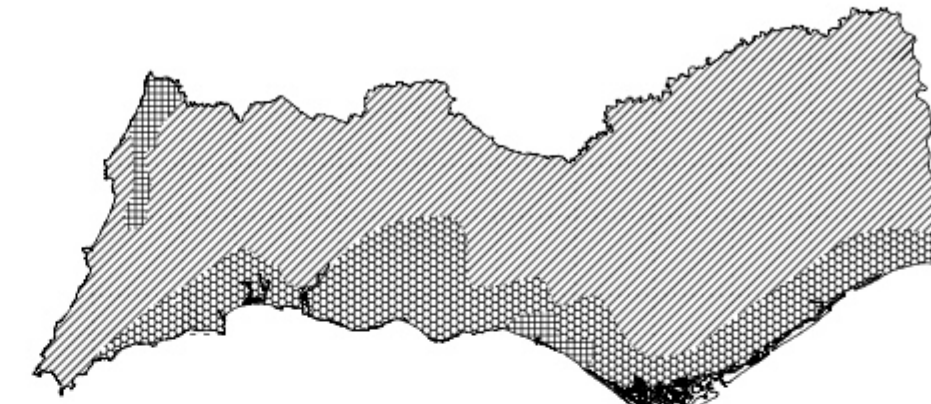
Verifica-se no ano de 1911 existiam aproximadamente no território 91 fábricas, nas quais cerca de 5019 funcionários trabalhavam, sendo que apenas uma pequena minoria da população tinha emprego na indústria fabril. Observa-se uma preferência para os trabalhos agrícolas e de pesca, apesar da maioria destas fábricas estarem diretamente relacionadas com a transformação de produtos alimentares derivados das atividades marítimas, como conservas ou assentes na transformação de frutos secos recolhidos pelas atividades agrícolas<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> Maria Graça Marques (1999), O Algarve da antiguidade aos nossos dias, p.74

No Algarve, o grande crescimento industrial combinado com a exportação de produtos derivados das produções agrícolas, tornou-se um dos principais fatores do forte crescimento urbano que foi observado no final do século XIX e início do século XX.

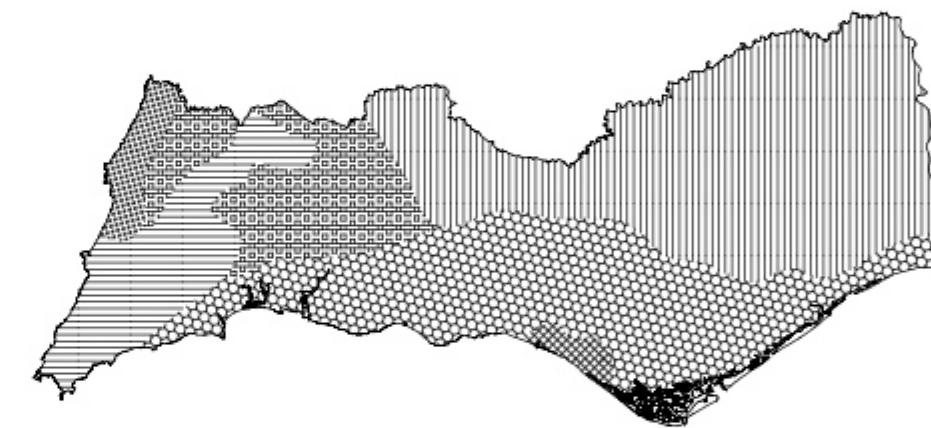
Este crescimento impôs que nos grandes centros urbanos, das principais e mais desenvolvidas cidades da Região Algarvia tivessem que rapidamente sofrer um aumento considerável do número de habitações. Este aumento do número de habitantes e de habitações, obrigou à criação de novos traçados urbanos, para a fixação de mão de obra, necessária para a indústria conserveira e atividades agrícolas sazonais que se observaram no território ao longo de várias décadas<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> Idem, *Ibidem*, p.78



[Figura 12]  
Mapa "Economia agrícola" da Região do Algarve  
Produzido pela autora

- Árvore dominante
- Áreas pouco cultivadas
- Culturas de montanha e maquia



[Figura 13]  
Mapa "Tipos de povoamento" da Região do Algarve  
Produzido pela autora

- Lugares aglomerados com dispersão intercalar
- Dispersão e disseminação
- Áreas despovoadas
- Dispersão em áreas isoladas
- Aglomeração com dispersão intercalar



[Figura 14]  
Mapa "Materiais" utilizados na construção da Região do Algarve  
Produzido pela autora

- Taipa
- Alvenaria não especificada
- Alvenaria de xisto
- Alvenaria de calcário
- Alvenaria de fofo
- Alvenaria de grés de Silves
- Zona de fornos de tijolo
- Adobe





[Figura 15]  
Faro, Salinas. Década de 40  
© Artur Pastor, Arquivo Municipal de Lisboa



[Figura 16]  
Algarve, décadas de 50/60  
© Artur Pastor, Arquivo Municipal de Lisboa



[Figura 17]  
"Casa com platibanda", C. Marim, 1955  
Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960) © Ordem dos Arquitetos, PT-OA-IARP-FAR-CTM02-012  
#15.01.04



## II. Arquitetura Popular Algarvia

A Arquitetura Tradicional e Popular Algarvia, possui características que advêm da paisagem natural do território e fruto da sua cultura com bases mediterrânicas, com reprodução de modelos de influência muçulmana, na configuração tipológica e modo de aplicação dos materiais com identidade iconográfica única que se distinguem no território nacional.

A singularidade dos vários modelos habitacionais neste território, traduz-se sobretudo pela aplicação de objetos que muitas vezes ultrapassam a sua função principal e transformam-se também em elementos arquitetónicos decorativos. São exemplo de destaque pelo forte caráter decorativo a chaminé e a platibanda, elementos de natureza exterior, presentes nas fachadas principais e exibidos orgulhosamente, demonstrando o gosto pessoal dos ocupantes e capacidade financeira, capaz de encomendar estas peças escultóricas. Esta tipologia habitacional popular, largamente difundida na região denomina-se de "Casa-Fachada", onde os proprietários orgulhosamente mostram as suas poses e os mestres-artífices demonstram a sua prática de aplicação de relevos em massa pela utilização de várias técnicas próprias, nos objetos da platibanda e da chaminé.

Conscientes do legado arquitetónico popular e da necessidade do seu registo, ao longo dos anos, vários arquitetos, etnográficos, geógrafos e engenheiros, dedicaram-se ao estudo da temática, sobretudo à análise da habitação popular, publicando obras que estudam o património habitacional construído no Algarve, dando-nos atualmente a possibilidade de serem analisados com mais detalhe, as várias tipologias arquitetónicas, contribuindo para o seu conhecimento e divulgação.

É durante o século XX, que podemos definir dois momentos principais de reflexão com muito relevo para o estudo da arquitetura popular portuguesa<sup>20</sup>. O primeiro com a figura principal do arquiteto e artista Raul Lino e o "Movimento da Casa Portuguesa", com as publicações de "A Nossa Casa: Apointamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples" de 1918 e posteriormente em 1933 "Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitetar das casas simples". Um segundo momento o "Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal" promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos e realizado entre 1955 e 1960, publicado posteriormente como "Arquitetura Popular em Portugal" em 1961, tendo como principais figuras os arquitetos Francisco Keil do Amaral, Fernando Távora, Nuno Teotónio Pereira e Alfredo da Mata Antunes. O "Movimento da Casa Portuguesa", centra-se na hipótese de haver um único tipo de habitação popular em cada região, com um conjunto de características que são comuns em todas as regiões, indiferentes às condicionantes geográficas, enquanto que o Inquérito, propõe uma profunda análise e apresenta a diversidade dentro das diferentes regiões nacionais.

"No entanto, se a primeira foi reproduzida acriticamente, vilipendiada pelos intelectuais modernos e repensada pelas elites pós-modernas, já o Inquérito goza de um lugar relativamente seguro na história, sendo recorrentemente citado no pensamento e prática da arquitetura contemporâneos."<sup>21</sup>

<sup>20</sup> Marta Prista (2016), Memória de um Inquérito na cultura arquitetónica portuguesa, p.273

<sup>21</sup> Idem, *Ibidem*, p.273



[Figura 18]  
"Ângulos, sombras e desenhos", Faro,  
© Artur Pastor, Arquivo Municipal de Lisboa  
PT/AVLSB/ART/050265



II.I. Raul Lino e o “Movimento da Casa Portuguesa”

Raul Lino (1879-1974), obtém a sua formação académica na Alemanha, tendo um papel fundamental na doutrina para a discussão da prática do habitar em Portugal. O arquiteto nas suas obras apresenta um catálogo de sugestões para habitações a construir em cada região portuguesa. A sua obra construída de carácter público e privados, experienciando a prática da arquitetura com o desenvolvimento de casas, quintas e palácios espalhados por todo o território português.

Em 1918, publica “Nossa casa: apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples”<sup>22</sup> onde apresenta uma proposta de tipologia habitacional para cada região portuguesa. Segundo o autor, a sua intenção é orientar o leitor para a construção de habitações suburbanas familiares, de estatuto social económico médio alto, desenvolvendo uma proposta romântica, pitoresca, numa tentativa de retratar o passado glorioso português e para a construção “simples e confortável”. Raul Lino, antes de apresentar o modelo tipológico para cada situação geográfica, faz uma abordagem geral em que fala sobre o seu conceito de bom gosto, fazendo referência a situações que verificou em países estrangeiros, fazendo uma crítica ao estado em que encontrou as habitações portuguesas, e algumas sugestões de como melhorar a habitabilidade das construções em Portugal.

“A importância de Lino reside, em larga medida, no seu papel como principal proponente arquiteto na campanha em desfecho de uma «Casa Portuguesa», em palavras e em obras, entre 1900 e os anos de 1940. (...) a questão da «Casa Portuguesa» transferiu-se rapidamente para a esfera da prática arquitetónica: uma iniciativa científica destinada a recolher provas de práticas passadas transformou-se numa tentativa de restabelecer a harmonia do ambiente construído vista como entretanto perdida, através de um conjunto de normas para construções futuras.”<sup>23</sup>

“Não há toldo que iguale em beleza um latada cobertura por videira, que depois de nos deliciarem nas diferentes fases com a sua sombra seus frutos e matizes, se despem completamente para deixar passar o apetecível sol de inverno.”<sup>24</sup>

Raul Lino destaca a ideia da importância da Casa Fachada no Algarve, pelo valor a que os habitantes dão aos elementos decorativos exteriores, em que a composição da fachada é o orgulho do proprietário, existindo uma “competição saudável” entre fachadas, porém refere que esta prática não possui qualquer lógica<sup>25</sup>. Apesar de homenagear estes elementos, em “Casa para as regiões do Sul”, propõem uma habitação com construção feita com o recurso ao betão armado, a que vê como uma vantagem, que não dignifica as matérias primas tradicionais e estimadas pelos Algarvios. Raul Lino critica ainda a cor “antipática” da telha lusa e por isso a cobertura cerâmica é caçada, não fazendo referência à aplicação de caliações nas paredes exteriores como se verificou por toda a região.



21. CASA NUMA CIDADE DO ALGARVE — Suprimida alguma cantaria e substituído o alpendre por tabuleiro de cimento armado, logo teríamos casa à moda actual. Não víamos nisso porém apreciável vantagem — técnica, económica ou sentimental.

[Figura 19]  
“Casa numa cidade do Algarve”  
In Raul Lino (1993) Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquiteto das casas simples

<sup>22</sup> Raul Lino (1918), A Nossa Casa: apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples

<sup>23</sup> Ricardo Agarez (2023), A Construção do Algarve, p.72

<sup>24</sup> Raul Lino (1918), A Nossa Casa: apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples, p.82

<sup>25</sup> Idem, *Ibidem*, p. 87



"A pessoa para quem este projeto foi destinada não manifestou desejos especiais quanto ao aspeto das fachadas. Quis, sim, qualquer coisa muito simples, e ainda que a sua felicidade não dependa no presente casa da exteriorização dum culto afincado de tradições, nunca a poderia seduzir qualquer extravagância ou exotismo falho de lógica."<sup>26</sup>

<sup>26</sup> Idem, *Ibidem*, p. 87-88

Posteriormente trabalha em 1933 sobre os mesmo ideias e tema em "Casas portuguesas: Alguns apontamentos sôbre o arquitetar das casas simples", patrocinado pelo Regime do Estado novo, onde propõe o arquétipo de uma "Casa numa Cidade do Algarve" (Figura 19).

Raul Lino demonstra preocupação sobre o estado das habitações das classes com menos condições financeiras, que seguem "(...) no caminho da simplificação e do regime coletivo". Onde defende ser necessário até nas habitações mais precárias, a intervenção de profissionais qualificados que assumam as qualidades técnicas e artísticas das construções.

O governo português, preocupado com a imagem que seria conveniente mostrar como forma de propaganda, procurou escolher elementos arquitetónicos de carácter regional que contribuíssem para a imagem conservadora pretendida para a restante Europa.

Porém elementos empregues de forma decorativa na Casa-fachada como a chaminé trabalhada e platibanda como ornamentos iconográficos em relevo, exteriores ao imaginário português desejado, mostraram-se no Algarve como inimigos à propaganda, por não serem compreendidos por se relacionarem mais com imagens de arquiteturas do Mediterrâneo que com outras imagens nacionais desejadas glorificar.

Raul Lino propõe como modelo de uma "Casa numa Cidade do Algarve" (Figura 19), uma habitação com janelas verdes, onde se observam várias influências arquitetónicas presentes no território, reunidas num volume simples e paralelepípedo de dois pisos. Surgem motivos árabes e até asiáticos, como a telha de rincão inseridos em elementos decorativos, as chamadas "pombas", com chaminé de balão típica da cidade de Olhão.

Apesar da utilização destes elementos comuns à arquitetura tradicional, nesta proposta, surgem dispersos de forma descontextualizada, numa tentativa de criar um estilo nacionalista, com atitude revivalista, porém sem uma leitura real do seu contexto, à qual a arquitetura habitacional algarvia não foi verdadeiramente representada.

"Sente-se que Lino não está à vontade com esta casa "meio-marroquina", fora das regras mais correntes da suposta "Casa Portuguesa". Faltam-lhe as águas de telhado inclinado, com remate em beiral e "pombinha", e faltam-lhe as volumetrias mais animadas e castiças... Curiosamente, Lino refere na legenda: "Suprimida alguma cantaria e substituído o alpendre por tabuleiro de cimento armado, logo teríamos casa à moda atual. Não veríamos nisto porem apreciável vantagem - técnica, económica ou sentimental."<sup>27</sup>

<sup>27</sup> José Manuel Fernandes, Ana Janeiro (2008), A casa popular no algarve, espaço rural e urbana, evolução e atualidade, p.22



[Figura 20]  
"Casa no Sul"  
In Raul Lino (1993) Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitetar das casas simples



[Figura 21]  
"Casa sub-urbana no sul"  
In Raul Lino (1993) Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitetar das casas simples





[Figura 22]  
"Pavimento de rua", Mealhas, São Brás  
de Alportel, 1955,  
Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa  
(1956-1960), © Ordem dos Arquitetos  
PT-04-VAPP-FAR-SBA00-005

### II.II. Do Inquérito à “Arquitetura Popular em Portugal”

Entre os anos de 1955 e 1960, o Sindicato Nacional dos Arquitetos, desenvolveu ao longo do território português, um levantamento sistemático das construções de cariz popular português, tendo como premissa o objetivo de reunir as principais características e particularidades arquitetónicas de cada região, em risco de desaparecimento. O trabalho baseou-se numa metodologia de recolha de informação através do trabalho de campo em que cada equipa de arquitetos, ficou responsável por uma “zona” da região de portuguesa. O trabalho produzido pelo Inquérito, resultou posteriormente na publicação em 1961 no livro “Arquitetura Popular em Portugal.

“Arquitetura Popular em Portugal não tem por objetivo, nem se pode considerar, como conclusão do Inquérito realizado. Os seus ficheiros constituem largo e rico material de investigação e estudo, ao dispor de todos os interessados, e dele outros trabalhos hão-de com certeza resultar, tão vastos e complexos são os documentos que arquiva, a informação que oferece, as questões que levanta. Problemas há que não dizem apenas respeito à Arquitetura, mas a outros setores culturais, e que um dia serão decerto aproveitados.”<sup>28</sup>

Na Região do Algarve, objeto de estudo da “Zona 6”, a equipa composta por Artur Pires Martins, Celestino de Castro e Fernando Torres, levantou, registou e fotografou as principais características da região, com especial atenção para o modo como as habitações se distribuem no território em diferentes tipologias adequadas ao meio em que se enquadra. No capítulo “Estrutura urbana”, é destacada a importância à proximidade com a água, para o desenvolvimento dos aglomerados, como resposta para o clima seco da região, com regime de chuvas fraco, e à necessidade de estruturas e sistemas para a obtenção e recolha de águas, o poço é equipamento principal nos povoados. Devido à falta de chuva, a cobertura é um elemento de extrema importância, tal como a existência de eira junto às habitações.

“Mas o que individualiza estes aglomerados, é a predominância das coberturas horizontais, as açoteias, mas casas de rés-do-chão. Estas foram depois aumentadas em altura, com novos volumes - o mirante e contra mirando dos quais se acede por escadas exteriores. lembram, estas construções, os povoados marroquinos e alguns da costa mediterrânea espanhola, certos autores pretendem ver neste tipo de casas restos de influência árabe, outros essencialmente, uma derivante climática.”<sup>29</sup>

Características climáticas são referenciada no levantamento, como a forte exposição solar, que influência a abertura reduzida de vãos nas fachadas orientadas a Sul, e a existência outras infraestruturas capazes de ajudar a mitigar o calor, como parreiras e alpendres. De modo a tirar proveito desta exposição solar, a introdução de açoteias e os pátios nas tipologias habitacionais como espaços bastante utilizados.



[Figura 23]  
“Casas de Quarteira.” Quarteira  
© Artur Pastor, Arquivo Municipal de Lisboa  
PT/AMLSB/ART/011399



[Figura 24]  
“Rua” Olhão, 1955  
Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa  
(1955-1960) © Ordem dos Arquitetos  
PT-CA-ARP-FAR-OLH02-004

<sup>28</sup> Francisco Keil do Amaral et al. (1961)  
Arquitetura Popular em Portugal, in  
Prefácio 1ª Edição

<sup>29</sup> Idem, *Ibidem*, p. 148



No capítulo “Tipos de habitação”, são apresentadas as diferentes tipologias de habitação que a equipa de arquitetos encontraram nas diferentes Zonas. A equipa do Algarve liderada por Artur Pires Martins observa existência de características comuns a todos os modelos, como exemplo a simplicidade das suas composições de apenas um piso de dimensões modestas, onde apesar de o exterior se mostrar muito cuidado, o interior possui menos dedicação e demonstra a pobreza dos ocupantes.

De modo a ser perceptível a distribuição das diferentes construções, é adicionado um “mapa tipológico” (Figura 27) com os modelos habitacionais que foram encontrados no levantamento da zona algarvia, tal como aconteceu com as restantes zonas do Inquérito:

“Habitação do Baixo Algarve, com forno, estábulo, pocilga, galinheiro, etc.; cobertura de uma ou duas águas, com ou sem chaminé; alvenaria de taipa, pedra ou tijolo; pavimentos em tijoleira ou terra batida. (Figura 25)

Habitação na encosta noroeste de Monchique: pocilga, galinheiro, forno interior, ausência de chaminé, alvenaria de foiaite; pavimento em terra batida e sobrado.

Habitação no Algarve Central: cobertura mista – telhado e açoteia utilizável; alvenaria de calcário, tijolo ou taipa; pavimento de tijoleira e vãos guarnecidos a cantaria. (Figura 29)

Habitações em profundidade e em fila nas vilas de Olhão e Fuseta: açoteias utilizáveis sobre as abóbadas de tijoleira cobrindo o rés-do-chão e no 1º andar sobre dormentes; pavimentos em tijoleira; acesso à açoteia pelo pátio posterior.

Habitação de pescadores nas costas arenosas: uma ou duas divisões; estrutura de madeira coberta de colmo ou ‘estormo’; pavimentos em terra.

Habitação junto do vale do Guadiana: fomalha exterior adossada, ausência de chaminé, alvenaria de xisto, cobertura em geral de uma só água; pavimentos em terra batida.”<sup>30</sup>

<sup>30</sup> Idem, *Ibidem*, p. 227

Para um estudo da Habitação do Baixo Algarve, são analisados quatro exemplos de construções situadas junto ao Litoral: uma construção em taipa em Ponte de Stº Estevão, uma outra em alvenaria de pedra no Sítio do Meloal, um exemplo nas Quatro Estradas em Lagos e uma degradada construção em Maria Vinagre, localidade do município de Aljezur.

Outro modelo tipológico proposto é a “Habitação na encosta noroeste de Monchique”, onde são encontradas pelos autores, várias construções que apresentam aspetos diferentes na organização das habitações pelo modo de vida dos seus ocupantes, tendo mais semelhanças com modelos em regiões serranas da Beira e do Norte de Portugal do que propriamente com outros modelos algarvios.

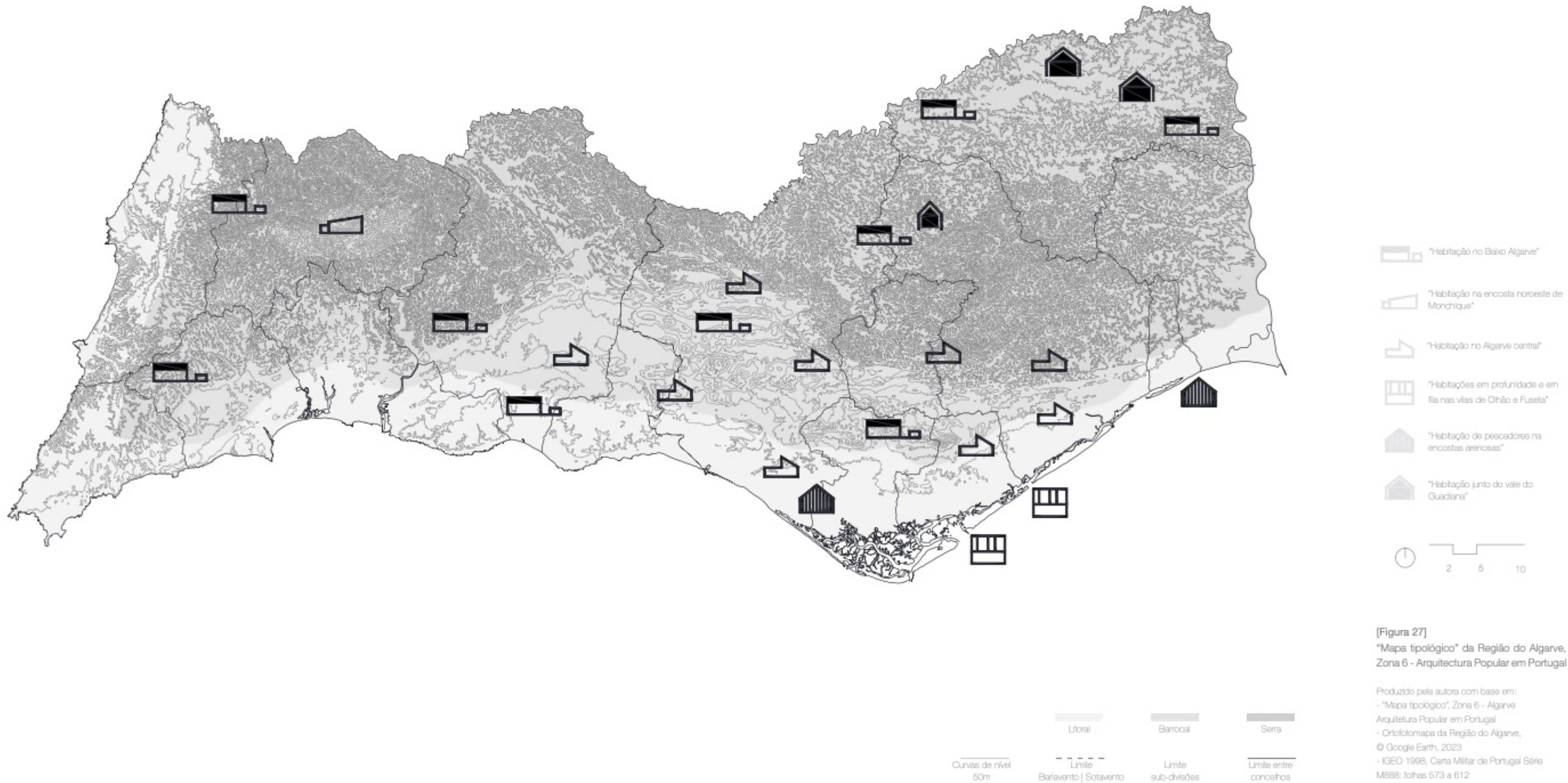
Na tipologia do Algarve Central, é estudada a povoação da Curneada, na Serra do Caldeirão, com construções agrupadas junto a um pátio com bancos e floreiras, um “agradável” espaço de conjunto. O pátio constitui a principal zona do aglomerado, fazendo a ligação entre as construções de habitação e de serviços. O conjunto partilha características do



[Figura 25]  
“Casa, pátio e parreira” Corte Serrano,  
Alcoutim, 1955  
Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa  
(1955-1950), © Ordem dos Arquitetos  
PT-OA-IARP-FAR-ACT00-007



[Figura 26]  
“Platibanda”, Faro, 1955  
Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa  
(1955-1950), © Ordem dos Arquitetos  
PT-OA-IARP-FAR-FAR00-023





Baixo Algarve, pela presença de chaminé rendilhada e da organização interior dos espaços.

Nesta zona, a cobertura plana em açoteia permite para além do aproveitamento da recolha da água das chuvas, que exista um espaço destinado para a secagem de frutos e cereais. Esta cobertura plana pela importância que possui, representa também uma divisão da habitação, com a mesma função que o um pátio ou uma eira, para além de permitir a visualização das condições marítimas. O interior das habitações é simples e normalmente com dois quartos junto à fachada, o acesso à açoteia é feito na cozinha por uma escada.

No estudo de "Habitações em profundidade e em fila nas vilas de Olhão e Fuseta" (Figura 32), referem que estes "dois aglomerados de notável originalidade e especial significado, distintos e sem par na província algarvia (...)", possuem proveniência, da forte relação do povo olhanense com o mar e Marrocos, tendo sido observadas diversas semelhanças também culturais.

Um importante apontamento sobre o tema da Casa-Fachada no Algarve, surge no seguimento no Inquérito, onde é feito um levantamento dos "elementos de valorização". Valioso contributo para a caracterização dos componente da arquitetura popular na região, em que incluem elementos soltos, "(...) embora reconheçamos ser inegável e positivo o seu interesse do ponto de vista da qualidade e riqueza de expansão".

Para além de elementos novos e outros já anteriormente mencionados ao longo do levantamento, que os autores acharam por bem voltar a fazer referência para que sejam especialmente notados aqui. A intenção da menção destes elementos surge de modo a proteger os mesmos, que se encontram em ameaça devido à falta de conhecimento sobre os materiais e técnicas neles aplicados e pela introdução de novos objetos compostos por "estéticas não enraizados" a que se referem como "infelizes e negativos exemplos".

Para a análise do elemento da platibanda, o Inquérito apresenta um exemplo em Pêra, concelho de Silves e um exemplo na cidade de Tavira. Apesar da escolha destes dois exemplos para demonstrar a importância do elemento da platibanda no território, no espólio fotográfico feito durante o Inquérito, observa-se uma quantidade considerável de registos de habitações decoradas com platibandas, testemunhando a existência do modelo de Casa-Fachada ao longo de toda a Região Algarvia.

"A platibanda, atinge grande importância a arquitetura local constituindo, a proteção lógica das suas açoteias, e por vezes das vertentes dos telhados, onde se encosta a caleira de recolha das águas. Mas, o que populariza a platibanda algarvia, é a riqueza que, por vezes apresenta a sua decoração, riqueza que, como já se acentuou, esta intimamente relacionada com as ostentação que o algarvio exprime à sua casa com determinadas regiões."<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Idem, *Ibidem*, p. 230



[Figura 28]  
Tavira, 1955  
Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa  
(1966-1960) © Ordem dos Arquitetos  
PT-OA-IARP-FAR-TVR00-006



[Figura 29]  
Olhão, 1955  
Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa  
(1966-1960), © Ordem dos Arquitetos  
PT-OA-IARP-FAR-OLH02-012





[Figura 30]  
Postal "Algarve - Casa Típica"  
Arneiro, Loulé  
#09.05.16



### III. Platibanda no contexto da Casa-fachada do Algarve

É durante o século XIX, que se observa a estabilidade política, económica e social necessárias que permitem as condições essenciais para o desenvolvimento de uma identidade arquitetónica no território algarvio. Já conhecidas as vantagens das técnicas construtivas tradicionais, em conjunto com a introdução de novos materiais inovadores resultantes dos avanços industriais, foram observadas melhorias relevantes na arquitetura doméstica algarvia. Em prática, a construção algarvia aplica durante este período, as vantagens dos novos materiais mais resistentes com o conhecimento e técnicas provenientes da arquitetura vernacular e tradicional, criando uma arquitetura com identidade própria e adequada ao contexto. É durante este período que a casa algarvia atinge o seu máximo expoente decorativo, com um desejo constante de representar na fachada principal o gosto pessoal dos seus habitantes. Surgiu assim o conceito de "Casa-fachada", onde se observa para grande importância dada à composição exterior, onde os objetos da chaminé e platibanda, adquirem grande relevância na fachada pelas suas decorações e cores aplicadas.

A Casa-Fachada, define-se como uma habitação de dimensões modestas, em que no seu alçado principal, é sobretudo caracterizada pelos elementos arquitetónicos e decorativos da chaminé e platibanda, que por possuírem grande valor estético, e que por contribuírem de forma ativa para a harmonia compositiva do aspeto exterior, se tornaram elementos fundamentais para a caracterização das habitações populares no Algarve. Neste modelo habitacional, marcado por uma linha simétrica, a existência de cantarias ou por trabalhos de massa nos seus vãos, uma chaminé decorada pelo rendilhado e cores aplicadas, a combinar com os vários relevos em massa presentes na platibanda e revestimento das suas paredes, tornam a fachada principal, a "cara da habitação", no que podemos designar como também "casa cenário"<sup>32</sup>, onde o elemento da platibanda surge manifestando a sua soberania de forma imponentemente representando o papel de coroa.

Todavia, se em outras regiões portuguesas, o exterior não é valorizado e por isso a composição das suas fachadas é pouco decorada, no Algarve a decoração e cor são componentes obrigatórias, expondo os conceitos de beleza dos proprietários e as suas possibilidades financeiras, que participam no patrocínio dos ocupantes, como um cartão de visita ao gosto popular.

Ao contrário ao que se verifica na vivência alentejana, onde várias gentes se reuniam na cozinha, perto da grande estrutura da chaminé e de forma a combater o clima, no Algarve, o ambiente exterior permitia uma maior abertura para a convivência no exterior, por isso importava o aspeto deste, invés do conforto interior que raramente recebia visitas.

"Pelo contrário a casa de fachada, visual e não oral, nunca chegou a adquirir os aspetos de autossuficiência e autonomia atribuíveis à casa de pátio interior. A casa de fachada exige uma vida urbana que se lhe associe em termos de necessária complementariedade visual, enquanto que a casa de pátio interior assume perfeitamente o isolamento absoluto."<sup>33</sup>



[Figura 31]  
"Casa tradicional", Algarve  
© Artur Pastor, Arquivo Municipal de Lisboa  
PT/AML53/ART/030013

<sup>32</sup> Jacinto Palma Dias (1994), O algarve Revisitado, p.30

<sup>33</sup> José Manuel Fernandes, Ana Janeiro (2008), A casa popular no Algarve, espaço rural e urbana, evolução e atualidade, p.49



<sup>34</sup> Helder Pacheco (1985), Portugal: Património Cultural Popular

“Eles (os ornamentos) são indispensáveis á arquitetura, tanto funcional como esteticamente. Os pormenores de natureza estética acentuam as proporções duma construção, valorizam as superfícies, harmonizam os espaços, realçam as características essenciais de qualquer obra que, despojada de tais componentes, se desprioriza e, em muitos casos, se desumaniza.”<sup>34</sup>

A platibanda é o prolongamento da parede da fachada principal, por onde as águas pluviais são escoadas através de caleiras e elemento de proteção da cobertura plana, que foi gradualmente tornando-se num objeto de singularidade pelo uso de decoração. A partir do final do século XIX, construções de todo o território algarvio, são rapidamente contagiadas por esta tipologia mais ornamental com a intenção de ser notada na paisagem, tendo copiado para as suas construções em aglomerados consolidados ou em propriedades isoladas. No interior destas habitações, verificam-se ligeiras variações tipológicas, dependendo das necessidades de adaptação às condicionantes geográficas e do estilo de vida dos seus ocupantes.

Os motivos decorativos, são aplicados sobretudo pela utilização de relevos em massa de estuque, com a sua reprodução com recurso a várias técnicas, empregues pelo mestre artífice, podendo ainda adornar as molduras de vãos. A fachada, para além do seu tradicional revestimento por cal, pode ainda ser decorada por diferentes revestimentos com grande plasticidade, como a escaiola. Este fenómeno relacionado com a decoração e ornamentação cuidada e exuberante das fachadas, encontra-se patente sobretudo no território compreendido entre as cidades de Loulé, Faro e São Brás de Alportel, constituindo uma área de maior predominância de uma tipologia habitacional, que representava nas suas fachadas vários motivos ornamentais. Nesta tipologia, o elemento da platibanda constitui, o símbolo de maior orgulho para os proprietários, onde lhe são aplicados relevos e cores vivas.

<sup>35</sup> Jacinto Palma Dias (2015), Estéticas e inestéticas no algarve contemporâneo, p.20

“Para que a cenografia dessa arquitetura sem arquiteto funcione é obrigatório que a cor se defina com nitidez e para isso urge - como para qualquer pintor, a utilização de uma tela. Na arquitetura Algarvia a tela é a caição da casa, o branco”<sup>35</sup>

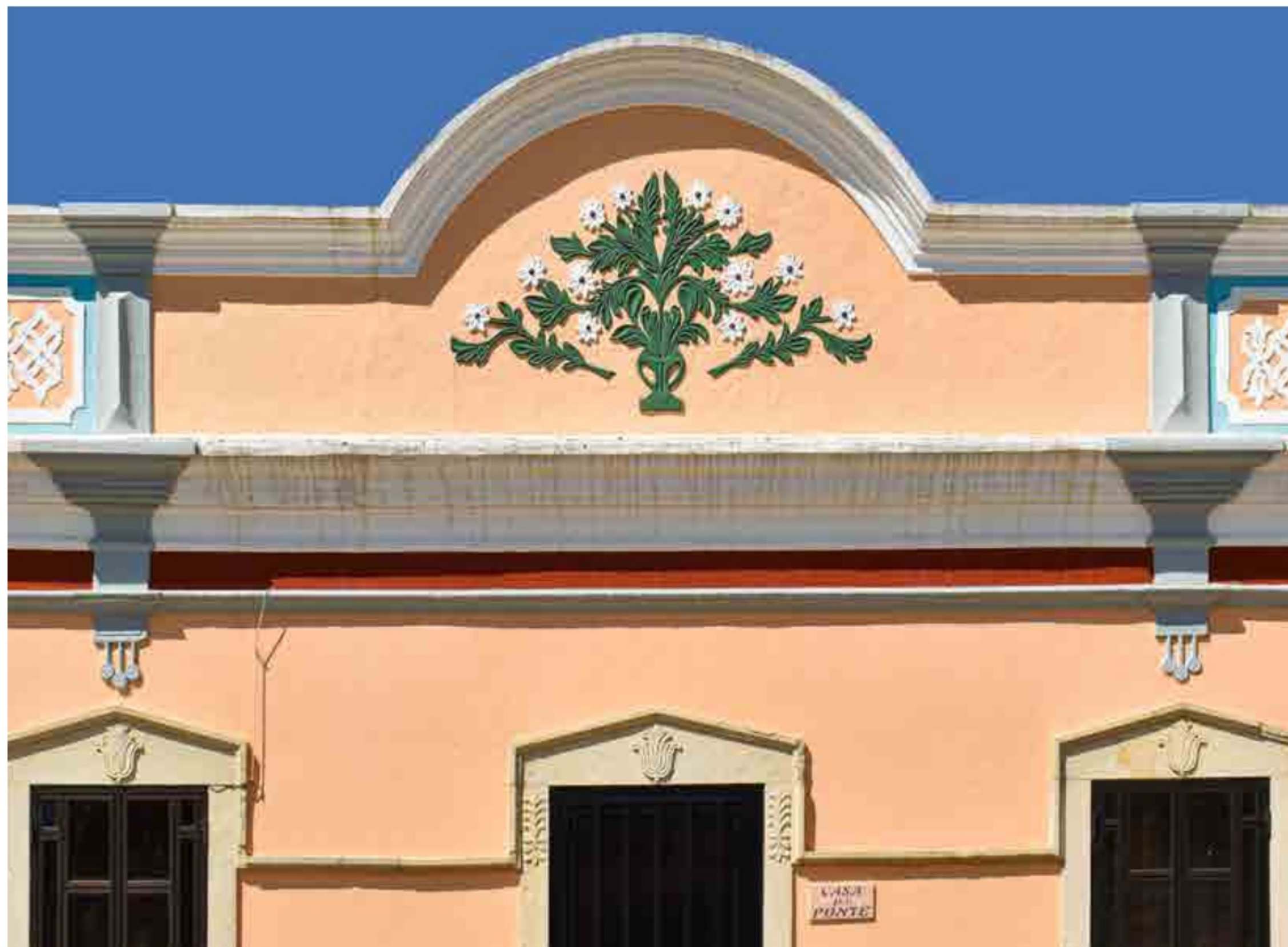
Componentes aparentemente comuns, como as paredes caiadas, proporções dos vãos e posição nas fachadas principais marcadas pela simetria, podem ser observadas a partir dos elementos das chaminés e platibandas a tentativa de evitar a repetição, para que as construções se mostrem individuais, num processo de ostentação para o patrocinador e para o mestre artífice. Era na fachada principal da construção, onde a presença de ornamentos era sinónimo de prestígio e poder, que os transeuntes testemunhavam o estatuto e bom gosto do proprietário. No Algarve, observa-se uma constante competição entre casas-fachadas, onde os ornamentos exteriores se mostravam como um método de diálogo para a transmissão de mensagens, entre quem testemunhava o alçado principal, mas também com o meio espiritual através do uso de símbolos iconográficos, como o losango<sup>36</sup>.

<sup>36</sup> Jacinto Palma Dias (1994), O algarve Revisitado, p.86



[Figura 32]  
Platibanda decorada, 1930  
Faro, Santa Bárbara de Nexe  
#10.04.07  
Fotografia: autora





[Figura 33]  
Platibanda decorada, Loulé, Tôr  
#09.03.12  
Fotografia: autores



<sup>37</sup> Jacinto Palma Dias (2015), Estéticas e inestéticas no algarve contemporâneo, p.26

“Ora a originalidade da casa de fachada e platibanda no Algarve é a de ser uma arte de rua, talvez a primeira entre todas. A rua é um componente desta habitação. É o seu imperial significante. Por isso a casa se torna num objecto falante. Para os ideólogos nada disso. Nada daquilo importava porque não desempenhava qualquer função. Enquanto que para a arquitetura do Algarve a função excedia a realidade estritamente habitacional, para os arquiteto funcionalistas o discurso dos construtores de chaminés e platibandas não passava de um dispensável e dispendioso exercício do inútil e do supérfluo. Não notaram eles que esse supérfluo tem a sua função como linguagem e, ao apagarem essa manifestação semântica, não puderam deixar de cometer aquele delito intelectual conhecido pelo nome de censura.”<sup>37</sup>

No meio rural, onde a casa-fachada também foi igualmente difundida, é comum que na organização funcional da habitação, os quartos com acesso por um corredor, estejas localizados na frente da construção, ficando na parte traseira as áreas sociais, acesso à açoteia e outras dependências. Em oposto, o modelo mais frequente junto ao Litoral e em contexto urbano, a entrada é feita diretamente pela área social da habitação e na parte posterior localizam-se os quartos, frequentemente sem ventilação e comunicação com o exterior.

Apontada frequentemente como *ex-libris*, a chaminé algarvia supera a sua função e torna-se um elemento de luxo, um dos principais focos da fachada, possuindo mais valor quanto mais alta for, tal como ocorria na disputa entre platibandas.

A imagem da platibanda, tal como no fenómeno da chaminé, surge por necessidade e posteriormente torna-se um elemento decorativo, de bastante destaque e singularidade, sendo o auge da sua reprodução e decoração no século XIX. Para além destes dois principais elementos e mais evidentes, existem outros adereços que caracterizam a arquitetura tradicional algarvia, que são encontradas pontualmente no território em determinadas localidades, como são exemplos as adufas ou reixas, de existência sobretudo de influência árabe no território e os inclinados telhados de tesouro ou tesoura.

A platibanda surge sobretudo devido a necessidade de proteger as açoteias, como um elemento de guarda, enquanto que a chaminé é desenvolvida para o fundamental asseio das cozinhas por facilmente permitir escoar o fumo do interior da habitação.

“A vitória da dimensão da horizontalidade: Virada para a plateia, a platibanda aparece como sintoma de afirmação democrática. E embora assumia também uma tradição de exorcismo visual com raízes na penumbra da pré-histórica, a casa de platibanda acaba por traduzir a afirmação individual que por si elimina qualquer veleidade espiritual, do mesmo modo que a platibanda ofusca a partir de agora a moção verticalizante registada da chaminé.”<sup>38</sup>

<sup>38</sup> Jacinto Palma Dias (1994), O algarve Revisitado, p.21



[Figura 34]  
Platibanda decorada, Faro  
#10.01.31  
Fotografia: © Filipe da Palma



[Figura 35]  
Platibanda decorada, Olhão  
#12.01.07  
Fotografia: © Filipe da Palma





[Figura 36]  
Fachada decorada, 1929  
Via Real de Santo António, Hortas  
#16.01.05  
Fotografia: © Filipe da Palma



[Figura 37]  
Levantamento de casa-fachada  
decorada, 1929, Vila Real de Santo  
Antônio, Horta  
#16.01.05  
Levantamento feito pela autora, através de  
fotografia de © Filipe da Palma



III. I. Platibanda como objeto animado

No território algarvio, como já referido anteriormente, para os proprietários fachada da sua casa representava o seu cartão de visita, por isso rapidamente os vários elementos que compõem as fachadas, tornam-se peças de competição entre vizinhos e até de aglomerados urbanos, pois quantas mais fachadas a representar um cenário, mais rico e desenvolvido seria esse conjunto urbano. Numa demonstração óbvia de riqueza, reforçando "(...) o peso do investimento no ato de parecer"<sup>39</sup>, sendo uma "(...) peça construtiva afirmativa, a platibanda alteava a edificação, dando-lhe mais imponência e significado visual, logo, de um modo simbólico, mais "status" social"<sup>40</sup>. Estas peças, provenientes do saber acumulado dos mestre artífices ao longos de décadas e capazes de tornar o simples prolongamento da fachada para uma platibanda acentuadamente exuberante, pela execução de pormenores únicos, que põem à prova a sua criatividade. Para a produção destas peças era necessário um tempo relativamente dispendioso, e por isso eram vistos como luxo por serem caros, embora se mostrassem compensadores pela exteriorizada mensagem a transmitir, traduziam o desejo do proprietário e a arte do mestre.

"O tempo das platibandas passou. Com ele passou também a possibilidade de uma etnografia que desse conta dos seus significados sociais e humanos vividos, e daí o acesso a uma etnologia da casa que elas ajudassem a esclarecer. Que sentido fizeram elas no seu tempo e para quem? Quem as fez e como? Como foram transmitidas e mudadas? Porque acabaram?"<sup>41</sup>

A platibanda, caracteriza-se por ser um parapeito constituído pelo prolongamento vertical das paredes exteriores, que rodeia o telhado ou açoteia de uma construção, escondendo a cobertura da vista da rua. A execução desta solução construtiva, para além de proteger os vários modelos de cobertura inclinada e de constituir um guarda corpo adquado para a cobertura plana. É também bastante eficaz em encobrir os canais necessários para o escoamento das águas pluviais, direcionando-as adequadamente para cisternas próprias, ajudando a manter o saneamento de higiene das vias e evitando que as águas seja diretamente reencaminhadas para os passeios e que contribuam para a erosão das paredes.

"A celeridade que caracterizou o aparecimento das platibandas decoradas a partir da Guerra não foi acompanhada ou referenciada por um noticiamento de tal fenómeno. O "Guia de Portugal" ao referir-se a um dos locais que constituiriam já na altura um dos polos desse movimento artístico - a Luz de Tavira, não menciona ainda as platibandas mas sim essa mesma povoação pelas graças das "suas chaminés muito agudas, todas de louça ou entalhadas, e de elegantes proporções."<sup>42</sup>



[Figura 38]  
Chaminé e platibanda decorada, 1924  
Faro, Mar e Guerra  
#10.01.13  
Fotografia: © Filipe da Palma

<sup>39</sup> Idem, *Ibidem*, p. 27

<sup>40</sup> José Manuel Fernandes, Ana Janeiro (2008), *A casa popular no Algarve, espaço rural e urbana, evolução e atualidade*, p.49

<sup>41</sup> Pedro Prista (2020), *Platibandas do Algarve*, p. 130

<sup>42</sup> Jacinto Palma Dias (1994), *O algarve Revisitado*, p.97



Segundo a definição da platibanda sugerida por vários autores, entende-se que não é necessária qualquer tipo de decoração ao elemento para que cumpra a sua função. Porém, no final do século XIX observa-se, fruto da prosperidade económica, o hábito comum que este simples "muro", que na sua origem não possuía qualquer interesse decorativo, partilhando a sua materialidade com a restante parede, a adição de ornamentos em relevo e a aplicação de várias cores, criando conjuntos únicos, perdendo gradualmente simplicidade do muro de suporte, que nos primórdios não possuía qualquer decoração ou cor, passando a observar-se uma prática obrigatória para se enquadrar na cultura da época.

Quando decorada, a platibanda torna-se um símbolo de ostentação do seu proprietário, que destina todas as suas poupanças para o aformoseamento do elemento, Verifica-se o declínio desta prática cultural arquitetónica a partir da segunda metade do século XX, simultaneamente quando o Algarvia sofre fortes alterações devido ao impacto do turismo e do enfraquecimento da Casa-Fachada, pela introdução de técnicas e materiais construtivos mais modernos.

"A casa algarvia é terreá ou chã, possibilitando o contacto fácil com a rua e com as pessoas, tal como é comum nos climas mediterrânicos, em que a vida acontece essencialmente ao ar livre. Muita gente arrasta a cadeira ate a rua e ali fica a conversar e a ver quem passa."<sup>43</sup>

Apesar da necessária condição financeira para executar os ornamentos em massa, não foi no Barlavento, divisão mais próspera, que surge este tipo de solução arquitetónica decorativa, mas sim no Sotavento. Nesta sub-divisão Algarvia, a Casa-fachada possui um grande protagonismo na paisagem construída, provavelmente resultado dos saldos migratórios, devido ao atraso no desenvolvimento, porém uma rápida prosperação devido à exploração das atividades piscatórias e da utilização dos seus produtos para a indústria conserveira em Olhão e Vila Real de Santo António, e para a produção agrícola nos aglomerados de Luz de Tavira, Santo Estevão, Moncarapacho e Vila Real de Santo António, com a "descida" dos populares da Serra Algarvia, para que pudessem ocupar lugar nestas produções<sup>44</sup>.

"(...)e como nesses núcleos de prosperidade todas as poupanças eram transformadas na transformação da habitação e cada habitação é arrumada junto à estrada, provocatoriamente exibicionista porque era antes de tudo da fachada que se extraíam os sinais de prosperidade dos respetivos habitantes começam então a erguer-se as platibandas, ora qual a mais espetacular."<sup>45</sup>

Para o estudo das várias tipologias de Casa fachada e dos vários elementos que compõem o "parapeito" decorado é necessário o estudo das várias obras de Jacinto Palma Dias. Na sua vasta obra publicada, destaca-se "O algarve revisitado", um valioso

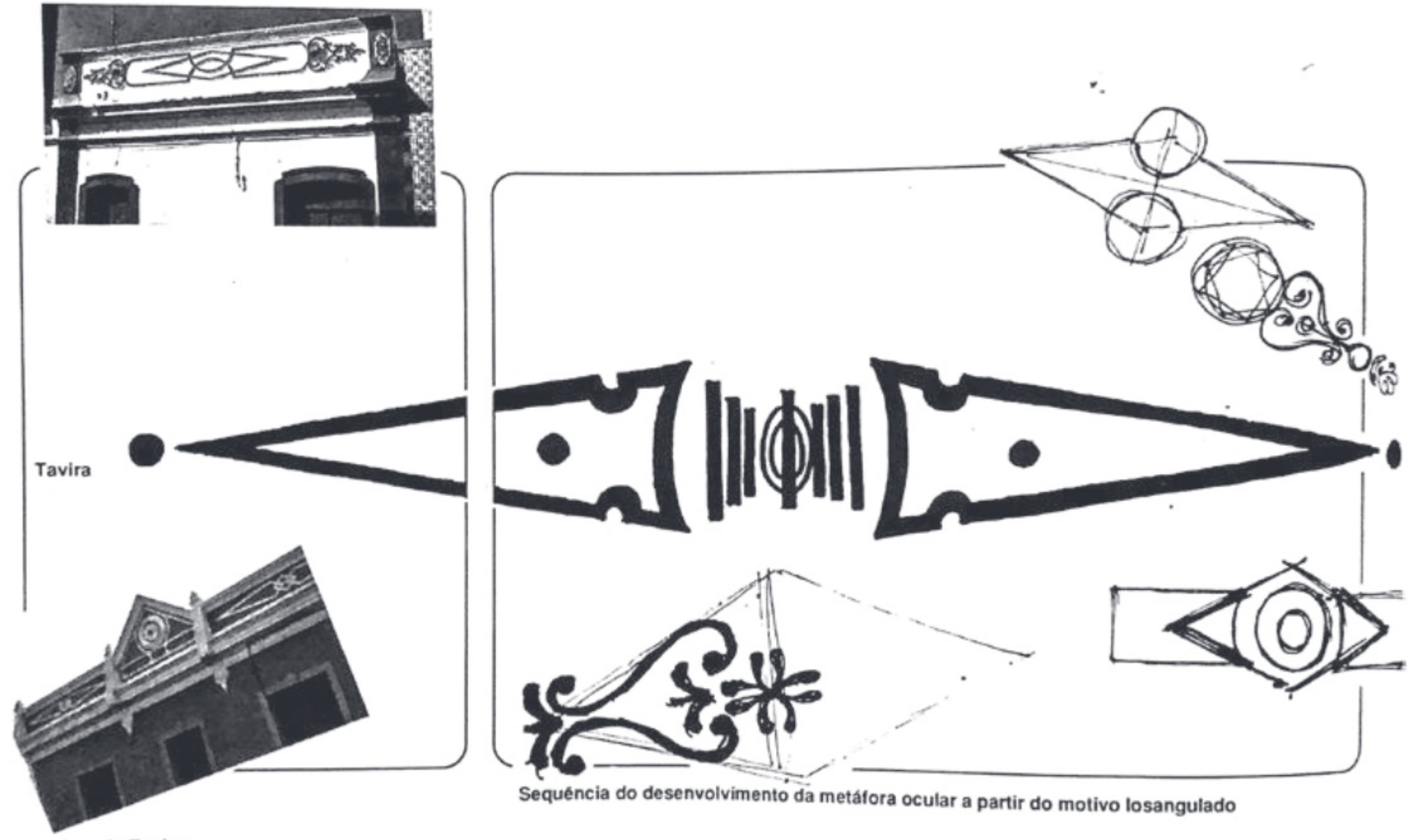


[Figura 39]  
Platibanda decorada  
Fotografia: © Filipe da Palma

<sup>43</sup> Fernando Silva Grade (2006),  
O Algarve tal como o destruímos, p.30

<sup>44</sup> Jacinto Palma Dias (1994), O algarve  
Revisitado, p.88

<sup>45</sup> Idem, *ibidem*, p. 88



[Figura 40]  
"Sequência do desenvolvimento da metáfora ocular a partir do motivo losangulado"  
in Jacinto Palma Dias (1994), O algarve Revisitado



objeto para o estudo da arquitetura popular e cultura na Região Algarvia. Jacinto Palma Dias, aponta como principais protagonistas dos elementos preferidos para decorar platibandas no contexto da Casa-Fachada, as figuras do círculo e do losango, elementos pertencentes ao imaginário decorativo algarvio. O algarvio, afirma que a platibanda decorada é fundamental para a caracterização da habitação algarvia pela "cumplicidade das formas é bem mais significativa para o recorte do sentimento de identidade de um povo do que a dos materiais utilizados."<sup>46</sup> Defende ainda a necessidade de decoração aplicada à platibanda, pois se não lhe for aplicado relevos, revestimento e cor, o objeto não passa de uma peça que procura esconder e proteger o telhado das construções, não contribuindo para a animação da fachada, respondendo apenas aos cânones clássicos da arquitetura. Para o autor, a essência da platibanda no algarve simbolizava "(...) colocar uma face numa casa, e que não era outra senão a sua própria cultura (...)."<sup>47</sup>

<sup>46</sup> Idem, *Ibidem*, p. 5

<sup>47</sup> Idem, *Ibidem*, p. 86

"E se a casa de pátio interior garante em si projeção microcósmica do mundo, já a casa de fachada se perfila segundo uma silhueta nitidamente antropomórfica, a que não esconde a força que o homem imprime à sua exibição individual, incorrendo de tal modo no complexo do exibicionista, que não se pode aceitar de modo algum que a casa esteja afastada das vias de trânsito. E de tal modo isso acontece que chegam a sufocar as estradas transformando-as em ruas, tal a força publicitária que a tal ação é imprimida."<sup>48</sup>

<sup>48</sup> Idem, *Ibidem*, p. 11

Outros autores, procuraram explicar a importância que o povo algarvio dava ao elemento da platibanda decorada e aos seus ornamentos, fenómeno que não foi entendido facilmente pelo restante território nacional, provavelmente pelo seu exotismo e pela falta de documentação existente sobre o papel de destaque do elemento para os seus proprietários.

Jacinto Palma dias, defende a ideia que no Algarve, a fachada da habitação, é utilizada como suporte para a difusão de uma mensagem e não apenas como parte da sua habitação, que se mostrava ornamentada. Nela, os ocupantes transmitiam mensagens, representavam a sua personalidade e gostos, e mesmo que os proprietários não tivessem as condições financeiras necessárias procuravam de modo peculiar, ornamentar a platibanda. Para a mensagem ser recebida, é necessária para além da parede de suporte, um mestre de obra, que Jacinto denomina como "encenador do espetáculo", onde a fachada representa o "cenário cinematográfico"<sup>49</sup>.

<sup>49</sup> Idem, *Ibidem*, p. 13

"O Algarve é a única zona do espaço português a apresentar a habitação como *media* e não apenas como espaço residencial; a habitação não esgota a função de casa. (...) A casa é deste modo um objeto animado. Mais: ela é o protagonista principal de um teatro mágico em que ela se requer como espaço inviolável. Essa *media* exige um suporte que é a fachada, exige um encenador, geralmente do sexo feminino e um realizador, que será o mestre da obra. E temos espetáculo."<sup>50</sup>

<sup>50</sup> Jacinto Palma Dias (2013), *Algarve em 3D*, p.21



[Figura 41]  
Chaminé e platibanda decorada, 1928  
Faro, Santa Bárbara de Nexe  
#10.04.15  
Fotografia: autora





[Figura 42]  
Chaminé e platibanda decorada, 1928  
Faro, Santa Bárbara de Nexe  
#10.04.15  
Fotografia: autora



<sup>51</sup> José Eduardo Horta Correia (2020), Platibandas do Algarve, p. 103

<sup>52</sup> Casa das Figuras / Edifício da Orquestra do Algarve SIPA, nº IPA.00006447

<sup>53</sup> José Eduardo Horta Correia (2020), Platibandas do Algarve, p. 99

<sup>54</sup> Jacinto Palma Dias (1994), O algarve Revisitado, p.11

<sup>55</sup> Alexandre Tojal (2020), Platibandas do Algarve, p. 118

Na cidade de Faro, encontra-se o que muitos sugerem ser, os primórdios da platibanda algarvia e possíveis antecedentes, antes da sua divulgação por todo o território, obras com decoração com estética de elementos antropológicos e zoomorfológicos. A "Casa das Figuras"<sup>50</sup> (Figura 43 e 44), é uma construção bastante opONENTE pela sua exuberância e detalhe decorativo. Trata-se de uma construção de um armazém agrícola pertencente ao solar da Horta do Ourives que existia no local e que foi substituída por novas construções, tendo este edifício sido preservado. No seu frontão encontram-se as figuras de dragões, dois monstros referentes às figuras de macho e de fêmea, serpentes e dois golfinhos, duas serpentes protegidas pela representação de uma Índia no remate do conjunto. É observada ainda a inscrição "Gollin - bois marinos - alaca lançado as feras - mostros de merica - Goldin"<sup>52</sup>. A decoração em relevo constitui um exemplo popular único na região, classificado em 1977 como imóvel de Interesse Público pelo Instituto Português do Património Cultural.

"O aparecimento do barroco no século XVIII, abre caminho a uma série de transformações da morfologia arquitetónica e ao decorrente aparecimento de composições decorativas moldadas em massa de pedreiro, cuja técnica se vai prolongar até ao século XX."<sup>53</sup>

A platibanda decorada com o motivo ocular (losango) pertence ao imaginário da Casa-fachada, sendo que os primeiros indícios da sua origem referem-se a construções encontradas no território da Serra Algarvia, em pequenas casas de cariz vernacular construídas em pedra aparelhada em que as poucas aberturas eram rodeadas por manchas brancas de cal, "Se uma janela era rasgada lá aparecia o "maquillage" em branco"<sup>54</sup>. Ou ainda pela presença de cruzes ou outros símbolos iconográficos marcados nas fachadas, tratando-se de símbolos de proteção espiritual contra o mau-olhado, em que os ocupantes das habitações, com o adereço destes símbolos, julgavam que suas casas e vidas ganham uma proteção superior.

O hábito de ornamentar as fachadas pela aplicação de relevos em massa observa-se a partir da década de 60 do século XIX no Litoral e Barrocal, devido à melhoria das condições económicas relativamente com as que se vivam na Serra, com a aplicação do círculos e losangos aplicados no elemento da platibanda. Observa-se gradualmente uma representação mais fiel de um olho, geralmente pintado de cores vivas invés do branco da cal, visto que o seu suporte já possui-a esta técnica de revestimento em todas as superfícies exteriores.

No fim do século XIX, como método de procurar uma melhoria nas condições de higiene e estéticas dos aglomerados urbanos, cada município algarvio independentemente, procurou regulamentar o urbanismo das cidades através de normas de teor arquitetónico básico e que gradualmente passam a exigências a serem estritamente cumpridas<sup>55</sup>. Quando verificado o incumprimento das leis impostas, como a falha de alinhamento da construção de acordo com a sua envolvente próxima e regras impostas, sucediam-se penas, podendo até verificar-se a demolição da construção que não respondem-se ao exigido.



[Figura 43]  
Casa das Figuras / Edifício da Orquestra do Algarve  
SIPA, nº IPA.00006447



[Figura 44]  
Casa das Figuras / Edifício da Orquestra do Algarve  
SIPA, nº IPA.00006447





[Figura 45]  
Platibanda decorada, 1913, Tavira  
#13.01.02  
Fotografia: autora





[Figura 46]  
Platibanda decorada, 1913, Tavira  
#13.01.02  
Fotografia: autora



Na capital de distrito, com a introdução do Código de Posturas de 1872, tornou-se exigência pela autarquia que todas as construções com cobertura inclinada de duas águas, fossem dotadas de calhas próprias de drenagem. Como resposta a esta medida, surgiu a solução de serem adicionados sistemas de algerozes e gárgulas. Porém este método não foi o suficientemente capaz para que permitisse que as águas fossem corretamente conduzidas para longe da fachadas, incomodando que quem trespassa-se a via pública e favorecem-se a acumulação de águas nos passeios, provocando lamas junto às fachadas.

O elemento da platibanda, torna-se então a proposta mais adequada para o problema, encaminhando as águas dos telhados para longe da fachada, de forma prática e pouco exigente em termos de manutenção. Tanto para novas habitações construídas como para antigas, tornou-se obrigatório que a construção tivesse recurso a canalização para esgotos e para águas fluviais ligadas à rede pública de saneamento<sup>56</sup>.

<sup>56</sup> Idem, *Ibidem*, p. 116

“Trata-se afinal de um modo de definir fachadas sem o tradicional beiral, permitindo o escoamento indireto das águas pluviais (por meio de uma caleira horizontal de recolha, ao longo do beiral por detrás do murete, passando de seguindo aos tubos de queda) - constituindo uma presença mais sofisticada em ruas de contexto urbano, por ser tecnicamente mais apurada. Efetivamente a água das chuvas não cai diretamente para o pavimento dos arrumamentos (incomodando eventuais transeuntes), mas é antes escoada para a rede de drenagem subterrânea pelo sistema de tubagens descrito.”<sup>57</sup>

<sup>57</sup> José Manuel Fernandes, Ana Janeiro (2008), *A casa popular no Algarve, espaço rural e urbana, evolução e atualidade*, p.46

Outras medidas foram consequentemente implementadas com o mesmo objetivo de manter as cidades mais atrativas e confortáveis, como a obrigação de ser efetuado anualmente a caiação exterior das habitações, com exceção, as construções revestidas em azulejo ou pintura de óleo. Como resposta imediata a esta medida, vários proprietários preferiram aplicar revestimento exterior em azulejo por completo, que se mantém até à atualidade, de modo a que a sua manutenção fosse menos exigente e que fosse possível manter sempre uma imagem limpa e cuidada<sup>58</sup>.

<sup>58</sup> Alexandre Tojal (2020), *Platibandas do Algarve*, p. 124

“Normas deste teor têm grande consenso nos diferentes corpos legislativos dos concelhos, revelando um esforço de aformoseamento partilhado. Sem dúvida que a obrigatoriedade de cuidar das fachadas, onde as platibandas pontuavam, viabilizou a conservação de inúmeras delas até ao presente.”<sup>59</sup>

<sup>59</sup> Idem, *Ibidem*, p. 124-125

Um dos exemplos de sucesso para o melhoramento dos aglomerados urbanos, refere-se ao caso do Código de Posturas da Câmara Municipal de Faro de 1989, onde é imposto que seja comunicada a apresentação de proposta de novas construções, para que a entidade municipal procedesse à análise da proposta a licenciar, segundo o seu o enquadramento e alinhamento às construções próximas<sup>60</sup>.

<sup>60</sup> Idem, *Ibidem*, p. 124-125



[Figura 47]  
Platibanda decorada, 1919, Tavira, Santa  
Catarina da Fonte do Bispo  
#13.04.06  
Fotografia: autora



<sup>61</sup> Marta Santos (2016) Uma leitura da arquitetura tradicional da região do Algarve do espaço urbano ao espaço rural: os repertórios dos ornatos em relevo e dos trabalhos em massa, p. 201-202

"Este vai ser um dos momentos marcantes da adaptação de construções existentes com o propósito de introdução da ornamentação, correspondendo a um programa estético para a fachada que, embora possa recorrer apenas a intervenções pontuais, vai promover uma alteração significativa da imagem da arquitetura e consequentemente do conjunto urbano. Os inúmeros processos administrativos que encontramos nos arquivos históricos e nos diversos serviços municipais de obras particulares referentes a pedidos de alteração da construção para renovação de fachadas são reveladores desta conjuntura."<sup>61</sup>

Em todas as construções, os revestimentos que lhes são aplicados são um dos elementos construtivos fundamentais para o bom funcionamento do edifício, ajudando a garantir a proteção necessária contra os agentes exteriores que ameaçam o conforto dos ocupantes. Por todo o território algarvio, onde os revestimentos exteriores finais tinham como principal matéria prima a pasta de cal e outros agregados finos, apresentado óptimas propriedades para a aplicação direta na parede com recurso a várias técnicas de revestimento, mostram-se ideais para receber pigmentos, mantendo sempre por norma a sua cor natural branca, que a ajuda a sobressair as várias construções na paisagem do território.

A adição de pigmentos aos revestimentos finais das fachadas e aos seus relevos, ajudam à ornamentação da fachada, que passa agora a destacar-se não só pelos ornatos, mas também pela combinação de cores, onde se destaca o azul cobalto, o amarelo, o verde e o vermelho tinto, aplicadas isoladamente com a cor branca, ou em combinações mais atrevidas, criando peças únicas que se destacam.

Jacinto Palma Dias aponta a preferência para a aplicação da cor azul cobalto em comunhão com o branco dado pela cal como base para receber o pigmento, "é uma cor territorial, repelente, exorcizante: define e instala uma fronteira com o mundo exterior e /ou adverso"<sup>62</sup>. Analisando várias platibandas algarvias conseguimos observar as várias camadas do tempo, conseguindo analisar os diferentes pigmentos que a revestiram no passado.

Para além dos relevos decorativos e das cores aplicadas à platibanda, são associados frequentemente como adereço e de modo a aumentar a altura e o carácter ostentativo, peças cerâmicas como urnas, pináculos, pinhas e globos, normalmente com acabamento vidrado. Uma das principais peças na decoração em relevo, como modo de ligação entre partes, são os lagrimais, pequenas peças sempre bastante trabalhadas que rematam os frisos, estes encontram-se geralmente inseridos em pilastras, elementos verticais. Estas peças pela sua rápida propagação por serem de produção industrial em massa, são de modo acelerado elementos comuns. Também nestas peças, é notada uma preferência para pormenores vegetalistas, como flores, pétalas e conchas<sup>63</sup>.

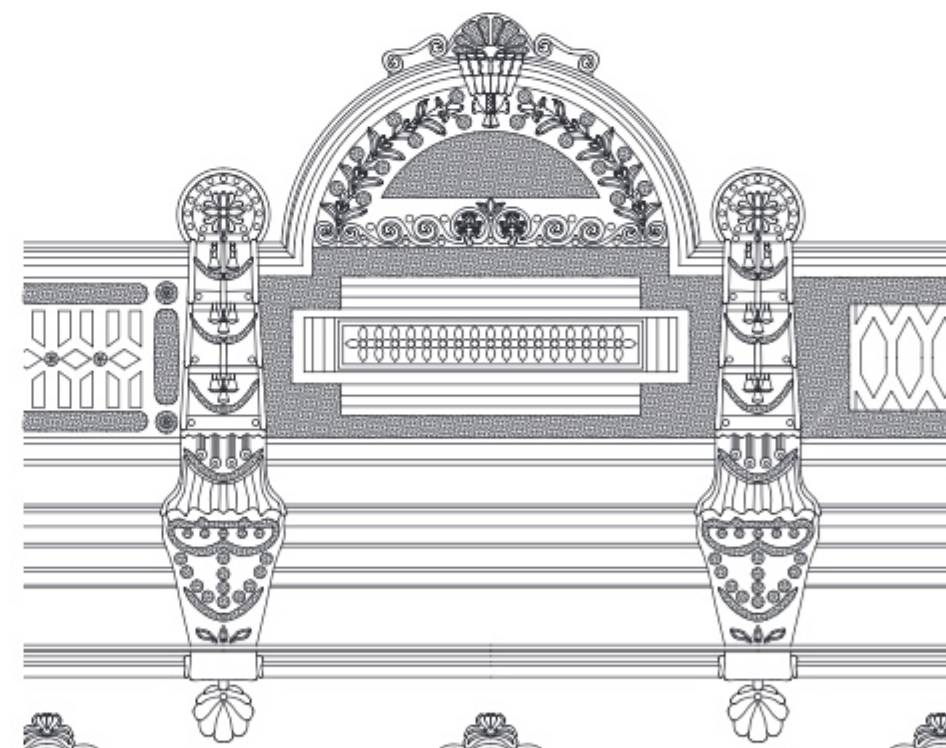
Todos os elementos decorativos, por possuírem grande complexividade, corpulentos e em consola, encontram-se mais expostos à corrosão, apresentando-se muitas vezes em mau de estado, com desgaste incorrigível, perdendo-se assim mais um pouco deste raro espólio onde cada peça é única.

<sup>62</sup> Jacinto Palma Dias (2013), Algarve em 3D, p.21-23

<sup>63</sup> Marta Santos (2016) Uma leitura da arquitetura tradicional da região do Algarve do espaço urbano ao espaço rural: os repertórios dos ornatos em relevo e dos trabalhos em massa, p. 207



[Figura 48]  
Platibanda decorada, Olhão, Marim  
#12.03.02  
Fotografia: autora



[Figura 49]  
Levantamento de casa-fachada decorada, Olhão, Marim  
#12.03.02  
Levantamento feito pela autora, através de fotografia



<sup>64</sup> Alexandre Tojal (2020), *Platibandas do Algarve*, p. 124

“A juntar à diversidade compositiva das platibandas, surgem, frequentemente, acroterióticos, distribuição com simetria, onde são colocadas pequenas esculturas alegóricas ou outros ornamentos cerâmicos como urnas, vasos, globos estrelados, pinhas, pináculos e outros. Elementos de vulto total, completamente expostos no topo da platibanda, são os primeiros a sofrer os danos causados pelas condições climáticas, razão pela qual muitos hoje desaparecem.”<sup>64</sup>

<sup>65</sup> Maria Graça Marques (1999), *O Algarve da antiguidade aos nossos dias*, p.373

Apesar do seu normal carácter ostentativo, associado frequentemente a um elemento de luxo presente na fachada da habitação, a platibanda decorada, surge em simultâneo em habitações mais modestas e bastante mais simples e pobres, sem qualquer adereço acrescentado decorativo. Estas platibandas mais discretas em contraste com as coexistentes vizinhas, demonstram a tentativa dos proprietários acompanharem as modas da época. Platibandas mais simples, são em número mais representativo no contexto rural, onde frequentemente se observava um atraso evolutivo<sup>65</sup>.

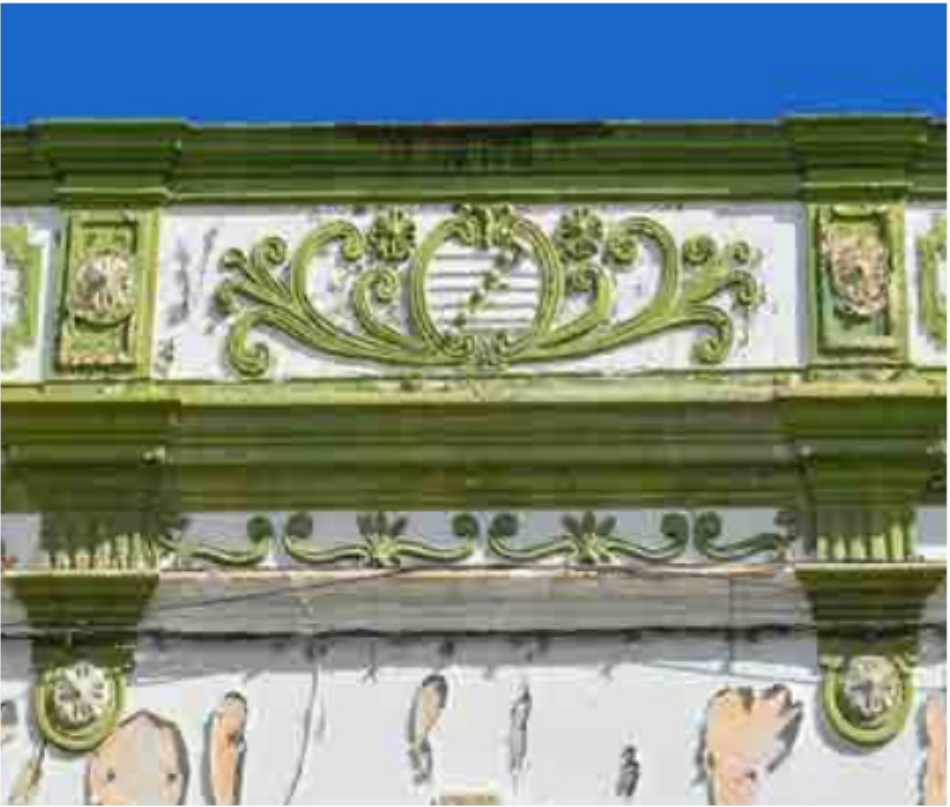
<sup>66</sup> Miguel Reimão Costa (2020), *Platibandas do Algarve*, p. 76

“Esta preocupação com a imagem da habitação, combinada com o designio de bem receber, manifesta-se também no espaço frontal dos edifícios de beira de estrada ou no interior das parcelas. De facto, a casa de platibanda, em ambiente rural, compreende a frequente delimitação deste espaço frontal, através de um conjunto de muros, bancos e alegretes que, como se tratasse de um adro de habitação, constitui uma casa de fora no exterior, para o fim da tarde, enquadrada pelo plano de fachada e de platibanda.”<sup>66</sup>

<sup>67</sup> Maria Graça Marques (1999), *O Algarve da antiguidade aos nossos dias*, p.334

A decoração aplicada à platibanda, corresponde a vários estilos artísticos conforme o desejado pelos proprietários e o período de tempo em que se localiza, podendo ter relação próxima com a Art Déco, com preferência para motivos vegetalistas e formas mais orgânicas. Destaca-se também a platibanda “bolo de noiva” pela sua exuberância decorativa, marcada pelo ecletismo e por várias peças todas elas bastante trabalhadas, e consequentemente bastante mais dispendiosa em relação<sup>67</sup>, onde se denota uma preferência para o geometrismo, onde o losango lidera a simbologia presente em todo o território, como um elo de ligação íntimo entre as fachadas.

No início do século XIX, quando se observa gradual declínio das várias estruturas agrícolas que preenchiam o território rural no Algarve, passando estes generosos lotes noutro ocupados por estruturas independentes a ser preenchidos por lotes urbanos. Com o progressivo crescimento dos principais núcleos urbanos, testemunha-se também o aumento da malha urbana das cidades, pela necessidade de responder de forma instantânea à procura de habitação. Como resposta imediata à necessidade de implantar e adaptar estas novas habitações com as já existentes construídas, observa-se a necessidade de introduzir elementos decorativos nestas, surgindo assim a introdução de peças *standard*, partilhadas entre habitações.



[Figura 50]  
Platibanda decorada, Olhão  
#12.01.11  
Fotografia: autora



[Figura 51]  
Platibanda decorada, Olhão  
#12.01.17  
Fotografia: autora



\*\* Josef Füller (1976), Manual do formador e estucador p.105

"Os motivos tirados ou copiados do reino vegetal serviram sempre de modelo a todos os estilos dando-lhes significações simbólicas, mas apesar da enorme riqueza de vegetação nas suas variadas formas, poucas plantas são usadas como motivos decorativos. Assim ocupa o principal lugar a folha de acanto, devido à sua forma ornamental e que foi largamente aproveitada em quâsi todos os estilos, muito em especial no estilo romântico e da renascença. Segue-se depois a folha de louira e da oliveira, com a significação simbólica a primeira da glória e a segunda da paz, a folha de videira ou na hera, como atributos bacanaís e ainda as folhas de carvalho, de palmeira, de roseira e poucas outras mais."<sup>68</sup>

Relativamente à técnica de trabalhar e aplicar o estuque necessária para a produção de platibandas decoradas, é uma prática artística introduzida em Portugal no início do século XVIII, com a transmissão de conhecimentos pela presença de mestres com formação proveniente de países mais desenvolvidos nas artes decorativas como Itália, França e Alemanha. Estes trabalhos em alto e baixo relevo, participam no desenho compositivo das fachadas no Algarve. Auxiliando a marcar os limites da construção, eram adicionadas pilastras e cunhais de modo a rematar a lateral da construção, e na cobertura cornijas e socos em conjunto com a própria platibanda.

Apesar de necessário o gosto pessoal do proprietário e do mestre estucador, é possível identificar pela análise visual de peças decorativas com semelhanças na sua composição decorativa, a existência de reportórios ornamentais em circulação, a partilha de moldes ou do fluxo de mestres artífices para a execução de decoração em relevo.

Observa-se que enquanto que os motivos decorativos mais geométricos e de linhas mais fortes, surgem aplicados no final da sua reprodução, os motivos vegetais, sobretudo os florais, são comuns às várias épocas. Nos motivos de decoração vegetal, destaca-se no Algarve, o gosto pelas grinaldas e florões, composições concebidas pela junção de diversas folhas e flores, presas ou atadas por fitas e laços. Com relação próxima aos motivos vegetalistas, pelas linhas orgânicas, observa-se também no território a presença de relevos nas fachadas com motivos arabescos e padrões com vínculo mourisco. Estes reportórios mais trabalhados e singulares, remetem-nos também para ornamentos em filograma ou rendilhados, pela complexividade do desenho que apresentam.

Em simultâneo com a ausência de evolução da tipologia habitacional interior, observa-se a introdução de novas e modernas linguagens decorativas aplicadas ao exterior, onde sucessivamente são acrescentados novos símbolos provenientes de novas tendências estilísticas, de modo a que a aparência se mantivesse de acordo com as novas correntes artísticas. Esta aglutinação de vários estilos provenientes de diferentes épocas, acumuladas na fachada principal da habitação, criam um conjunto interessantes de *layers*. Esta junção permite a possibilidade que uma construção de tipologia simples, possua uma fachada hiper-decorada na sua composição, onde vários estilos, cores e técnicas de aplicação de relevos, se misturam e potencializam bastante a intenção de individualização do proprietário.



[Figura 52]  
Platibanda decorada,  
Tavira, Cabanas de Tavira  
#13.06.04  
Fotografia: © Filipe da Palma

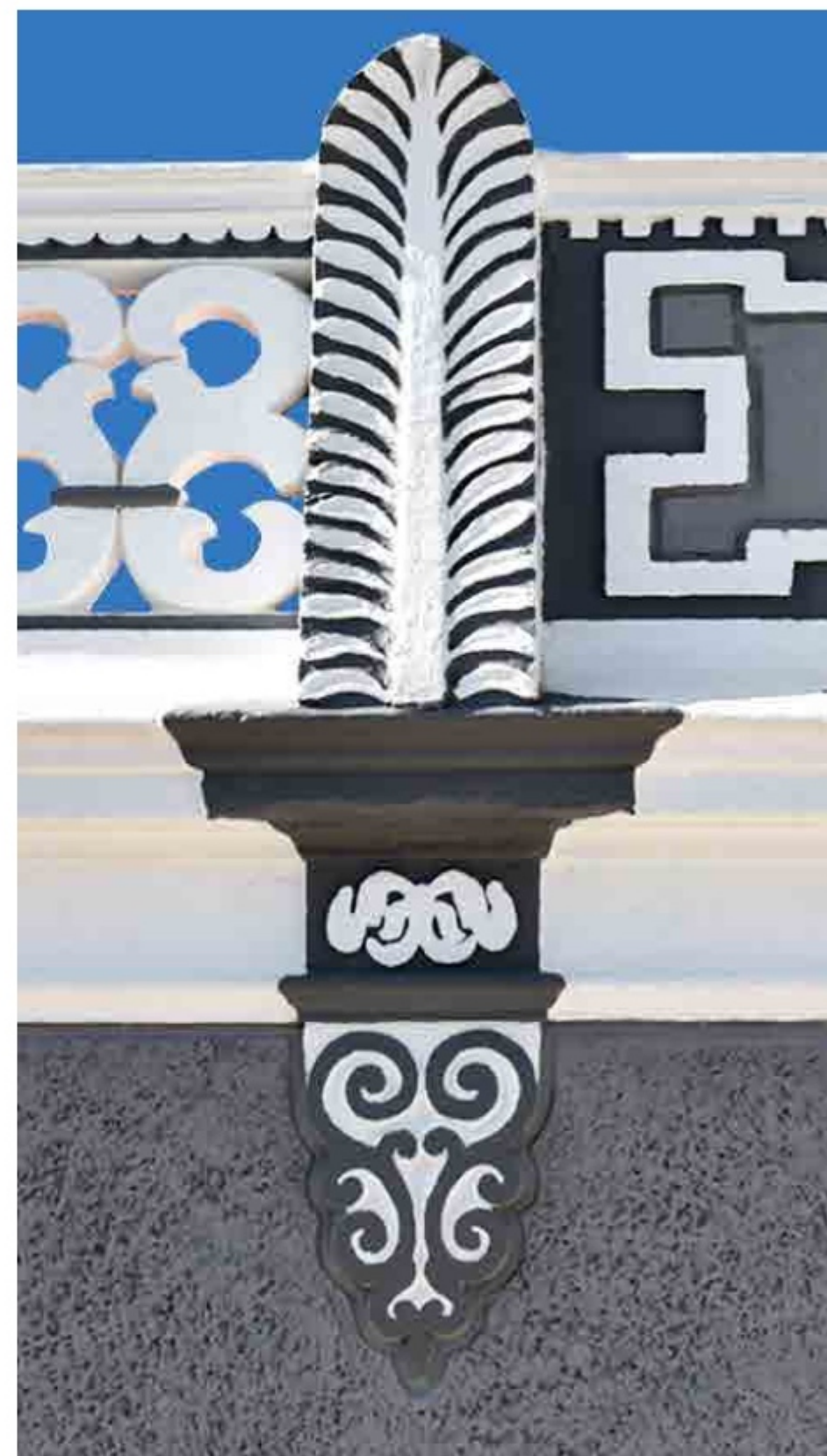


[Figura 53]  
Platibanda decorada, 1923, Tavira  
#13.01.01  
Fotografia: autores





[Figura 54]  
Platibanda decorada  
Vila Real de Santo António, Manta Rota  
#16.02.15  
Fotografia: © Filipe da Palma



[Figura 55]  
Platibanda decorada, fot. 2023  
Vila Real de Santo António, Manta Rota  
#16.02.15  
Fotografia: autora



<sup>69</sup> Marta Santos (2016) Uma leitura da arquitetura tradicional da região do Algarve do espaço urbano ao espaço rural: os repertórios dos ornatos em relevo e dos trabalhos em massa, p. 195

A partilha e divulgação dos conhecimentos e das técnicas de aplicar “stuccos” potencializou também a que de forma individual os mestres algarvios rapidamente desenvolvessem a sua interpretação própria destes elementos, dando consequentemente origem à criação de peças variadas através do trabalho da massa, constituindo um importante espólio<sup>69</sup>. Os trabalhos em estuque necessários para a decoração eram produzidos pelos mestres artífices em alto e baixo relevo, a fresco ou semi-fresco diretamente na parede de suporte ou em bancada e posteriormente fixados à fachada. A transmissão dessas técnicas de revestimento ocorria nos estaleiros e oficinas de artífices, onde os reportórios decorativos adquiriam características distintas regionais e eram adaptados para harmonizar com as normas arquitetónicas vigentes.

Mestres construtores e estucadores, desenvolveram ao longo de décadas, através de um processo de experimentação contínua, o conhecimento necessário para aplicar com os recursos disponíveis a aplicação dos relevos em massa. Os estuques exteriores, além de sua função primordial de resguardar as diversas alvenarias, desempenhavam um papel essencial na ornamentação das fachadas, conferindo a estas elementos decorativos únicos e notavelmente originais, de modo que não era possível encontrar duas peças idênticas.

Para cada tipo de ornamento em relevo aplicado, é necessário o conhecimento e a prática indispensável para a sua criação, sendo que o elemento da platibanda, também se torna mais opulento consoante o número de técnicas presentes no conjunto.

A grande parte dos relevos provém de modelação de forma direta e livre na parede de suporte, ou pela execução de peças com recurso a moldes próprios, podendo ser reproduzidos por execução *in situ* ou nas várias oficinas próprias de artistas estucadores que existiam no território algarvio. Das conhecidas técnicas de produção de relevos através do uso de massas aplicadas à fachada e platibanda, é possível identificar<sup>70</sup>:

- Modelação livre à lanceta - nesta técnica a massa é aplicada, diretamente sobre a parede de suporte, sendo necessário o estudo da composição a reproduzir antes da sua elaboração, podendo ser uma encomenda do proprietário ou fruto da criatividade do mestre. Nesta técnica, não se requer qualquer apoio a moldes, sendo por isso, apenas reproduzida por mestre e artífices com mais experiência.

- Modelação em estampilhas - esta técnica, requer uma estampa com o desenho a ser produzido. Por ser uma técnica de modelação de rápida divulgação, é largamente apreciada em todo o território, para a execução de frisos ou pelo preenchimento de partes pelo seu padrão repetido. São indispensáveis estampas, stencils e escantilhões adequados, para a produção destes relevos, geralmente realizados em chapas de zinco ou madeira. O desenho ambicionado é desenhado e posteriormente delineado em cópia para a prancha, sendo em seguida recordado e modelado. Esta técnica é evidente sobretudo em frisos que marcam o início ou o fim da faixa da platibanda, contribuindo para que esta tenha maior imponência por se destacar como uma peça separada do volume, como se de um entablamento se trata-se. Este tipo de ornamento, apresenta-se na forma de pouco relevo, por serem sobretudo peças mais pequenas e secundárias na decoração.

<sup>70</sup> Marta Santos (2016) Os stuccos exteriores na região do Algarve, p. 16-19



[Figura 56]  
"Tavira"  
#13.01.05  
#13.01.06  
In Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano  
(2003), Arquitetura Tradicional Portuguesa



[Figura 57]  
Platibanda decorada, 1901, Tavira  
#13.01.05  
#13.01.06  
Fotografia: autora





Figura 58]  
"Platibanda decorada", Corte da Seda,  
Alcoutim, 1955  
#14.01.03  
Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa  
(1955-1960) © Ordem dos Arquitetos  
PT-OA-WPP-FAR-ACT00-009



[Figura 59]  
Platibanda decorada, 1927, Alcoutim,  
Corte da Seda  
#14.01.03  
Fotografia: autora



Quando se verifica a sua aplicação em cimalkas, apenas pode ser corrida numa única direção, para que o efeito desejado seja produzido. Quando em outras partes da platibanda decorada, o molde é reproduzido em duas direções diferentes, com a alteração de rotação, as estampilhas podem criar composições singulares, sendo possível facilmente identificar o desenho original base, através na análise visual da composição que é formada (Figura 60).

- O método de ornamento com recurso a peças pré-moldadas ou moldagem com recurso a taceiros, possibilita a produção e desmoldagem de peças mais decoradas facilmente, sem que o molde seja danificado. Era executado o desenho do ornamento pretendido, e reproduzido o seu molde com gelatina, pasta de argila ou cera de abelha<sup>71</sup>. Feita a matriz, o molde e a sua devida caixa, eram lubrificadas todas as superfícies em contacto com a massa de estuque que seria vertida por um orifício, sendo posteriormente feitos alguns movimentos para que a massa ainda líquida preencha todos os cantos e evitando a formação de folhas de ar, garantido que o objeto fabricado salvo de imperfeições<sup>72</sup>. Quando a massa arrefecia e solidificava o ornamento produzido era descolado do molde ou as peças de taceiros separadas. O emprego desta técnica é evidente em várias pilastras e cornijas, onde se denota que foi manuseado o mesmo molde para a sua produção.

"Muitas vezes há necessidade de fazer de um objeto muitas reproduções em gesso. Para este fim devem-se executar formas que se conservem e se possam tirar delas mais de um modelo, sem que a mesma forma por isso se perca. São duas as maneiras para conseguir este fim: a primeira e a mais antiga é a forma de taceiros ou a chamada forma boa, ao contrário da já descrita forma perdida, a qual só pode servir para um modelo único; a segunda maneira, a mais moderna e a mais usada é a forma de gelatina."<sup>73</sup>

- Molde de correr - a aplicação de massa estuque segundo a técnica de molde de correr (Figura 61), molde de chapa ou cércea, é verificada sobretudo no objeto da platibanda, na sua cimalka, pilastras e cornijas, ou a decorar os remates de união entre peças, como é o caso das molduras. Aqui, o estuque pode ser aplicado diretamente na parede *in situ* ou em bancada. A presença de um molde, permite um elemento decorativo contínuo. Para a sua execução é necessária uma chapa própria em zinco com o desenho do negativo pretendido, ou contra-figura<sup>74</sup>, para que seja posteriormente recordada toda a massa excedente do ornamento a ser representado. Esta chapa é fixa à parede de suporte por uma peça cantoneira em madeira em ângulo reto ou colocada entre duas ripas de madeira previamente pregadas à parede, que garantem o brio e que a chapa corra na parede. Por se apresentar como uma peça decorativa de transição, é um desenho mais simples e discreto, convertendo-se numa componente partilhada entre habitações.

Os moldes de correr, quando executados em bancada (Figura 62) no estaleiro da obra ou em oficinas, utilizam os mesmos moldes e materiais. Na execução em bancada, é necessário um suporte que não absorve-se a matéria prima, salpicado ainda por água para permitir a fácil descolagem<sup>75</sup>.

<sup>71</sup> Gonçalo Vasconcelos e Sousa, Eduarda Viera (2021), Estuques e estucadores de Viana do Castelo, p.266

<sup>72</sup> Josef Füller (1976), Manual do formador e estucador p.24

<sup>73</sup> Idem, *Ibidem*, p. 23

<sup>74</sup> Gonçalo Vasconcelos e Sousa, Eduarda Viera (2021), Estuques e estucadores de Viana do Castelo, p.256

<sup>75</sup> Idem, *Ibidem*, p. 270



[Figura 60]  
Platibanda decorada, Loulé, Quatro Estradas  
#09.07.04  
Fotografia: autora





[Figura 61]  
 "Moldes de correr"  
 Fotografia: José Eduardo Cunha (editada)  
 in Gonzalo Vasconcelos e Sousa, Eduarda Vieira  
 (2021), Estuques e estucadores de Viana do  
 Castelo





[Figura 62]  
"Correr o molde"  
Fotografia: José Eduardo Cunha (edidade)  
in Gonçalo Vasconcelos e Sousa, Eduarda Vieira  
(2021), Estuques e estucadores de Viana do  
Castelo



<sup>76</sup> Josef Füller (1976), *Manual do formador e estucador* p.62

<sup>77</sup> Gonçalo Vasconcelos e Sousa, Eduarda Viera (2021), *Estuques e estucadores de Viana do Castelo*, p.255

<sup>78</sup> Idem, *ibidem*, p. 241

<sup>79</sup> Marta Santos (2008), *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional*, contributo para o estudo da arquitetura vernácula da região oriental da Serra do Caldeirão, p.113

<sup>80</sup> José Manuel Fernandes, Ana Janeiro (2008), *A casa popular no Algarve*, espaço rural e urbana, evolução e atualidade, p.125

<sup>81</sup> Gonçalo Vasconcelos e Sousa, Eduarda Viera (2021), *Estuques e estucadores de Viana do Castelo*, p.227

<sup>82</sup> Idem, *ibidem*, p. 270

Os moldes de correr, permitem um trabalho em estuque de secção constante, como cimalkhas e pilastras em maias colunas, sancas e molduras de linhas curvas e retas, dependendo do repertório de cêrceas existentes<sup>76</sup>.

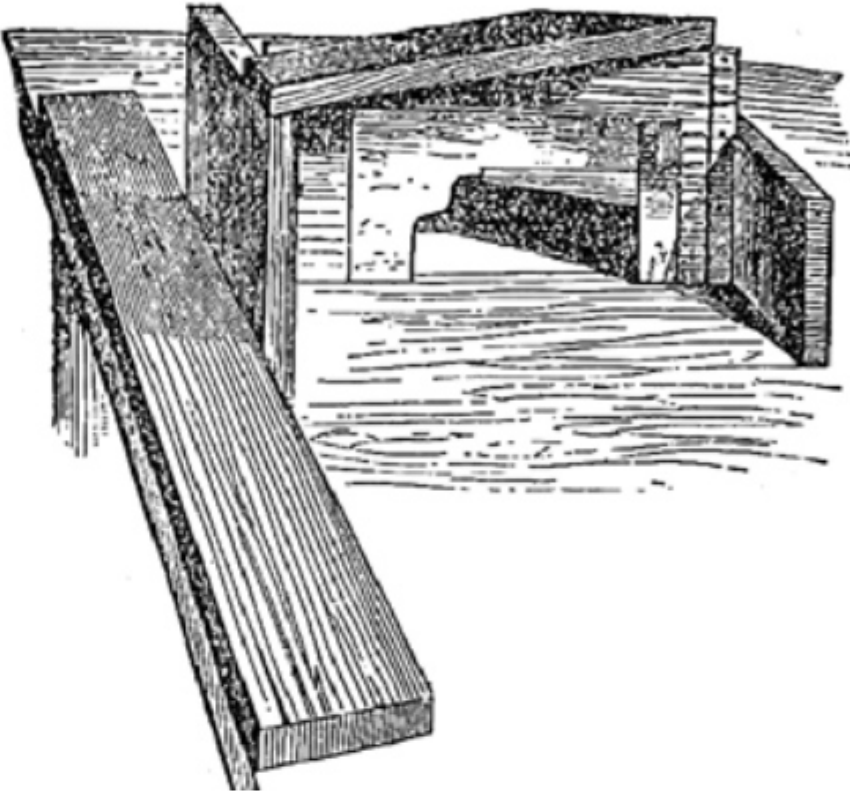
“Estes consistiam numa lâmina de zinco, onde era delineado o desenho da moldura final, cortando-se a chapa através de martelo e cinzel, e acabados com limas adaptadas a cada caso. Estes perfis eram depois pregados numa tábua, com o mesmo recorte, mas a chapa ficava um pouco mais saliente. Este escantilhão seria posteriormente fixo num suporte de madeira, denominado com vários jargões: caixote e carrinho em Évora, cêrcea em Lisboa ou macaco no Porto.”<sup>77</sup>

No Algarve desconhece-se quem tenha produzido e divulgado estas práticas de ornamentar, não havendo a localização das peças próprias anteriormente referidas para a sua produção. Para além de ferramentas específicas para a sua modelação, eram necessárias utensílios adequados para cada tipo de trabalho a executar pelo mestre estucador. Estas ferramentas que nos primórdios da tarefas eram em madeira, por ser o recurso mais económico disponível, foram gradualmente substituídas por peças metálicas<sup>78</sup>.

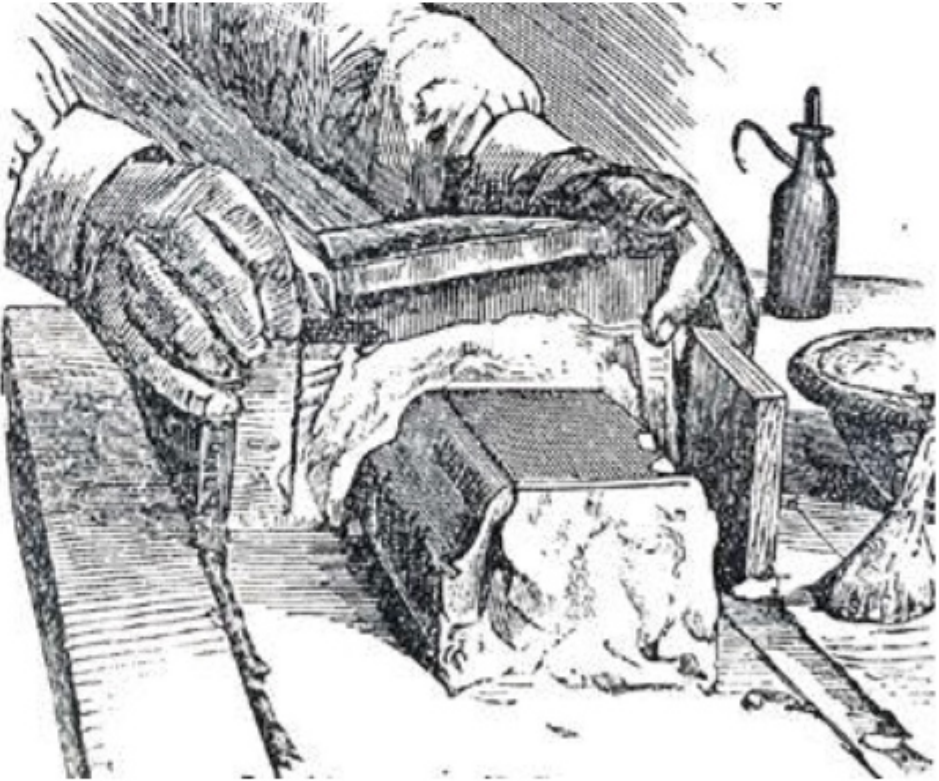
A profissão de mestre estucador, entra em declínio pela falta de procura do seu ofício, pois a possibilidade e facilidade de usar peças em relevo provenientes de standardização, permitiu que sejam produzidos em larga escala, de modo a responder à elevada procura destes motivos decorativos.

No Algarve, observa-se ainda a introdução de várias técnicas de revestimento finais, como a técnica em escaiola, grafitos e fingidos<sup>79</sup>. No final do século XIX, começam a surgir no território do Algarve Central, na zona compreendida entre a cidade de Loulé e Boliqueime, sobretudo em implantação isolada, habitações revestidas pela técnica de revestimento em escaiola, com a aplicação de amarelos ocres suaves e neutras como é o caso o cor-de-rosa pálido e tons alaranjados, em substituição da cor branca tradicional dada pela utilização ao revestimento em cal. A técnica de revestimento em escaiola, com denominação proveniente da palavra italiana *scagliola*, que representa a preparação proveniente de uma mistura de gesso e cola própria<sup>80</sup>, de modo a que seja aplicada com o intuito de imitar revestimentos em pedra nobres, sobretudo a pedra mármore, pelo recurso a materiais presentes no território<sup>81</sup>.

O principal objetivo da escolha deste revestimento em relação ao preferencial em cal, deve-se com o facto de este ajudar a valorizar a fachada e consequentemente toda a construção, sendo possível poupar os elevados custos necessários para a aplicação de pedra verdadeira nas fachadas. Trata-se de uma técnica relativamente complicada em relação à caiação ou ao revestimento por azulejo, por isso o executante necessitada de ser detentor de um saber artístico e de possuir um grande conhecimento da morfologia da pedra a ser replicada, e dos procedimentos necessários da manipulação ideal para atingir a cópia fiel do desenho encomendado<sup>82</sup>. Para a execução desta técnica, na preparação da sua massa são necessário vários materiais, tendo como base argamassas de cal e posteriormente

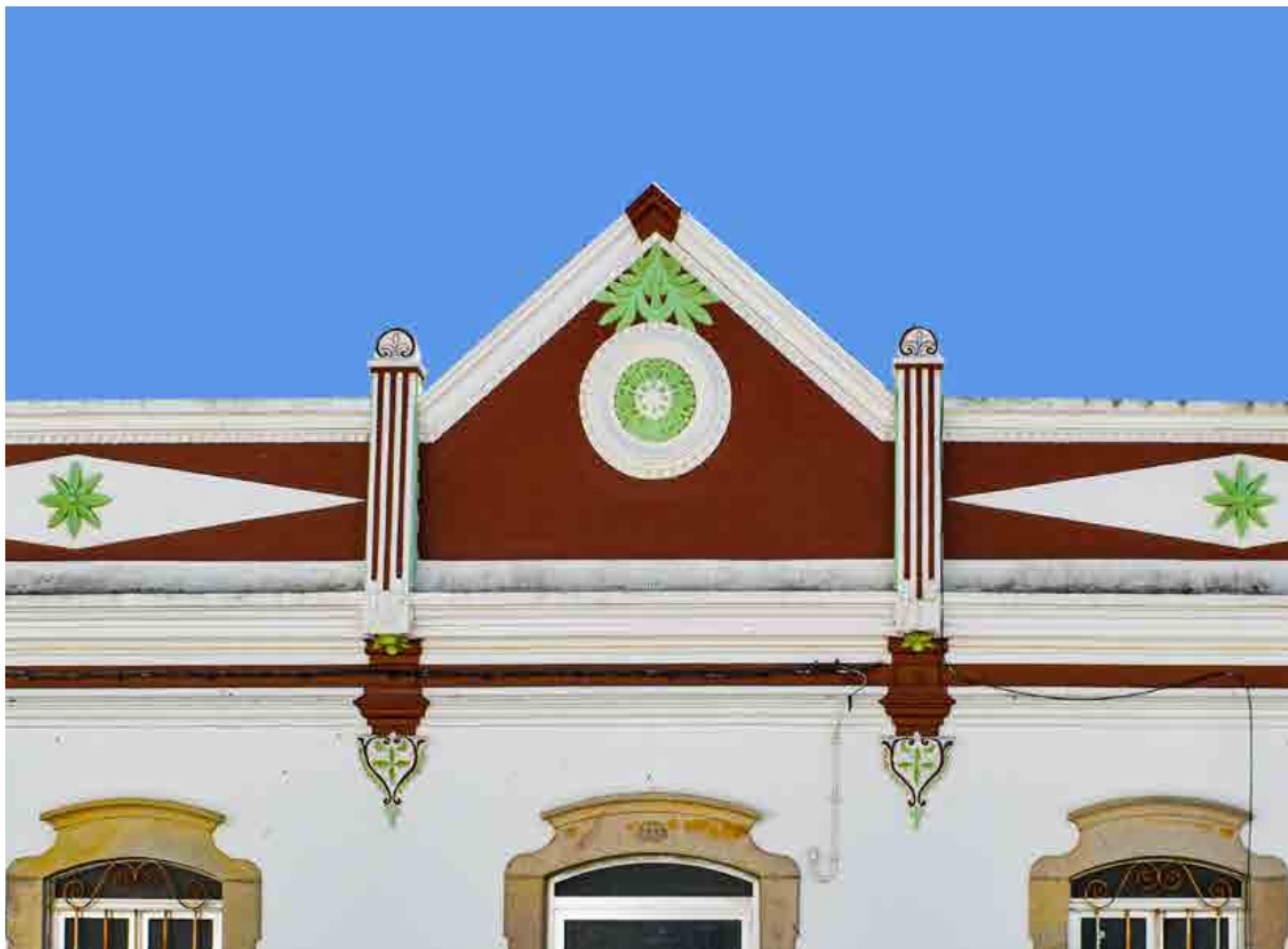


[Figura 63]  
“Moldura feita sobre a mesa”  
In Josef Füller (1976), *Manual do formador e estucador*



[Figura 64]  
“Correr uma moldura”  
In Josef Füller (1976), *Manual do formador e estucador*





[Figura 65]  
Levantamento de casa-fachada  
decorada, 1913, Tavira, Santo Estevão  
#13.03.02  
Fotografia: autora





[Figura 66]  
Levantamento de casa-fachada  
decorada, 1913, Tavira, Santo Estevão  
#13.03.02  
Levantamento feito pela autora, através de  
fotografia



<sup>83</sup> Josef Füller (1976), Manual do formador e estucador p.62

apartir de 1940, base em cimento branco, e pigmentos de várias tonalidades em pó, para que seja possível obter as diferentes cores que são característica. Para o acabamento ideal, são ainda precisos materiais específicos, como pedras, óleos e ceras<sup>83</sup>. Já na parede são “esfregados” com recurso a panos e bonecas, para que seja possível a obtenção das nuances em vários tons que se observa neste tipo de revestimento.

“O material para a preparação da massa que se emprega na escaiola, é, como já dissemos, principalmente o cimento branco, além de tintas em pó necessárias para a confecção das diversas cores e pedra hume. Para os acabamentos são empregamos a pedra pomes, pedra da Escócia, pó e poteia, óleo de nozes, cera dissolvida em água-raz e panos para esfregar. São assim empregados três ou quatro pedaço de massa; pega-se então numa das colheres mais pequenas e aplica-se com ela nas espessuras uns pedaços de massa e faz-se a mesma operação, mas com a massa mais escura que ficou reservada sobre a pedra para esse fim. Serão estas massas brancas e pretas embutidas entre as juntas dos pedaços da massa, que formarão as veias ou estalados que imitam a pedra. Com este processo se continua até estar preenchido todo o espaço destinado a ser revestido com a referida pedra fingida.”<sup>84</sup>

<sup>84</sup> Idem, *Ibidem*, p. 76-78

<sup>85</sup> José Manuel Fernandes, Ana Janeiro (2008), A casa popular no Algarve, espaço rural e urbana, evolução e atualidade, p.125

José Fernandes, afirma o declínio da aplicação e manutenção com forte evidência sobretudo a partir da década de 50 do século XX, destacando não só a existência desta técnica aplicada em toda a fachada principal de construções, mas também revestindo apenas a faixa da platibanda<sup>85</sup>. Os exemplos selecionados por José Fernandes, permitem entender que a tradição de revestir as habitações tradicionais pela técnica em escaiola, encontra-se atualmente em abandono, com raros volumes revestidos, restando apenas um número reduzido de fachadas em boas condições, sobretudo no território rural do Algarve Central como testemunho da sua aplicação.

(...) serão estas massas brancas e pedras embutidas entre as juntas dos pedaços de massa, que formaram as veias ou estalados que imitam a pedra. (...)”<sup>86</sup>

<sup>86</sup> Josef Füller (1976), Manual do formador e estucador p.78

<sup>87</sup> Sobre a técnica do esgrafito, refere-se a importância dos trabalhos dedicados ao estudo sobre os esgrafitos em Évora de Sofia Salema

<sup>88</sup> Marta Santos (2008), Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional, contributo para o estudo da arquitetura vernácula da região oriental da Serra do Caldeirão, p.115

Em menor representação, observa-se a técnica de esgrafito, onde da camada final de revestimento, o mestre artífice, retira arranhando esta superfície, ficando exposta a camada inferior que pode apresentar uma cor diferente<sup>87</sup>. Na técnica de esgrafito, o ornamento pretendido é inscrito diretamente na parede, executado quando a massa ainda não se encontra seca. Nestas técnica de reprodução de desenhos, apresentam-se também em motivos geométricos e vegetalistas, dependendo dos moldes em repertório do mestre, sobretudo em elementos de remate como pilastras, socos, cunhais e cantarias<sup>88</sup>.



[Figura 67]  
Casa-fachada com revestimento em escaiola, 1941, Faro, Besouro  
#10.03.04  
Fotografia: autora





[Figura 68]  
Platibanda decorada, 1930, São Brás de Alportel  
#11.01.17  
Fotografia: autora



## IV. Platibanda e a importância dos seus ornamentos

### IV.1. Levantamento e inventariação de platibandas decoradas

No âmbito do presente estudo, foi realizado um levantamento e inventário das construções com platibanda decorada, em contexto de Casa Fachada no Algarve. A realização deste levantamento, pretendeu reconhecer um papel de grande destaque na arquitetura regional, à platibanda ornamentada como elemento decorativo essencial para a caracterização habitação popular algarvia.

Foram definidos através da análise bibliográfica variada, como indispensáveis os itinerários das principais vias Algarvias, devido à função ostentativa que a platibanda decorada possui, sendo frequente que estas construções convivam com a proximidade de estradas, para que seja possível serem contemplados. Também núcleos urbanos, foram estipulados de relevância para o levantamento, tendo sido também percorridas as principais estradas e caminhos que ligam os vários aglomerados urbanos que foram identificados de interesse. O trabalho de campo realizado, permitiu o levantamento das características tipológicas, compositivas e decorativas que compõem as construções com platibandas decoradas, tendo sido efetuado, pelas zonas rurais e urbanas definidas de interesse.

O trabalho de levantamento, permitiu identificar, fotografar e inventariar numa base de dados, 475 platibandas decoradas e caracterizar o que as definem. A denominação de cada objeto foi definida por um número proveniente da sua localização geográfica, o concelho e a freguesia e o seu número de entrada na base de dados, organizados de modo a facilitar a sua inventariação e consequente análise qualitativa e quantitativa. Este método em base de dados, permitiu para além de uma fácil organização, em cartográfica e em tabela, relacionar e interpretar facilmente as várias categorias e parâmetros de caracterização, como são exemplo as cores e motivos ornamentais aplicados à platibanda ou o tipo de cobertura das construções.

Em base de dados, foram definidos parâmetros/crítérios necessários para a análise da tipológica e motivos decorativos aplicados à platibanda. Em simultâneo, foram executados vários mapas com a localização de cada construção e segundo os parâmetros definidos, tendo sido produzidos um total de mais de trinta mapas. Dos resultados sobre os dados recolhidos no levantamento, foram efetuados um conjunto de quadros resumo sobre cada parâmetro analisado, para um melhor entendimento dos resultados em valor quantitativo e percentagem, sendo estas figuras, essenciais para a interpretação do elemento no território. Os mapas e quadros resumo produzidos presentes ao longo do trabalho bem como no ficheiro de anexo, em conjunto com as várias fotografias executadas durante o processo de trabalho de campo, permitiram o cruzamento dos dados e diagnóstico de todas as características reunidas no inventário do levantamento.

Sobre a tipologia construtiva, foram analisados os seguintes parâmetros:

01. Distribuição no território;

· Data aplicada na fachada, organizadas por ano e década, sempre que possível e verificada no exterior da construção;



[Figura 69]  
Platibanda decorada, Olhão  
#12.01.05  
Fotografia: autores



- Estado de conservação do volume construído e dos ornamentos da platibanda, classificado em: Mau Estado, Estado Razoável e em Bom Estado;
- Tipo de cobertura da construção, com dados agrupados em Cobertura Inclinação, Cobertura Mista e em Cobertura Plana;
- Natureza da implantação, dividida em Malha Urbana ou Implantação Isolada;
- Existência de simetria na fachada;

Particularmente sobre o elemento da platibanda e dos ornamentos aplicados:

- Natureza dos motivos ornamentais presentes na decoração, segmentados em Motivos Geométricos, Motivos Vegetalistas e Motivos Geométricos e Vegetalistas;
- Presença da figura do motivo ocular (losango);
- Cromatismo aplicado à platibanda e nos seus ornamentos;
- Cores aplicadas, tendo sido organizadas segundo os seus pigmentos principais e secundários em: amarelos, azuis, cor-de-rosa, vermelhos, pretos/cinzas, brancos, verdes, laranjas e roxos;
- Presença de coroamento da platibanda;
- Presença de revestimento em escaiola na fachada e/ou platibanda;

Através do uso da fotografia e de medições rigorosas *in situ*, foram efetuados levantamentos de platibandas decoradas e de fachadas completas, sendo assim claro as suas particularidades e símbolos ornamentais, evidenciando as simetria e geometria das suas composições. Esta etapa, permitiu sobretudo confirmar a presença do losango na arquitetura popular algarvia, dos diferentes processos criativos, onde se torna evidente a repetição entre partes, os detalhes que lhe foram dedicados, e a sua técnica de aplicação da massa estuque, mas também e a impecável simetria da fachada e dos elementos decorativos.

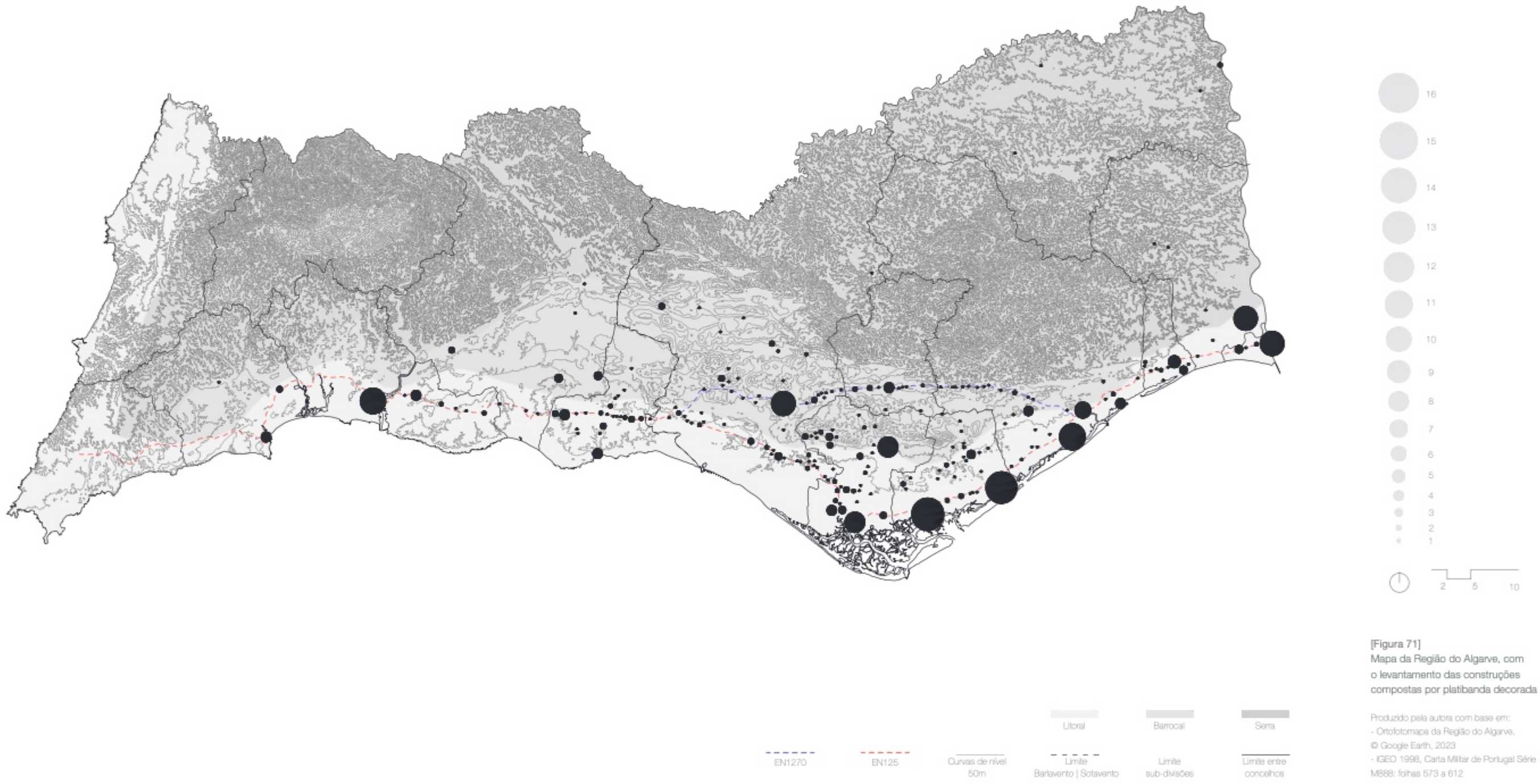
Um contributo para a investigação, foi a realização de mapas cartográficos com a localização das construções, elaborados conforme os diferentes parâmetros analisados. A produção deste conjunto, permitiu o diagnóstico da mancha dos vários fatores de forma mais evidente e imediata, proporcionando a análise entre os dados, permitindo cruzar informação de incidência. O mapa realizado com a localização de todas as construções analisadas, faculta uma fácil leitura da presença de construções inseridas de forma isolada e em malha urbana, pelas diferentes manchas que preenchem.

As 475 platibandas inventariadas, no contexto da arquitetura popular na região, encontram-se distribuídas por 13 concelhos algarvios e pelas diferentes faixas geográficas em que se divide o território. Os dados recolhidos, originaram um conjunto de objetos com características bastante distintas, cooperando com a teoria de vários autores, da impossibilidade de encontrar duas platibandas decoradas iguais, do que toca à sua ornamentação e tipologia arquitetónica em que se inserem. A distribuição e localização, de todas as edificações ornamentadas por platibanda decorada catalogadas pode ser verificada no mapa cartográfico presente na Figura 71 e também no documento em anexo.



[Figura 70]  
Platibanda decorada, Faro, Arneiro  
#10.01.04  
Fotografia: © Filipe da Palma









[Figura 72]  
Platibanda decorada, 1930, Tavira, Luz  
de Tavira  
#13.03.30  
Fotografia: autora



### 01. Distribuição no território

Dos dados recolhidos, podemos verificar os concelhos onde se aferiu uma maior incidência de platibandas decoradas, tendo sido o concelho de Loulé, com um total de 82 construções identificadas, seguindo-se Faro e Tavira com 78 cada. Destes concelhos destacam-se as freguesias da Sé e São Pedro em Faro e Luz de Tavira em Tavira, com 34 construções inventariadas cada uma, enquanto que em Loulé, se destaca a freguesia de São Clemente e de Almancil, com 23 e 20 platibandas decoradas. É ainda necessário, fazer referência à freguesia de Moncarapacho e Fuseta, concelho de Olhão, em que foram contabilizados 32 objetos de estudo de bastante importância por se apresentarem como peças de bastante trabalho e prestígio, demonstrando a existência de mestres artífices nessas localidades e a prosperidade económica dos seus habitantes.

Nos concelhos de Vila do Bispo, Aljezur e Monchique, não foram identificadas construções em análise, pois apesar da presença de construções com cobertura rematada por platibanda, nesta área do território, o elemento encontrados apresenta-se apenas como um parapeito, não tendo sido considerada como objeto com as características necessárias para ser consideradas inseridas na Casa-fachada popular, pela falta de decoração aplicada. Também nos concelhos de Alcoutim, Lagos e Lagoa, os objetos identificados, são de número reduzido, não ultrapassando a dúzia. De forma igual aos concelhos, nem em todas as freguesias foram durante o levantamento tomadas construções para o inventário produzido, demonstrando as diferenças entre o território devido a várias condicionantes.

É importante ter em consideração a diferença de dimensão, de população e da capacidade económica dos habitantes na época de reprodução de ornamentos nas platibandas, entre os concelhos e freguesias algarvias. Podendo dever-se à dimensão da área que os define, sendo o concelho de Loulé o maior da região, que apresenta uma área de 764,2 km<sup>2</sup> e consequente com maior número de freguesias, sendo difícil comparar por exemplo com o concelho de Olhão que apenas possui 126,8 km<sup>2</sup>. Em Olhão, no reduzido território ocupa, todos os aglomerados e vias entre eles, apresentam-se de bastante interesse para o estudo e levantamento, tendo sido aqui onde foram encontradas as construções que melhor demonstrar o carácter ostentativo das platibandas decoradas, sendo rara as construções que não se mostram de forma opulente e que marcam a paisagem construída.

Confirmando com a bibliografia sobre o tema, as edificações inventariadas, demonstram também uma maior mancha de platibandas decoradas no território do Sotavento, onde os 378 objetos identificados ultrapassam os 97 descobertos no Barlavento. No Barlavento apenas no concelho de Albufeira, que faz limite com o Sotavento, apresenta um número considerável, com 43 platibandas, igualando o número de dados do concelho de Vila Real de Santo António. O "Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada" presente na Figura 71, permite compreender de forma evidente a existência de uma maior mancha nas malhas urbanas, é ainda perceptível a relação próxima que o elemento platibanda possui com as principais vias de comunicação, nomeadamente com as Estradas Nacionais 125 e 270.



[Figura 73]  
Platibanda decorada, 1932, Olhão  
#12.02.01  
Fotografia: autora



[Figura 74]  
Platibanda decorada, Loulé, Porto Nobre  
#09.03.13  
Fotografia: autora



## 02. Platibandas datadas

Das 475 construções analisadas no processo de inventariação, apenas em 127 construções, um total de 26,74%, foi possível confrontar a edificação com a data presente orgulhosamente em elementos exteriores como a cantaria por cima de portas e janelas, em destaque e como principal motivo decorativo da platibanda ou acrescentada à ornamentação das chaminés. Apesar destes dados recolhidos, não se encontrando todas as platibandas datadas, é impossível admitir a época de maior produção de todas as platibandas, tendo ainda em conta que apesar da existência de uma data adicionada à construção, esta pode nem sempre se referir ao objeto da platibanda, podendo ser a data do volume construído ou da adição da cantaria, ou ainda a platibanda ter sido modificada.

No total foram verificadas 49 datas distintas em construções decoradas, encontrando-se delimitados entre os anos de 1862 e 1956, onde se foi verificado objeto de estudo mais antigo e o mais recente. Confrontados com os dados obtidos com o levantamento das datas em "Quadro resumo das datas com a representação quantitativa do ano/data das platibandas inventariadas" presente na Figura 76, é possível aferir a presença de anos em que a quantidade de objetos identificados se destacam: 1927 com 11 construções, 1925 com 9, 1933 com 8, 1995 com 6 e os anos de 1913, 1917 e 1940 com 5 cada. O quadro resumo, permite ainda analisar que a grande maioria dos anos apenas se verificou uma construção inventariada. Este parâmetro, é fundamental para estudar esta arquitetura popular, sobretudo o elemento decorativo da platibanda, pois permite de forma clara, identificar o principal período a decoração exterior das habitações algarvias e o seu declínio.

As construções datadas mais antigas que foram identificadas no processo do levantamento, referem-se a construções localizadas na Fuseta, Castro Marim, Santa Catarina de Tavira e Santa Barbara de Nexe, em períodos temporais diferentes. A habitação mais antiga datada, encontra-se inserida no aglomerado urbano da Fuseta, na Rua da Igreja com a data de 1862 cravada na cantaria de uma das portas de entrada do volume. Esta tradicional habitação, apresenta como principal decoração e a marcar o centro do seu eixo de simetria, uma grinalda de flores e laços dos dois lados, bastante característicos da freguesia, também com motivos vegetalistas, dois brasões lateados por elementos florais de bastante detalhe. A decoração da platibanda, contagia toda a fachada, pelas pilastras que contornam a porta, chegando até ao chão. Todos os relevos encontram-se atualmente pintados de branco, sendo que o revestimento da restante parede num tom creme.

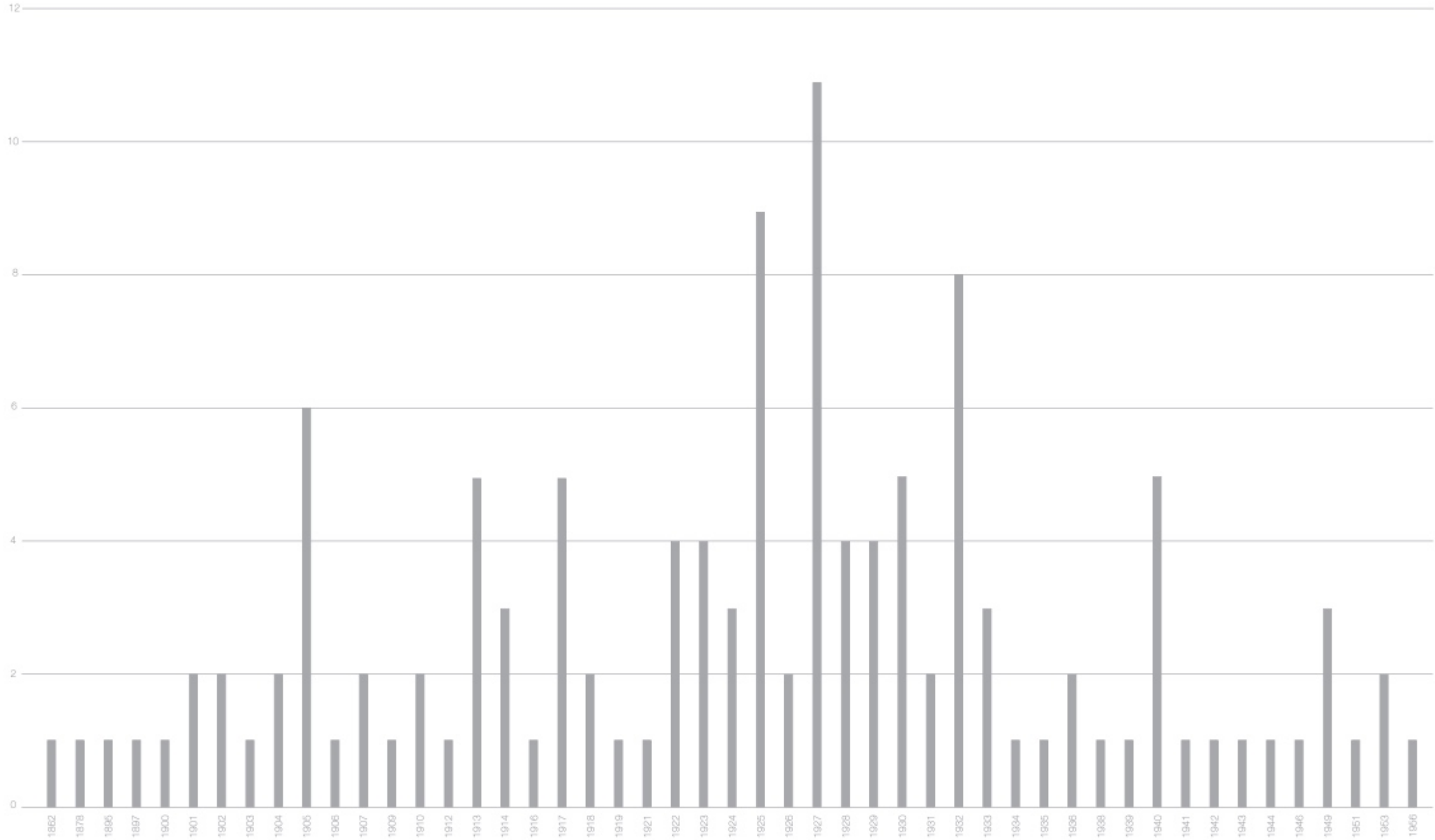
Em Castro Marim, junto à Praça 1º de Maio, encontra-se a segunda construção mais antiga encontrada, exibindo de forma destacada a data de 1878 na sua platibanda. Os ornamentos decorativos que preenchem a construção, são um conjunto de losangos, que surgem ao longo da faixa da platibanda, pintados de forma uniforme, estando a data e o losango onde encontra inserido a definir o eixo de simetria.

Na freguesia de Santa Catarina da Fonte do Bispo, no concelho de Tavira, na principal rua na malha urbana, por onde anteriormente passava a EN270, de dimensões razoáveis, com platibanda balaustrada em cerâmica vidrada datada de 1895 (Figura 75). Esta habitação é composta por apenas um piso, apresenta uma altura bastante generosa



[Figura 75]  
Platibanda decorada, 1895, Tavira, Santa  
Catarina da Fonte do Bispo  
#13.04.04  
Fotografia: autora





[Figura 76]  
Quadro resumo das datas com a  
representação quantitativa do ano/data  
das platibandas inventariadas  
Produzido pela autora com base no levantamento



para a época, sendo composta por uma cobertura mista. A sua fachada apresenta a habitual simetria, sendo de destacar a presença de porta de reixa metálica ao centro, duas janelas em cada lado, protegidas por cantaria tradicional da região. A platibanda atualmente danificada, observa-se ainda a degradação de toda a pintura exterior, faltando ainda elementos de pilhas e urnas cerâmicas que José Fernandes registou a marcar o coroamento da platibanda.

As platibandas datadas mais recentemente correspondem aos anos de 1956 e de 1953 com dois exemplos datados, no concelho de Loulé, na localidade de Parragil, freguesia de Boliquire. As três construções, apesar de se localizarem a uma distância reduzida e de estarem datadas com uma diferença apenas de 3 anos, apresentam características distintas, tendo duas em comum o seu revestimento muito bem acabado em escaiola típica da região em que se implantam.

A platibanda identificada de datação mais recente, situa-se na Varejota (Figura 77), de difícil acesso, por não ser visível da sua estrada de acesso. A construção com elevado nível de degradação, caracteriza-se sobretudo pelo revestimento total da sua fachada principal pela técnica em escaiola, em vários padrões distintos, com as cores de amarelo, rosa pálido, vermelho velho, com umas suaves nuances laranjas resultantes da combinação das cores. O péssimo estado de conservação da construção, onde a cobertura do volume ruiu em grande parte, permite-nos analisar que a construção é feita por alvenaria de pedras emparelhadas de forma irregular. A fachada principal, é marcada pela simetria, com porta central e janelas nos dois lados, de proporções tradicionais. Tanto a platibanda como o rodapé, são marcados e ligados aos vãos pela cantaria em pedra. A platibanda, preenchida igualmente pela técnica em escaiola, destaca-se pelo seu coroamento reto, marcando o centro da peça, onde se inserem a abreviatura de "JGV" provavelmente as iniciais do proprietário da habitação, juntamente com a data de 30-9-1956, possível data de inauguração. Pouco comum são outras inscrições presentes na platibanda como: "ANA", "Taberna D. Piedade", "Padaria" e "Mercearia. Estas inscrições, funcionavam provavelmente como *slogan* das atividades que aconteciam nesse mesmo edifício, demonstrando a importância desta construção neste pequeno aglomerado.

O primeiro exemplar de 1953 (Figura 78), localiza-se na Estrada N.º. Sr.ª da Boa Horta, sendo um exemplar bastante conhecido pelo nome da sua localização, implanta-se um perfeito exemplar da denominada casa-fachada. A habitação de apenas um piso, considerada por José Fernandes de "excepcional pela sua dimensão naif", apresenta uma tipologia tradicional, decorada com elementos de estilo Art Déco, bastantes comuns na subdivisão do Barrocal em que se insere. A planta retangular com cobertura planta em açoteia, apresenta um mirante com um telhado de uma água. Na fachada principal da habitação, com cronograma a indicar a data de inauguração da casa "1953, 24 junho". Destaca-se a decoração que ocupa na totalidade toda a fachada principal e paralela à estrada, por trabalhos de massa e revestimento em escaiola, com bastante contraste,



[Figura 77]  
Platibanda decorada e revestimento em escaiola, 1956, Loulé, Varejota  
#09.03.07  
Fotografia: autora



[Figura 78]  
Platibanda decorada e revestimento em escaiola, 1953, Loulé, Vale da Boa Hora  
#09.03.06  
Fotografia: autora



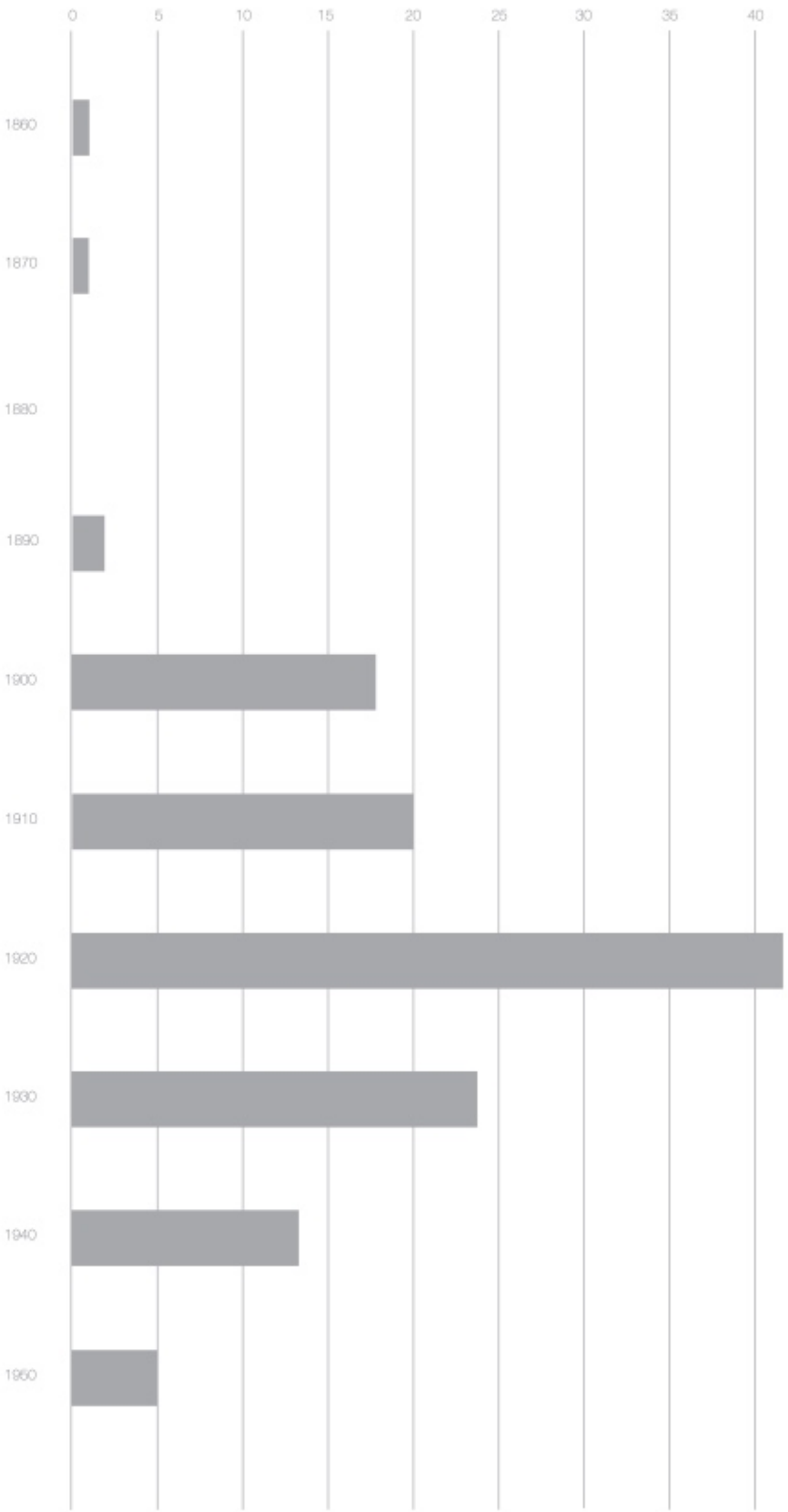
imitando uma pedra cheia de veios, em tons de terra, com amarelos e vermelhos. Os ornamentos, são sobretudo constituídos por linhas geométricas, com faixas em dentes de serra, meia canas e losangos, todos em perfeito diálogo com os cunhais em pilastra, embasamento e remate, estando a platibanda delimitada ainda por uma cornija em cantaria.

Também de 1953, localizada no Parragil, foi inventariada uma construção que se distingue das outras do mesmo período, pela ausência do revestimento em escaiola. Esta construção de cor em azul na platibanda e rodapé, tendo como base a cor branca. A construção possui novamente a data a marcar a simetria, tendo a inscrição de "JFG 1953". Os ornamentos, dividem-se em duas partes: uma peça central marcada por linhas verticais e por "escamas" e nos lados duas peças iguais com um desenho iconográfico abstrato.

Também outras construções com platibanda datada, permitiram através do seu estudo e análise dos seus ornamentos, comparar estilos artísticos aplicados ao elemento exterior. É possível através do balanço aos dados recolhidos dos casos de estudo entre os valores mais antigos em comparação com os mais recentes, que distam entre si 94 anos, com a mais antiga em 1862 e mais recente em 1956, alegar que houve uma alteração no gosto decorativo aplicado. Comparando os casos anteriormente referidos, pode se reiterar várias conclusões de imediato, a perda de quantidade de ornamentos, e os neles motivos aplicados, observando-se uma substituição da quantidade de técnicas aplicadas em simultâneo, e perda de técnicas mais elaboradas como a modelação do desenho livre à lanceta.

Para além da importância de dividir e comparar as platibandas decoradas pelo ano inscrito na sua fachada, é fundamental cruzar os vários valores obtidos neste parâmetro. No século XX, observa-se a inexistência de dados nos anos de 1908, 1911, 1915, 1920, 1937, 1945, 1947, 1948, 1950, 1952 e 1954, não se verificando construções datadas depois deste período. O quadro resumo da Figura 79, apresenta os dados acerca das datas das construções divididos pela década que se inserem. O gráfico permite-nos de forma evidente entender o início da "moda" das fachadas com platibanda e o início do seu declínio. É inequívoca a notoriedade dos resultados analisados para um crescente aumento entre o início do século XIX até à década de 1920, onde se observa o maior número de datas, num total de 42 construções. Nesta década, destaca-se por muito o ano de 1927, com 11 dados. É também a partir desse momento, que se observa o declínio de platibandas datadas, em provável simultâneo com a perda da sua produção no Algarve.

Jacinto Palma Dias, em *Algarve Revisitado* indica também o período de maior produção de platibandas decoradas, entre os anos de 1915 e 1935, época correspondente à I Guerra Mundial e à Crise Económica que alastrou no Algarve em 1929, período que antecede à II Guerra Mundial. O levantamento feito, e os dados reconhecidos e identificados dedicados à data presentes nas construções de platibandas decoradas, encontram paridade entre estes e o autor.



[Figura 79]  
Quadro resumo das décadas com a representação quantitativa do ano/data das platibandas inventariadas  
Produzido pela autora com base no levantamento



### 03. Estado de conservação

A decoração aplicada à fachada das construções tendo como a platibanda o principal suporte, converteu-se durante época num objeto de luxo e de grande importância para a cultura arquitetónica da região. Não sendo atualmente testemunhadas a construção de platibandas ornamentadas com o mesmo esmero e capricho que se observou no século passado, importa que estes objetos sejam preservados e alvo de manutenções regulares, pois as suas peças em relevo, expostas constantemente a agentes externos, são os primeiros a serem sacrificados, pois para além do carácter decorativo, revestem e protegem as paredes.

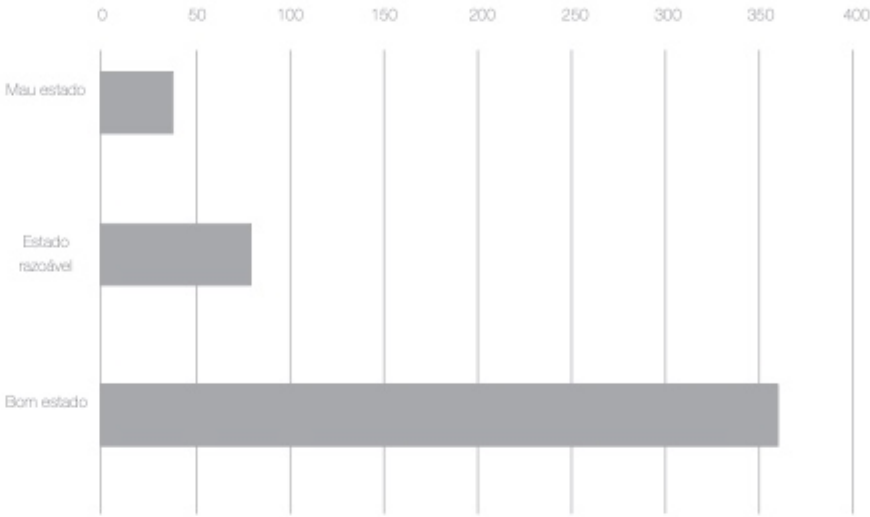
Durante o trabalho de levantamento, foi registado o estado de conservação das Casas Fachadas identificadas e dos seus elementos decorativos com base em três graus/ níveis: Bom Estado, Estado Razoável e Mau Estado. Posteriormente foram realizados vários mapas e quadro resumo referente da atual situação das construções. Foram denominadas em Bom Estado de conservação, as construções que se apresentam em perfeita condição de habitabilidade, onde de para além de o revestimento se mostrar cuidado e limpo, os elementos em relevo da platibanda encontram-se imaculados.

As construções onde apesar de se notar ainda a habitabilidade e salubridade, se observam a degradação e ausência de manutenção das cores de revestimento, tal como os ornamentos em relevo sofreram dano, porém ainda são perceptíveis e identificadas as técnicas aplicadas, foram denominados como em Estado Razoável. Esta denominação deve-se sobretudo pela habitabilidade do espaço interior, não depender do aspecto dos ornamentos, observando-se apenas a perda de atenção e proteção dos relevos exteriores.

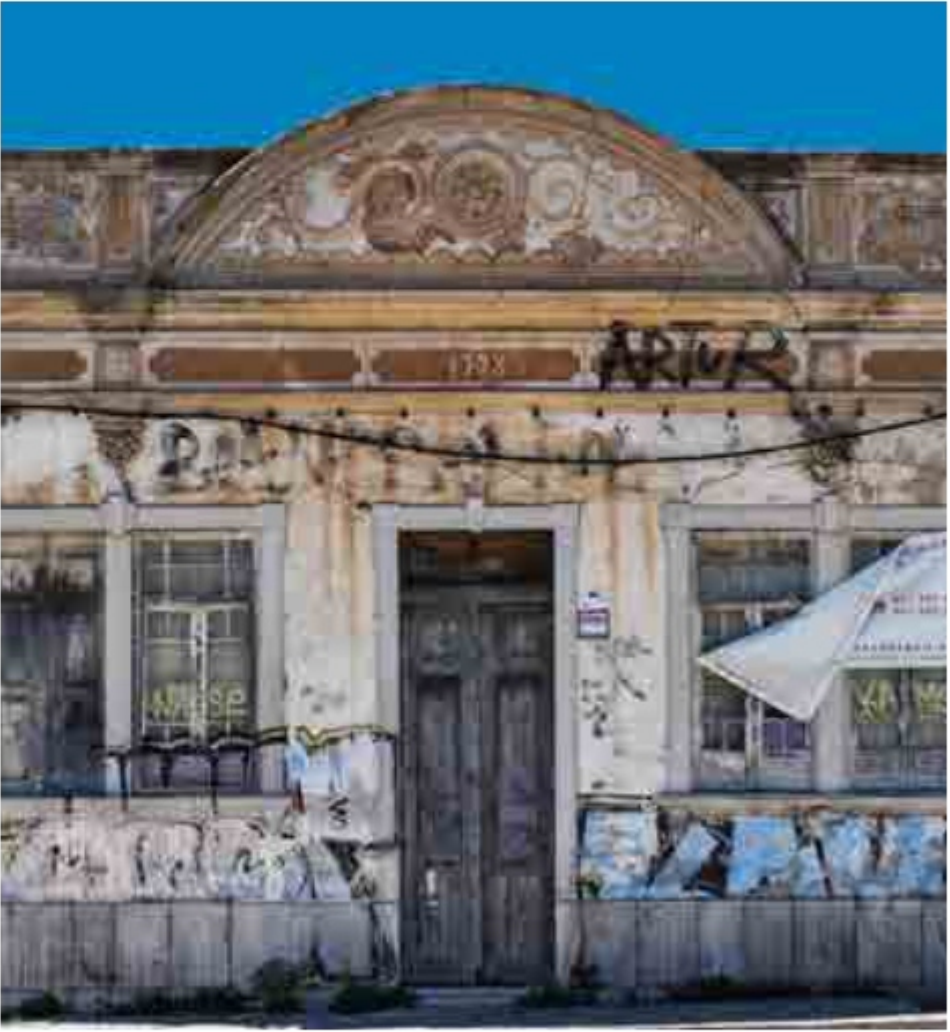
O parâmetro Mau Estado em base de dados refere-se às construções que se encontram muito degradadas (Figura 81), muitas vezes já sem cobertura, com janelas e portas partidas ou tapadas por alvenarias e onde as paredes se encontram expostas. Tal como toda a construção, a platibanda encontra-se num estado lastimável, com partes partidas, onde a leitura do elemento é difícil devido ao desgaste dos revestimentos exteriores.

Das 475 platibandas inventariadas, 358 construções, cerca de 75,5%, foram consideradas como em Bom Estado, notando-se que algumas foram até alvo de obras de restauro recentes. Este é um dado favorável para a manutenção necessária do património construído. Porém 24,5%, encontra-se em situação de perda patrimonial, tendo sido classificada como em Estado Razoável, com 78 construções que ainda detém alguma oportunidade de serem recuperados. Dos edifícios que se encontram sob permanente ameaça de ruir, em que os seus ornamentos em relevo se tornarão apenas admirados em memórias, foram encontrados 39 objetos em Mau Estado. Os motivos decorativos destas habitações, em circunstância de risco, podem dever-se a vários motivos, como o abandono das zonas rurais, ou a perda de relação com a arquitetura popular regional e seu símbolos.

Para além do quadro resumo presente na Figura 80, foram realizados mapas distintos consoante o Estado de Conservação, não sendo prospetivável no território nenhuma mancha fora do comum, demonstrando que estes três graus de preservação, encontram-se de igual forma distribuídos também pelo território.

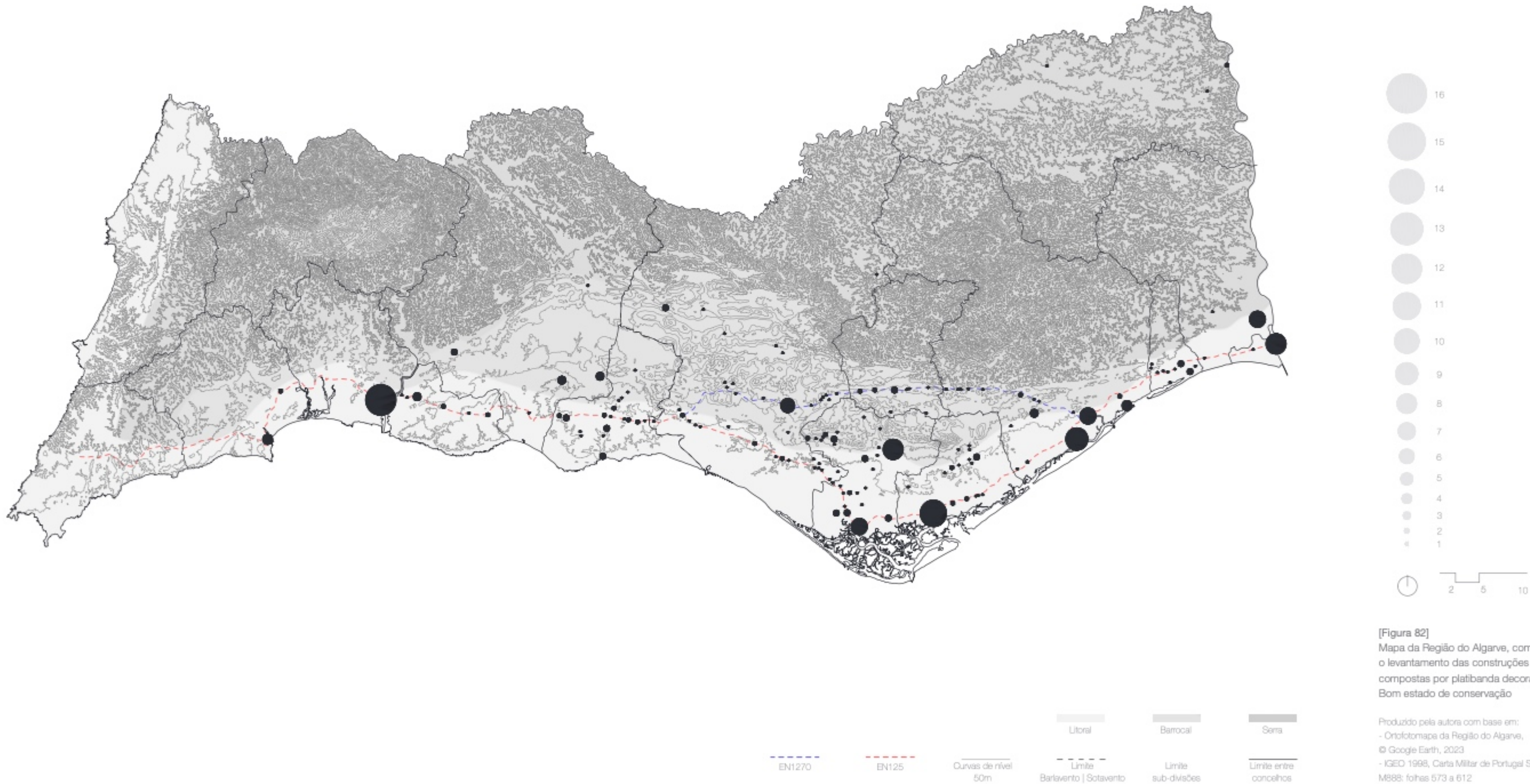


[Figura 80]  
Quadro resumo do estado de conservação das construções com platibanda inventariadas  
Produzido pela autora com base no levantamento

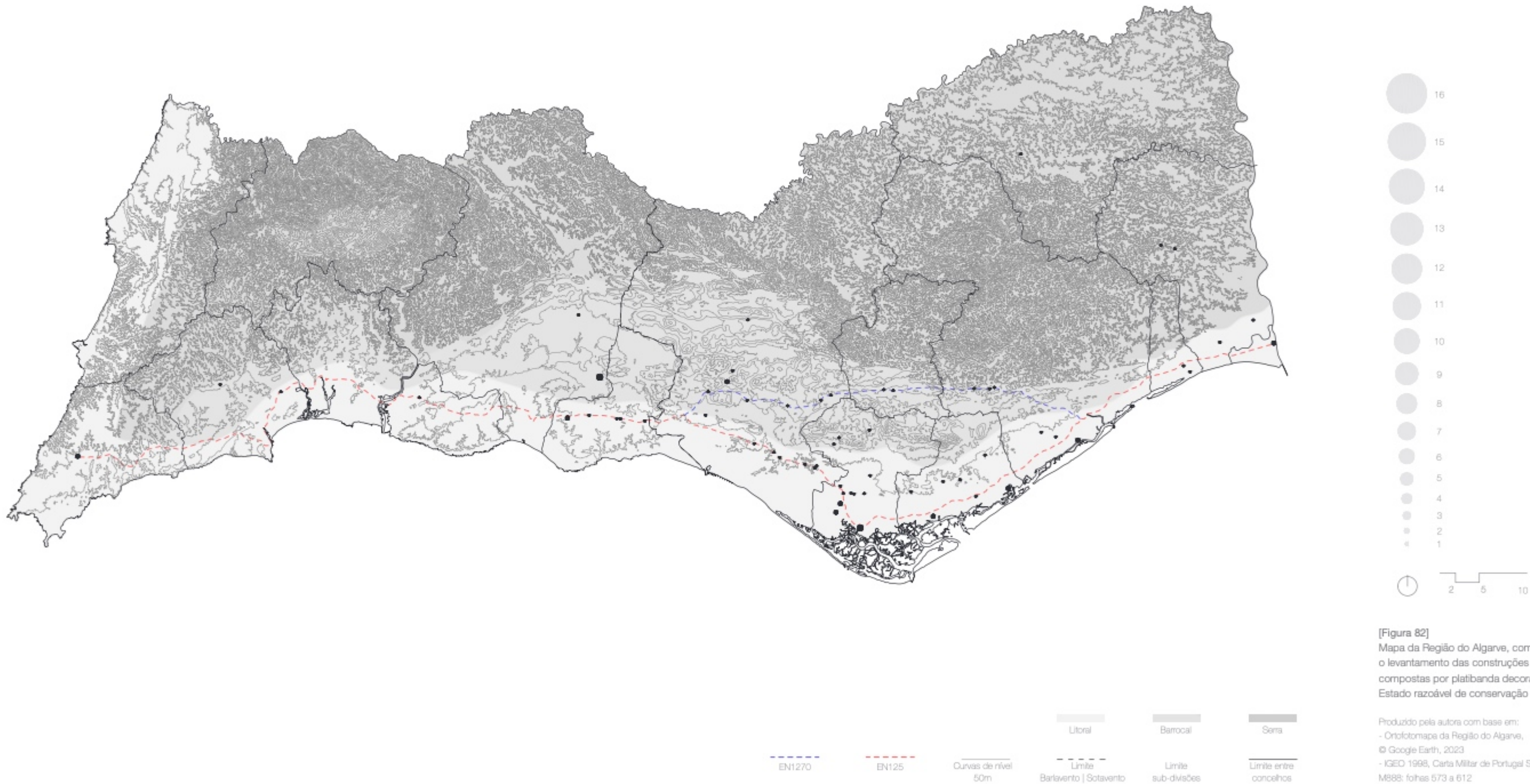


[Figura 81]  
Platibanda decorada, 1928, Távira, Luz de Távira  
#13.03.09  
Fotografia: autora





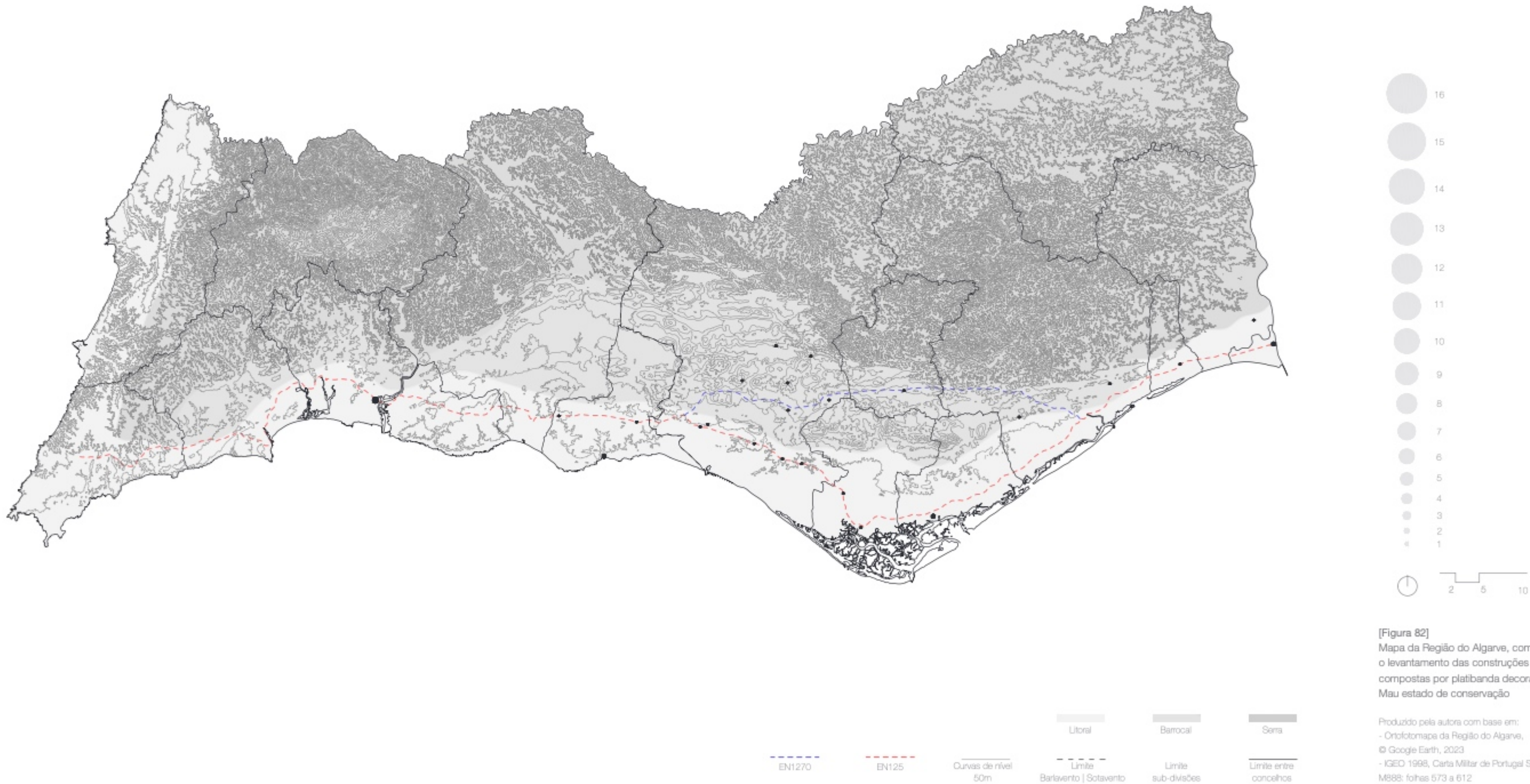




[Figura 82]  
Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada em Estado razoável de conservação

Produzido pela autora com base em:  
- Ortofoto da Região do Algarve,  
© Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888: folhas 573 a 612







#### 04. Tipo de cobertura

Como mencionado por Orlando Ribeiro, a Região Algarvia apresenta-se como um território em que a cobertura se mostra de forma variada, tendo observado a presença de várias tipologias, chegando a ser uma extensão do espaço interior das habitações, como se de um pátio se trata-se. Orlando Ribeiro classificou a cobertura plana característica no Algarve central como açoteia por “um terraço coberto de ladrilho e rodeado por uma platibanda baixa” nela era possível a secagem dos frutos e a utilização no verão como um espaço refrescante.

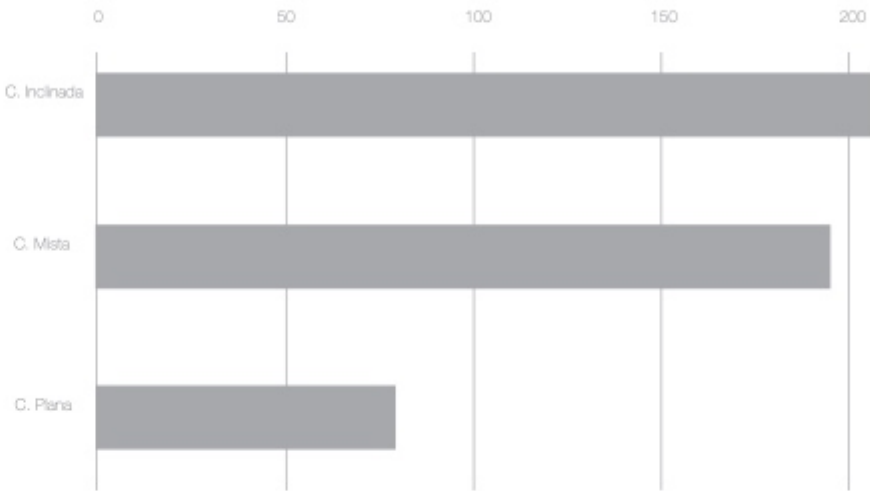
A platibanda decorada e a cobertura possuem uma relação bastante íntima, não só pela proximidade que têm, pois é a cobertura, que define o arranque inferior da platibanda, e variável da sua altura, mas também pela função de guarda-corpo em coberturas planas que cumpre, ou de murete para reencaminhar e fazer o escoamento das águas pluviais, como resposta às imposições dos Códigos de Posturas Municipais.

Porém mostra-se inverossímil, definir a tipologia de cobertura que mais se associa ao início do desenvolvimento da platibanda no Algarve, não havendo evidências de uma relação estritamente direta entre um tipo específico de cobertura e a introdução de platibandas decoradas no território, sendo observada em todos os modelos.

Neste parâmetro de investigação relativamente à tipologia construtiva das construções compostas por platibanda ornamentada inventariadas, o gênero de cobertura foi dividido em três alíneas: Cobertura Inclínada, Cobertura Mista e Cobertura Plana ou açoteia. Quando não foi possível identificar o tipo de cobertura aplicado *in situ* por a platibanda obstruir a sua visão do ponto de vista do arruamento, por ser uma construção alta ou a construção encontrar-se em ruína, recorreu-se à averiguação de dados para a análise através de imagens de satélite.

Dos dados recolhidos (Figura 85), mostram-nos que apenas a Cobertura Plana, apresenta apenas 78 casos de estudo apurados, presentes sobretudo nos aglomerados urbanos de Loulé, Faro, Olhão e Fuseta, representado apenas 16,40% da percentagem total das construções. A Cobertura Inclínada, é a tipologia de cobertura com maior quantidade de dados presentes, tendo apenas uma diferença de 7 construções analisadas na Cobertura Mista, com 202 e 195 exemplares respetivamente. A Cobertura Inclínada, configurada em 42,60% dos dados, localiza-se sobretudo nas malhas urbanas de Tavira e Portimão, encontram-se também de forma uniforme ao longo do território.

A Cobertura Mista, com equivalência dos dados de 41%, possui grande presença no Algarve Central, Litoral e Barrocal. Das tipologias de cobertura identificadas por Orlando Ribeiro, apenas na cobertura por Telhados de Tesoura, não foram encontradas platibandas tradicionais denominadas casa-fachada que foram analisadas.

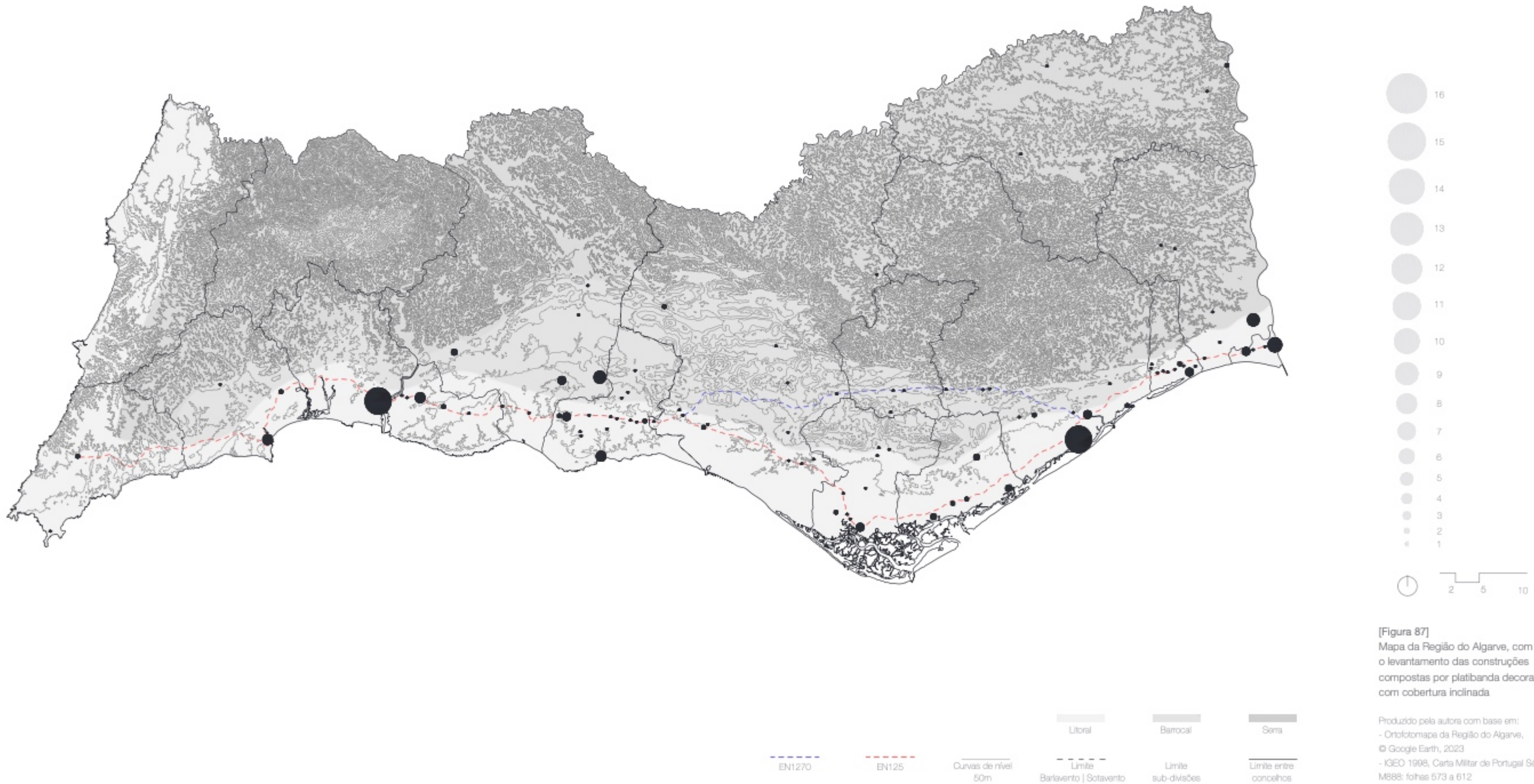


[Figura 85]  
Quadro resumo do tipo de cobertura das construções com platibanda inventariadas  
Produzido pela autora com base no levantamento

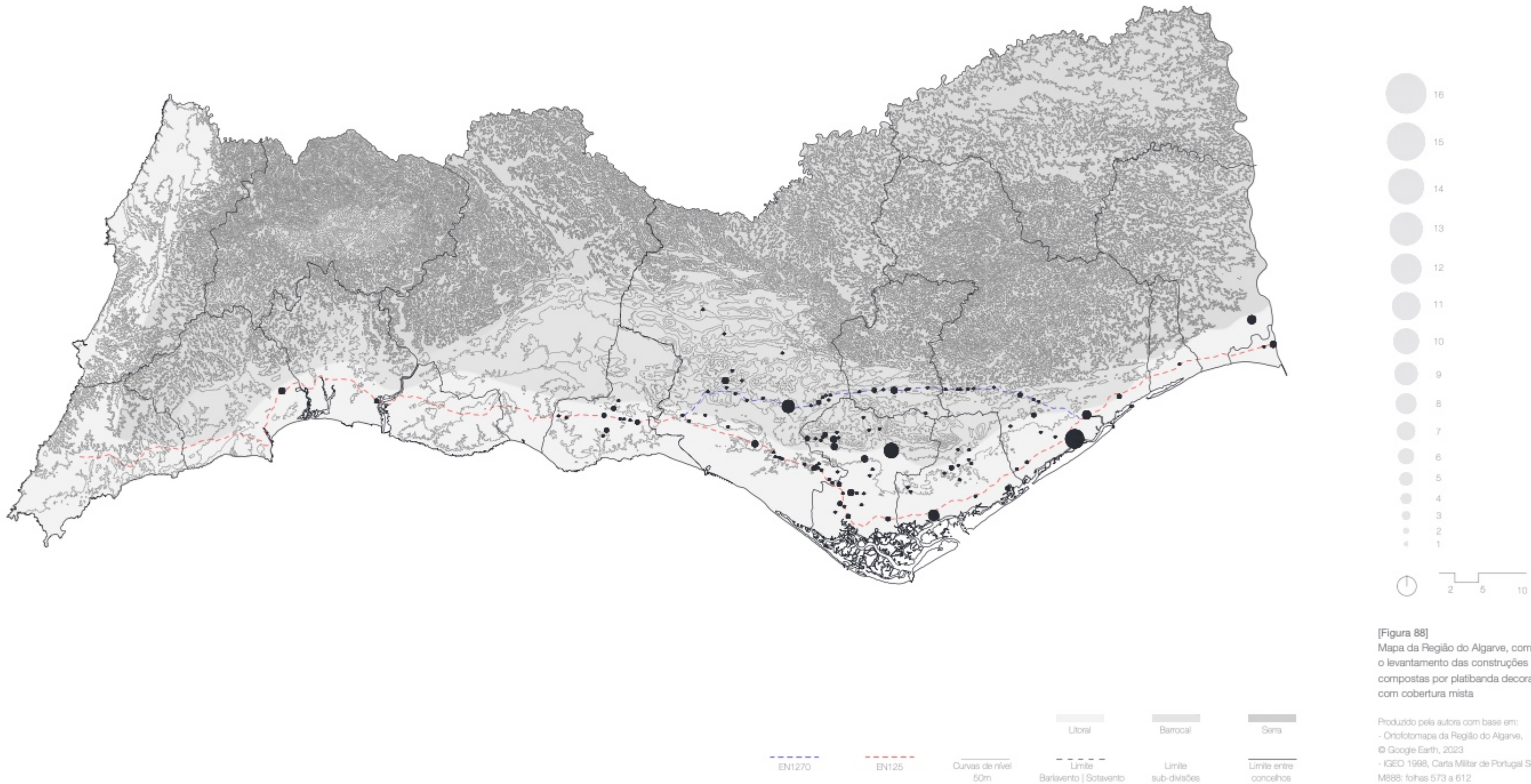


[Figura 86]  
Platibanda decorada, 1930, Castro Marim  
#15.01.07  
Fotografia: autora

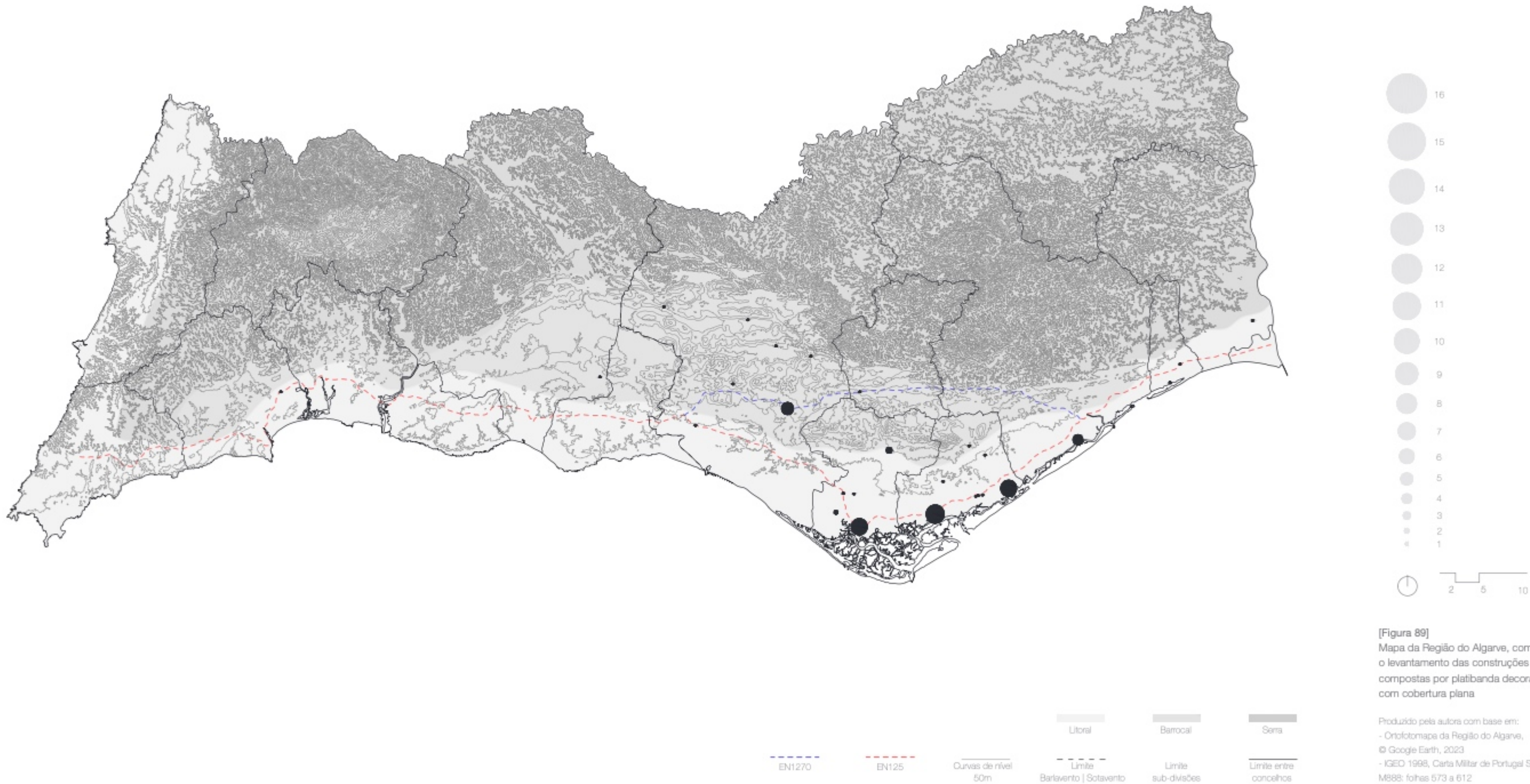
















[Figura 90]  
Platibanda decorada, 1900, Loulé, Patã  
de Cima  
#09.04.01  
Fotografia: autora



<sup>88</sup> Jacinto Palma Dias (1994), O algarve Revisitado, p.11

### 05. Natureza da implantação

É indiscutível a forte presença que estas construções ornamentadas possuem nos aglomerados urbanos e rurais do território algarvio, partilhando entre si, as características exteriores que as definem. Em pequenas localidades, sobretudo rurais como Santo Estevão, Moncarapacho e Santa Bárbara de Nexe, nos seus largos principais, sempre junto às Igrejas e poços, apresentam um conjunto interessante destas arquiteturas populares, que de forma evidente, participam da vida cultural dos seus habitantes. Jacinto Palma Dias em *Algarve Revisitado*<sup>89</sup>, relaciona a presença destas habitações decoradas, com outras de tipologia semelhante presentes no território de forma mais isolada. Quando implantada de forma isolada, a construção de platibanda, surge próximas das principais vias de comunicação, quase sempre paralelas a estas (Figura 92), ou em estradas que ligam núcleos urbanos.

Em meios mais rurais, estas construções se mostram como exhibições isoladas que alegam e dão vida à paisagem natural, nos meios urbanos, onde se verifica a presença de casa-fachada, as ruas tornam-se verdadeiras galerias de arte, onde várias autores/mestres artífices expõem o seu trabalho, capazes de serem observadas por quem deambula o território. Um especial episódio acontece quando se verifica o crescimento da malha urbanas, como aconteceu em Olhão no Bairro da Barreta, em que o ritmo dos vãos em “porta-janela-porta-janela”, invés de se estabelecer uma fachada continua e coletiva, procedeu-se à diferenciação e individualização das construções através da ornamentação em trabalhos em massa colocados na cantaria e na platibanda, onde são adotados ornamentos em relevo provenientes de manufatura *standard*, exterior às práticas de arquitetura populares, mas produzidos como uma cópia próxima.

Para o estudo da distribuição das platibandas decoradas, e de modo entender melhor a forma como as construções se localizam no território, foi analisado o seu tipo de implantação (Figura 94), dividindo-os em implantação em Malha Urbana consolidada, ou de Implantação Isolada. Podendo estar relacionado com a facilidade destes objetos serem encontrados em aglomerados, este foi o parâmetro em que se verificou maior presença, com 278 objetos identificados na base de dados, em comparação às 197 de implantação isolada. Os resultados, são de forma clara evidenciados nos mapas presentes nas Figuras 93 e 94, que apresentam a mancha respetiva à sua localização.

### 06. Presença de Simetria na fachada

A simetria nas fachadas desempenha um papel fundamental na arquitetura popular algarvia, sendo um elemento imprescindível na composição das casa-achada, pois contribui para a estética das proporções exteriores e através dela, podemos depreender também a organização interior. A imagem da habitação tradicional algarvia, caracteriza-se vulgarmente por modesta, com porta central e janela nas suas laterais, pela sua platibanda e chaminé decorada. Neste sentido, importa confirmar a presença da simetria, nas construções e platibandas catalogadas. Foram examinadas 315 construções com presença de simetria na platibanda e fachada, enquanto que em menor número, 160 construções com ausência de simetria exterior, como se observa na construção das Figuras 95 e 96.

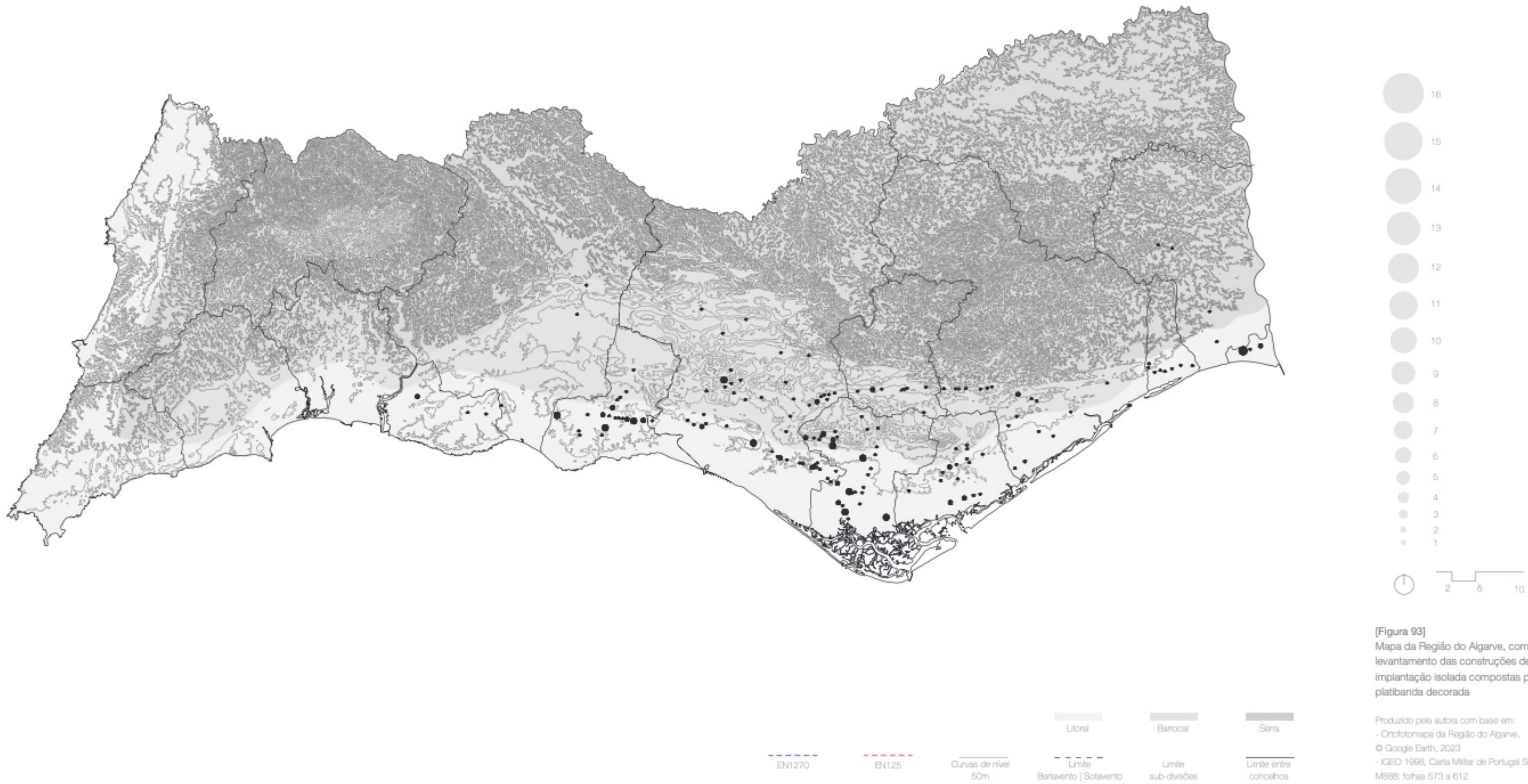


[Figura 91]  
Quadro resumo do tipo de implantação das construções com platibanda inventariadas  
Produzido pela autora com base no levantamento

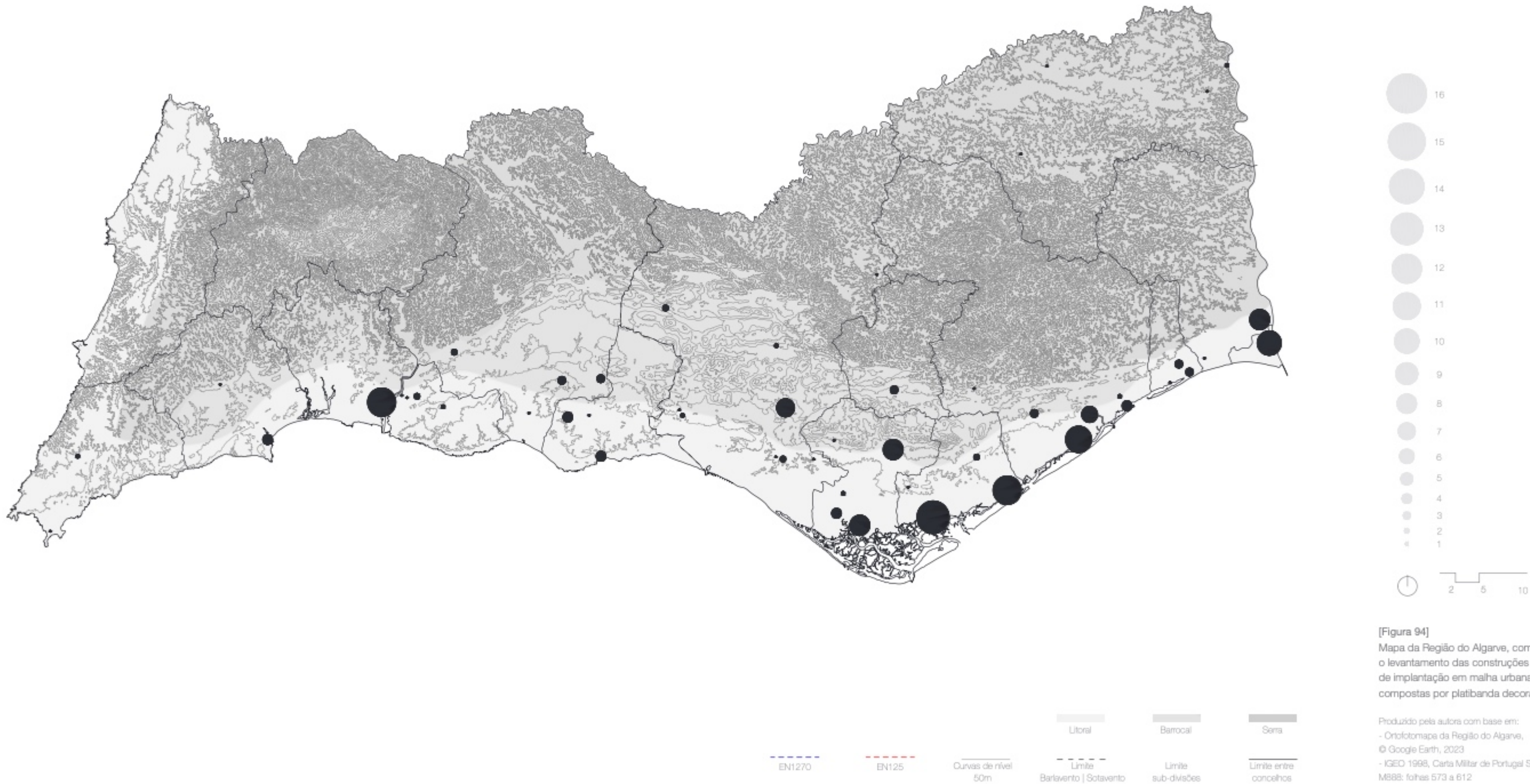


[Figura 92]  
Platibanda decorada, Olhão, Calços #12.04.11  
Fotografia: autores







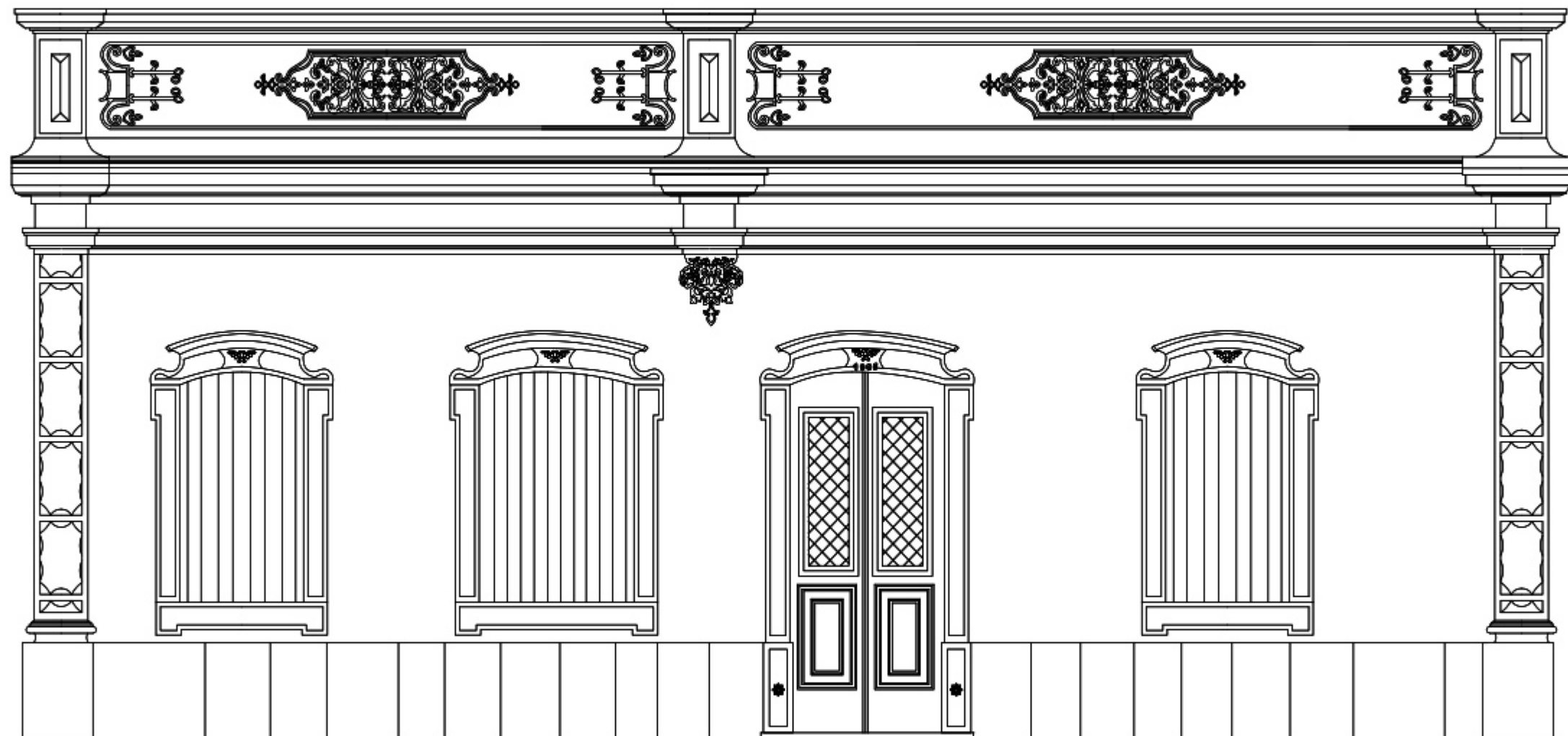






[Figura 95]  
Platibanda decorada, Tavira, Luz de Tavira  
#13.03.16  
Fotografia: autora





[Figura 96]  
Levantamento de casa-fachada com  
platibanda decorada, Tavira, Luz de  
Tavira  
#13.03.16  
Levantamento feito pela autora, através da  
fotografia



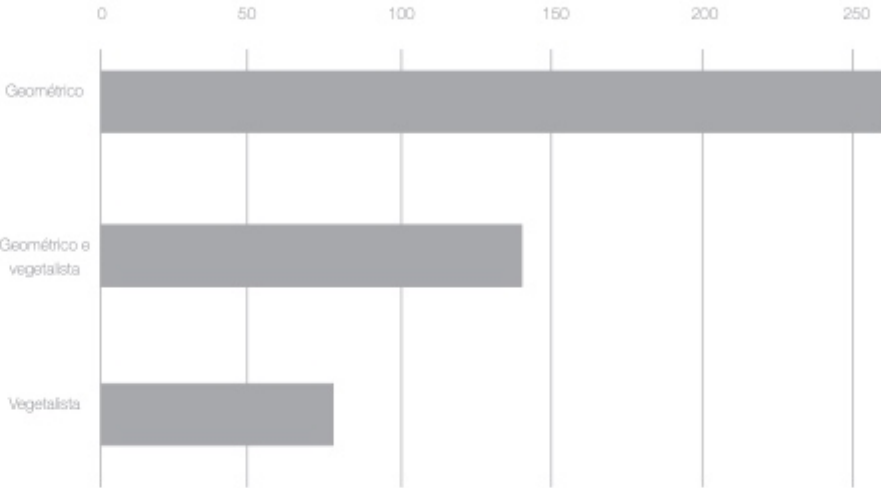
07. Motivos ornamentais

A platibanda ornamentada algarvia, procurar representar o gosto dos seus proprietários, como um cartão de visita ou cartaz publicitário, nela são transmitidas mensagens e a sua condição financeira, necessária para a encomenda dos ornamentos em massa estuque. Apresenta-se enquadrada na moda do tempo em que se insere, com vários motivos estilísticos, provenientes de várias técnicas de reprodução de ornamentos decorativos. Não se sabe ao certo quando estes motivos foram inseridos na arquitetura popular algarvia, provavelmente por plágio e/ou importação de outras decoração/ornamnetos mais eruditos, pela cópia dos artifícios às instruções de outros mestres. Estes ornamentos, apresentam-se de várias formas, como em rendilhados de trabalho minucioso, floreados e em oposição às formas vegetalistas, motivos geométricas, onde a Art Déco põem à prova a prática e criatividade destes mestres e abstração das formas.

Pela sua plasticidade inerente à decoração da platibanda, ao longo perto de um século, os ornamentos aplicados foram adequados aos vários estilos estilísticos e arquitetónicos, tendo sido observadas em várias construções, a introdução de graduais alterações, não apenas da cor aplicada, mas também dos seus motivos ornamentais aplicados, participando da ideia que estes relevos, representam o gosto dos seus residentes. Importa para o estudo, entender os motivos decorativos compostos por linhas orgânicas e puras, ou em imitação a rendilhados e bordados com mais representação.

Os dados foram divididos em três estilos: Geométricos, Vegetalistas e a combinação, Geométrico e Vegetalistas. Os Motivos Geométricos, pela introdução de ornamentos decorativos *standard*, e facilidade da sua produção diretamente no suporte da parede em processos de bancada, e por requererem menor experiência e criatividade do mestre artífice, apresentam-se ao longo do território de forma quase uniforme, ocupando 54,70% de toda decoração nas platibandas decoradas levantadas em base de dados. Estes motivos, são sobretudo de linhas retas, figurando sobretudo o losango e quadrado e na representação de círculos e semicírculos. Cerca de 29,20% , os Motivos Geométricos e Vegetalistas, apresentam-se como uma solução prática para a decoração, por misturarem elementos de maior e menor delicadeza. Na maioria destes dados apresentados, os motivos vegetalistas ocupam a peça principal da platibanda e de destaque, com uma maior dimensão e presença, tendo como motivos geométricos, pormenores preenchendo frisos e pilastras. Esta forma de decoração, determina uma platibanda decorativa mais rica, no sentido em que apresenta no seu volume vários estilos artísticos de diferentes técnicas de modelações.

Os Motivos Vegetalistas em composição decorativa isoladas, com menor presença, com apenas 76 construções recolhidas. Estes motivos favorecem a riqueza da platibanda, pelos seus arabescos e formas mais trabalhadas, provenientes da técnica de modelação livre. Requerem uma bagagem de conhecimento e técnicas de aplicação da massa, mais trabalhosas e minuciosas, por representarem flores, mouriscados, concheados complexos, e por isso, requerem mais gastos económicos para a sua produção e tempo, por ser necessário o estudo prévio do ornamento a ser representado, sendo difícil a sua aplicação foram do suporte da parede. Esta decoração, têm sobretudo presença no

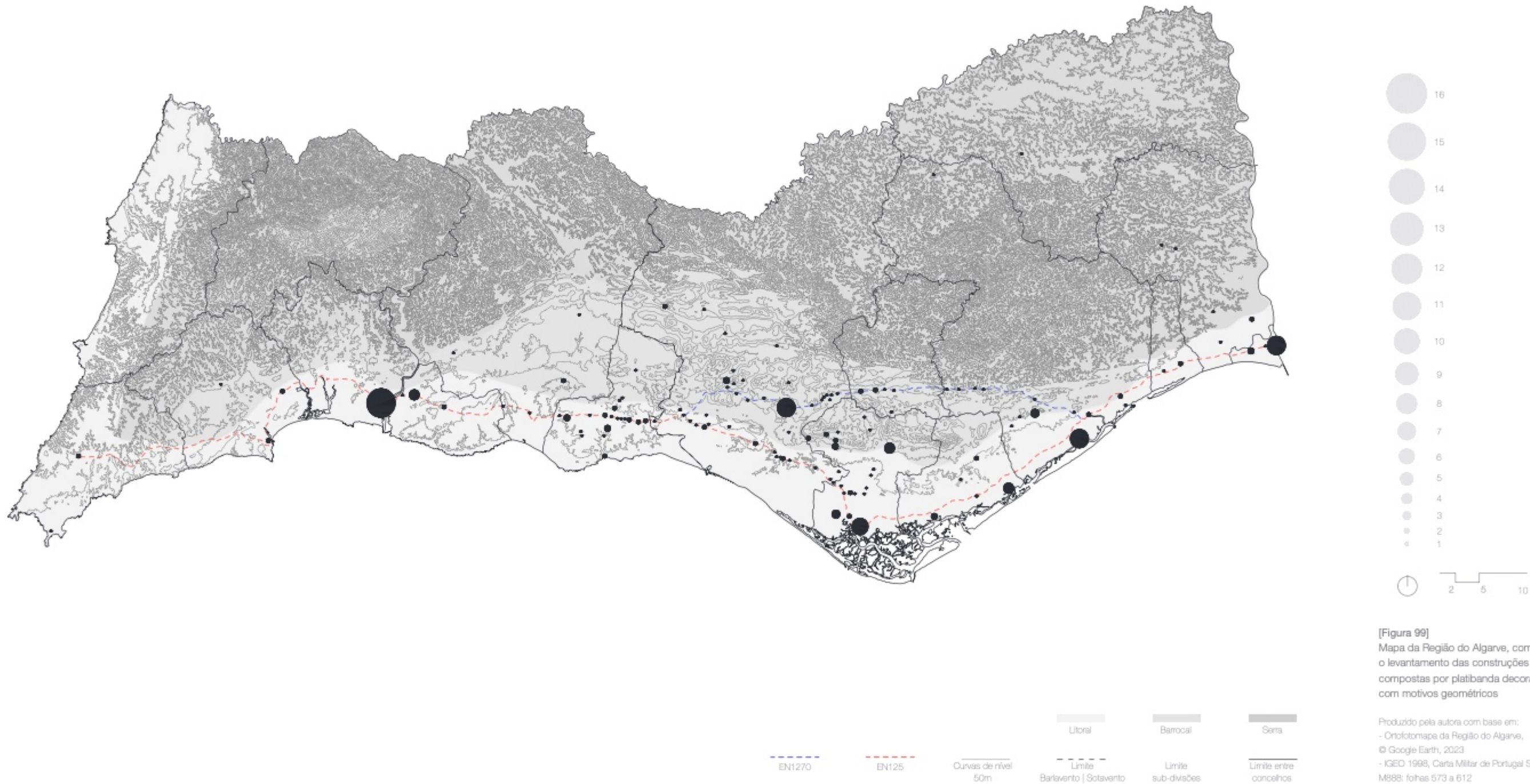


[Figura 97]  
Quadro resumo do tipo de motivos ornamentais presentes nas construções com platibanda inventariadas  
Produzido pela autora com base no levantamento



[Figura 98]  
Platibanda decorada, 1917, Lagos, Calvário  
#06.03.01  
Fotografia: autora







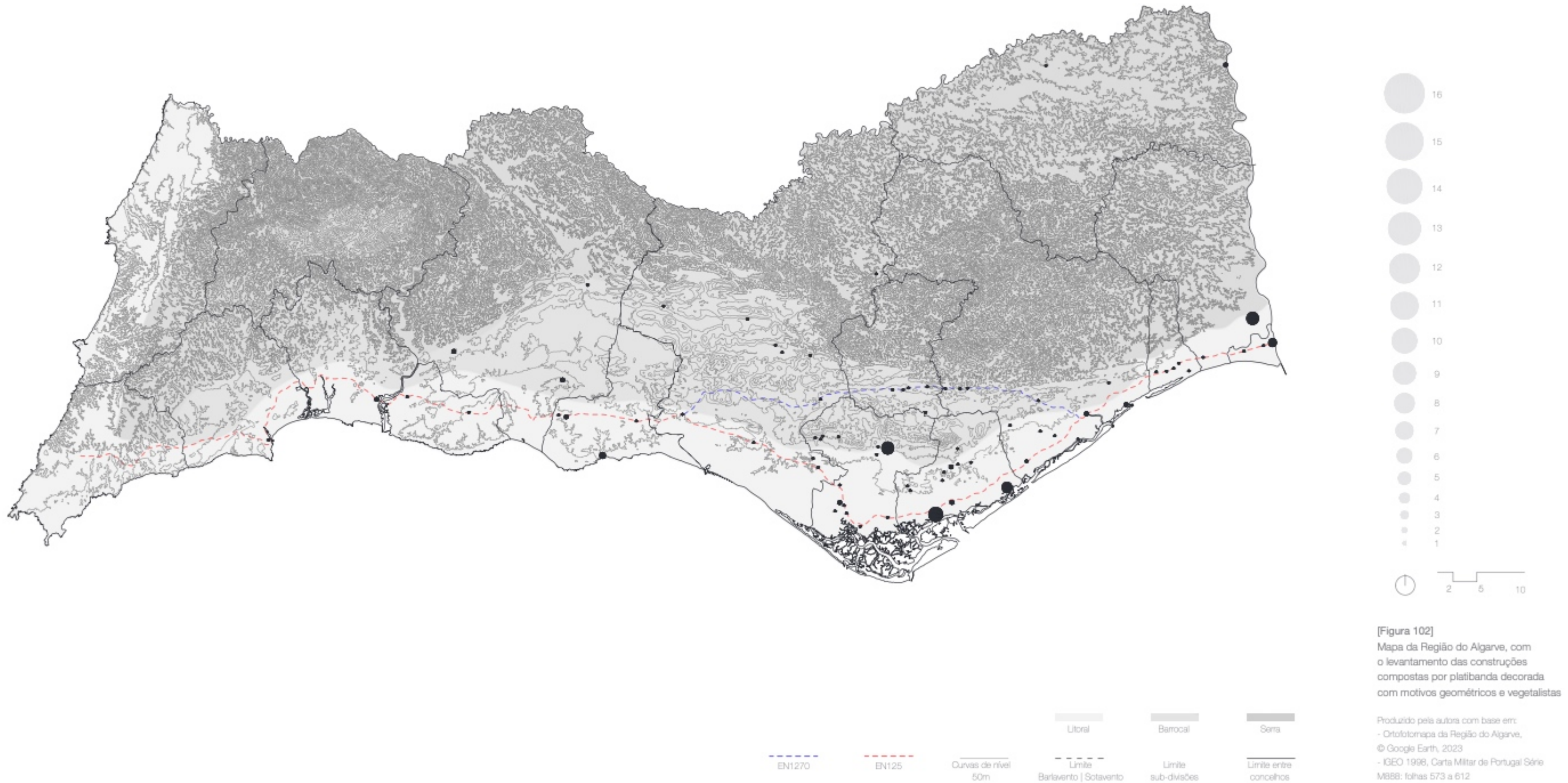


[Figura 100]  
Platibanda decorada, Portimão  
#05.01.14  
Fotografia: © Filipe da Palma



[Figura 101]  
Levantamento de casa-fachada  
decorada, Portimão  
# 05.01.14  
Levantamento feito pela autora, através de  
fotografia de © Filipe da Palma



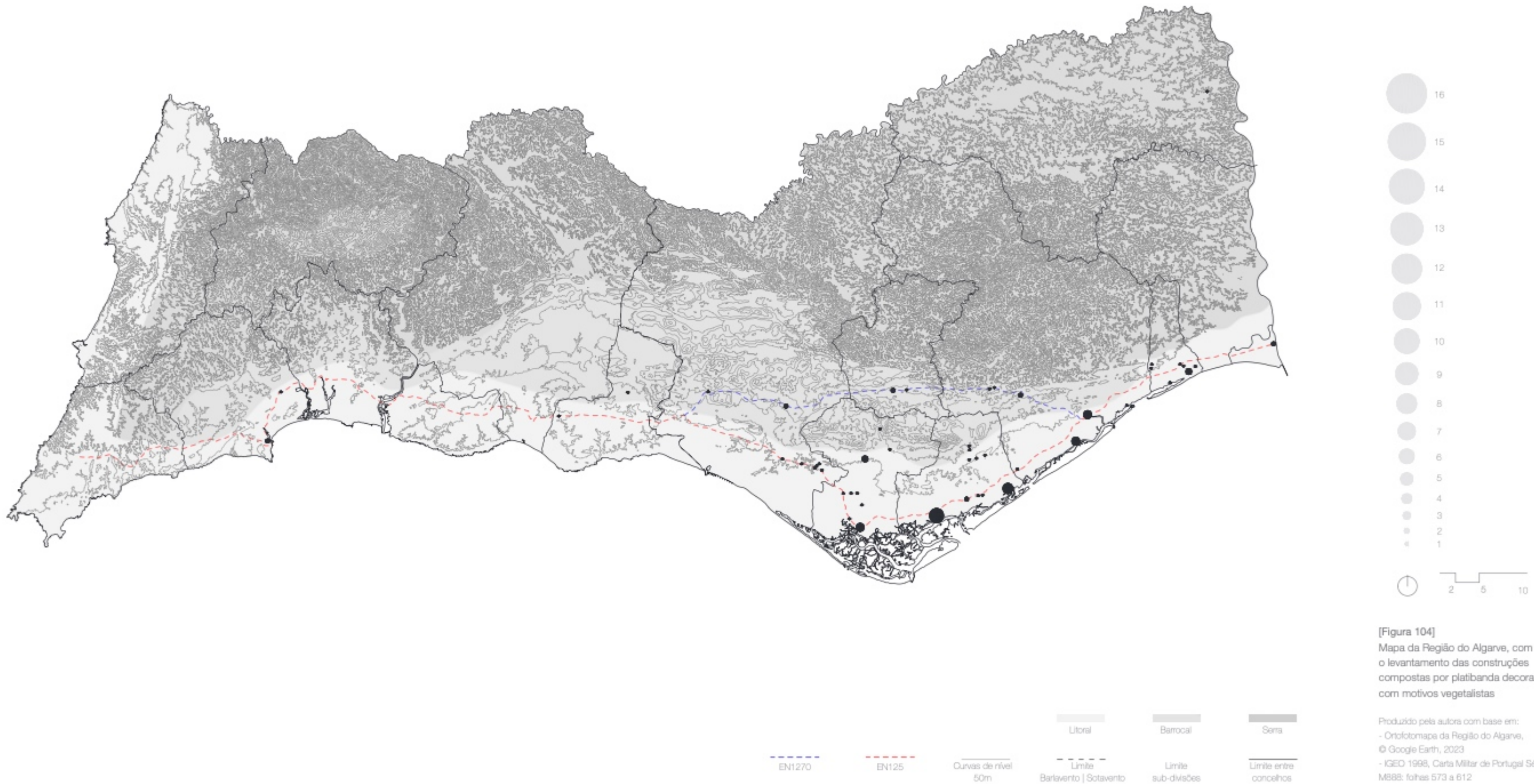






[Figura 103]  
Platibanda decorada, 1930, Olhão,  
Fuseta Calvário  
#12.04.29  
Fotografia: autora







território do Sotavento algarvio, provavelmente pela existência de artífices mais qualificados e dedicados somente ao trabalho da reprodução de motivos vegetalistas.

Através da análise dos dados recolhidos, é possível constatar que na área compreendida entre Fuseta e Faro, existe semelhança entre os elementos ornamentais, onde há uma evidente preferência para os motivos florais inseridos florões, com a presença de várias construções, decoradas por peças semelhantes, com especial destaque na Fuseta para conjuntos de ramos e vasos de flores. A afinidade entre ornamentos em relevo que foram encontrados em Fuseta e Faro, coloca a hipótese de terem sido produzidas pelo mesmo mestre, ou por vários artífices, que em conjunto com o gosto pessoal dos habitantes, dedicaram-se mais à sua produção, tornando-se especializados no seu fabrico.

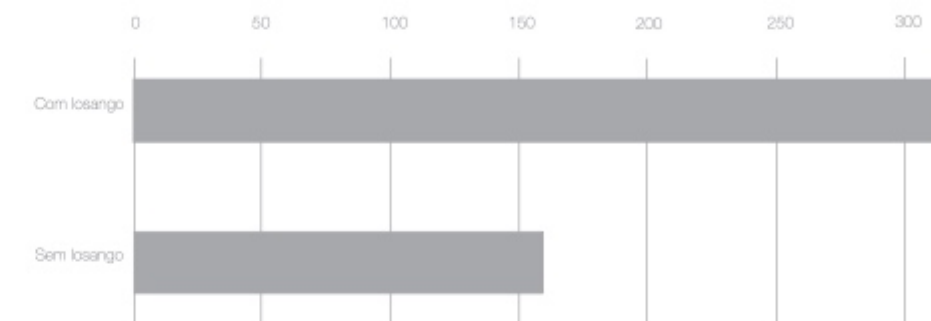
#### 08. Motivo ocular (losango)

Em todos os motivos ornamentais aplicados nas platibandas referidos no ponto anterior, a presença da figura do losango é notória e comum, sendo o principal elemento da composição decorativa. Este básico símbolo geométrico, mesmo em motivos vegetalistas, marca o seu aspecto e aparência. Como se demonstra na Figura 106, de forma graciosa, conjuntos de motivos vegetalistas, inserem-se facilmente na figura geométrica do losango.

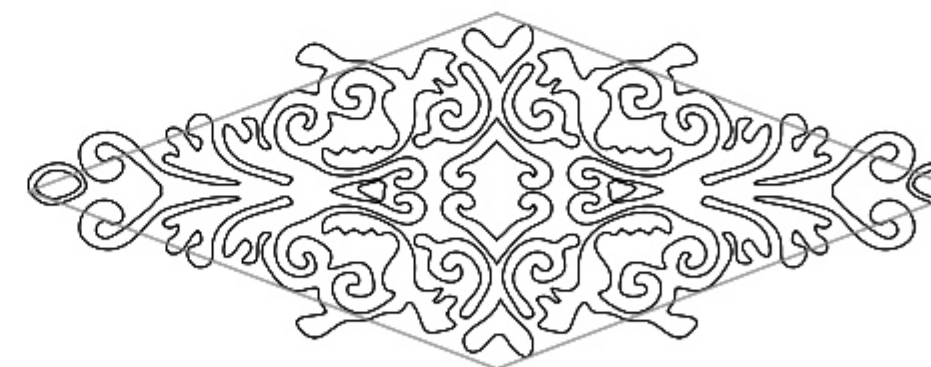
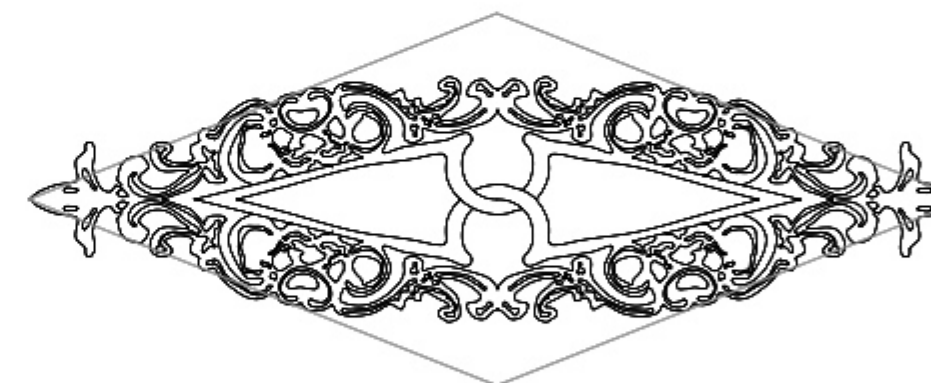
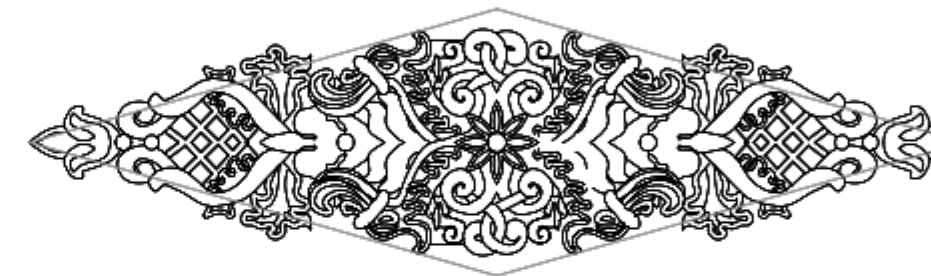
Jacinto Palma Dias em *Algarve Revisitado*<sup>90</sup>, levanta a hipótese da forte presença da figura do losango nas fachadas das construções algarvias, como algo proveniente de outra cultura, relacionando-a como um instrumento de obtenção de um olhar protetor da construção e dos seus moradores. Esta teoria popular pode parecer exótica, porém torna-se nítida quando se observam na mesma região, este mesmo elemento inserido de forma explícita representando olhos, onde são ainda adicionadas pestanas, colocados nas proas das embarcações também elas de cariz popular. Julga-se tratar de um hábito proveniente do Antigo Egito e Mediterrâneo, onde este olho, designado por "Olho de Osiris" ou "Olho de Hórus", que os populares entendiam que protegia as embarcações e trazia prosperidade, tendo os habitantes estando este costume para as suas fachadas, com a mesma intenção.

A platibanda onde figura este símbolo, designa-se por fachada oculada, onde o losango representa um olho de proteção contra o mau olhado. A figura em relevo, de forma evidente ou disfarçada em outras peças decorativas, em diferentes quantidades nas fachadas, podendo ocupar a figura principal e de dimensões generosas, ou ao longo de toda a fachada de forma repetitiva, como se de um simples padrão se tratasse. A sua presença, em constante aparição nas fachadas, é ainda mais notória quando verificado disposta ao longo de faixas e frisos, a ocupar todo o rodapé ou pilastras, podendo a sua figura encontrar-se em todas as partes dos ornamentos.

As construções com motivo oculado analisadas no Quadro Resumo da Figura 105, representam 66,30% dos dados, tendo sido apenas 160 platibandas identificadas decoradas em que a figura do losango não se encontrada inserido nos motivos em relevo.



[Figura 105]  
Quadro resumo das construções com platibanda inventariadas com motivo ocular (losango)  
Produzido pela autora com base no levantamento



[Figura 106]  
Levantamento de ornamentos com motivo ocular (losango) presentes em platibandas inventariadas  
Levantamento feito pela autora, através de fotografias

<sup>90</sup> Jacinto Palma Dias (1994), *O algarve Revisitado*, p.105





[Figura 107]  
Levantamento de casa-fachada com  
platibanda decorada, 1901, Vila Real  
Santo António, Vila Nova de Caxela,  
#16.02.10  
Levantamento feito pela autora, através de  
fotografia





[Figura 108]  
Platibanda decorada, 1931, Faro, Santa  
Bárbara de Nexe  
#10.04.10  
Fotografia: autora



### 09. Cromatismo

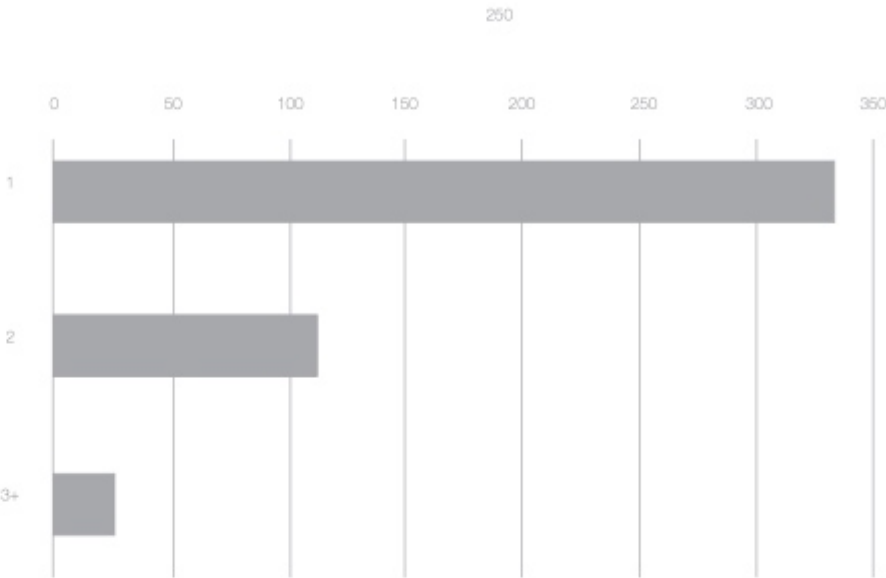
A casa-fachada no Algarve, para além de ser caracterizada pelos seus relevos em massa a decorar as figuras da platibanda e chaminé, é também caracterizada pela presença de cores vivas e alegres, que com conjunto na mesma fachada, competem e contrastam umas com as outras. As cores aplicadas, tal como os relevos, contribuem para a valorização das fachadas. Estas cores são fundamentais para potencializar todo os relevos ornamentados e participar da sua decoração. No desenvolvimento do levantamento, foi necessário verificar alterações e cores aplicadas na fachada, tendo sido observada através de vários recursos, que este dado, ao longo dos tempos foi alterado, testemunhando, platibandas que anteriormente eram compostas pela combinação de cores vivas, atualmente se encontram preenchidas por apenas uma cor, pela facilidade de manutenção e pela poupança dos custos.

Através da análise das platibandas levantadas e inventariadas presentes no quadro resumo da Figura 109, o longo do território observou-se que 335 construções, 70,50%, apenas tinha uma cor na fachada principal. Seguindo-se 114 dados onde a presença da combinação de duas cores cria conjuntos únicos. Neste parâmetro de avaliação nota-se que as combinações favoritas dos algarvios para colorir as suas fachadas, são a combinação de amarelos, azuis e vermelhos. Apenas 5,50% dos casos analisados, apresentavam a presença de três ou mais cores aplicadas à sua platibanda e relevos, geralmente combinações muito bem conseguidas e harmoniosas.

### 10. Cores aplicadas

O estudo das cores aplicadas às platibandas decoradas, demonstrado no quadro resumo da Figura 113, é um dos dados fundamentais para o estudo da casa-fachada. A cor é, em conjunto com os relevos em massa, um dispositivo indispensável para o realce das fachadas, sendo que os relevos em massa, quando na ausência de cor aplicada, possuem menor presença na paisagem e conseqüentemente menos valor decorativo, sendo quase imperceptível a sua anunciação e o despertar do seu interesse. Para este estudo, foram analisadas as cores empregues nas platibandas, tendo sido organizadas em nove tonalidades distintas, recordando a sua aparição de forma isolada ou em conjunto entre si. Contraditório às informações sugeridas pelas por referências bibliográficas<sup>91, 92</sup>, não foi a cor azul que possui maior notoriedade no levantamento das platibandas pintadas, tendo sido por sua vez o amarelo na maioria das construções inventariadas.

O amarelo e as várias tonalidades que possui, onde se inserem também os vários cremes, verifica presença em 167 construções, distribuídas ao longo do mapa da Região Algarvia na Figura 114. A vitória desta cor em relação a cores mais fortes como o azul, o vermelho ou o verde, deve-se por ser uma cor mais suave e menos impactante, ideal para ocupar toda a fachada ou apenas pormenores. Para além de ser empregue em fachadas monocromas e policromas, é também uma cor aplicada no revestimento em escaiola, ao contrário de pigmentos como o azul que mesmo isoladamente são exuberantes.



[Figura 109]  
Quadro resumo da quantidade cromática aplicada à platibanda das construções inventariadas  
Produzido pela autora com base no levantamento



[Figura 110]  
Platibanda decorada, Vila Real Santo António, Hortas  
#16.01.22  
Fotografia: autora



[Figura 111]  
Platibanda decorada, Albufeira, Guia  
#08.03.07  
Fotografia: autora

<sup>91</sup> Jacinto Palma Dias (1994), O algarve Revisitado, p.14

<sup>92</sup> José Manuel Fernandes, Ana Janeiro (2008), A casa popular no algarve, espaço rural e urbana, evolução e atualidade, p.65





[Figura 112]  
Platibanda decorada, 1904, Olhão, Fuseta  
#12.04.25  
Fotografia: © Filipe da Palma



<sup>93</sup> Jacinto Palma Dias (1994), O algarve Revisitado, p.14

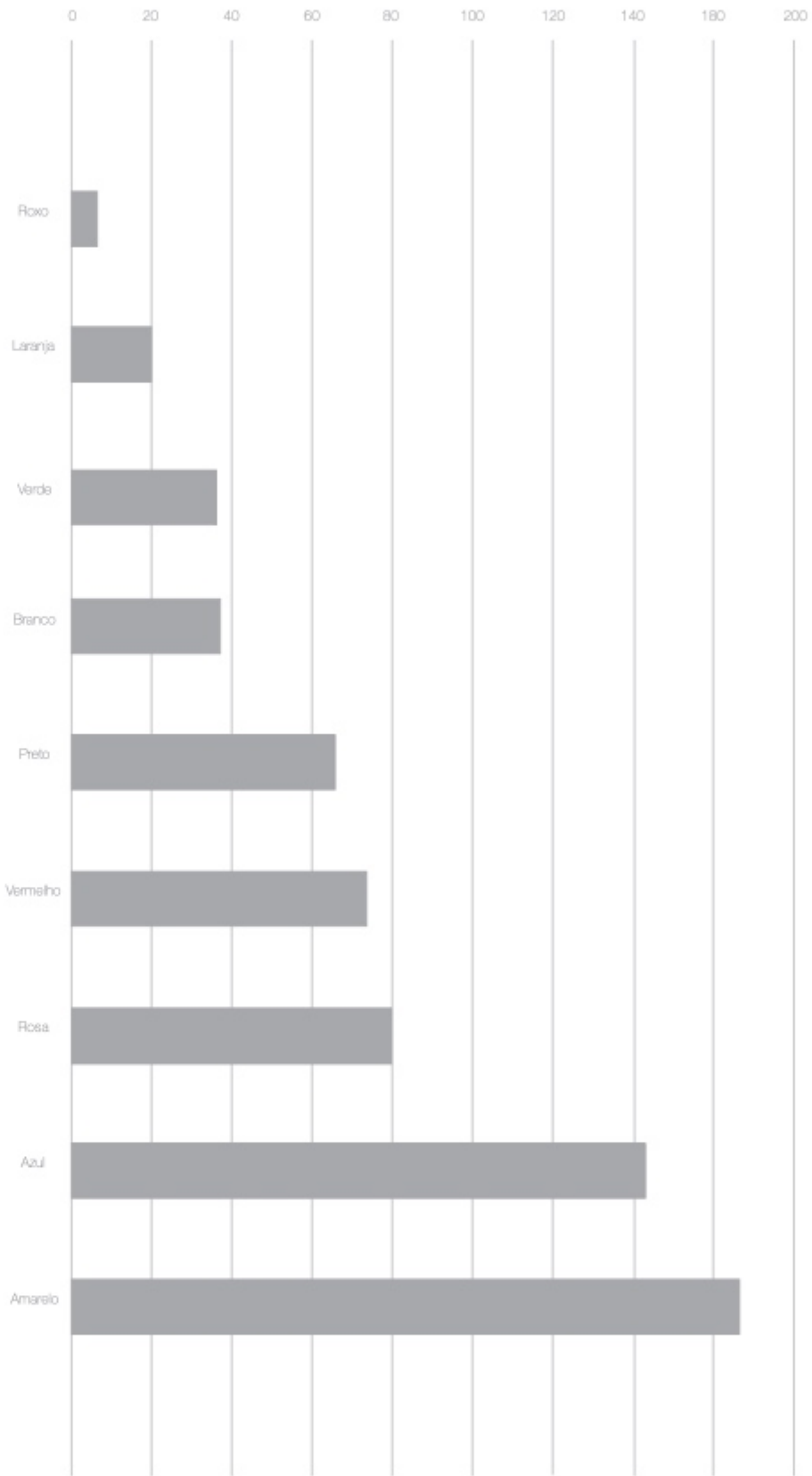
Verifica-se a presença do pigmento azul como uma das eleitas para a aplicação nas platibandas das construções populares e também com forte presença nas chaminés tradicionais da região. Considerada<sup>93</sup> como a mais rica e com mais significado, por ser uma cor bastante vibrante com um forte significado, podendo também ela apresenta-se com várias gradações e com conjugação com outras cores como o amarelo e vermelho. É porém raro, ao contrário do que foi verificado com a cor amarela, encontrar-se a cor azul a ocupar toda a fachada. Dos azuis analisados, verifica-se grande preferência para o azul cobalto, veneziano e o azul ultramarinho, tons com forte contraste, sendo muito menos frequente a inventariação de azuis neutros, velhos e pastéis.

As tonalidades rosa e vermelho analisadas aplicadas nos relevos das platibandas, apresentam-se em menor número na região, não ultrapassando a oito dezenas cada, tendo por vezes tonalidades bastante próximas pelo desgastes do revestimento, sendo facilmente a cor vermelha transformada com o passar do tempo em rosa pela perda gradual de pigmento.

O cor-de-rosa, é tal como o amarelo, uma cor mais tênue, sendo aplicada com frequência a revestir toda fachada, ao contrário do vermelho, que é uma cor mais vibrante que surge maioritariamente em pormenores em conjunto de outras cores. Subtraindo os dados levantados pelo revestimento em escaiola, o rosa surge sobretudo na região do Algarve Central, possuindo também grande destaque nas construções do aglomerado urbano de Vila Real de Santo António. O rosa, surgem em 79 construções e o vermelho em 74. Ambas as cores, assistem o amarelo para a concepção do revestimento exterior em escaiola.

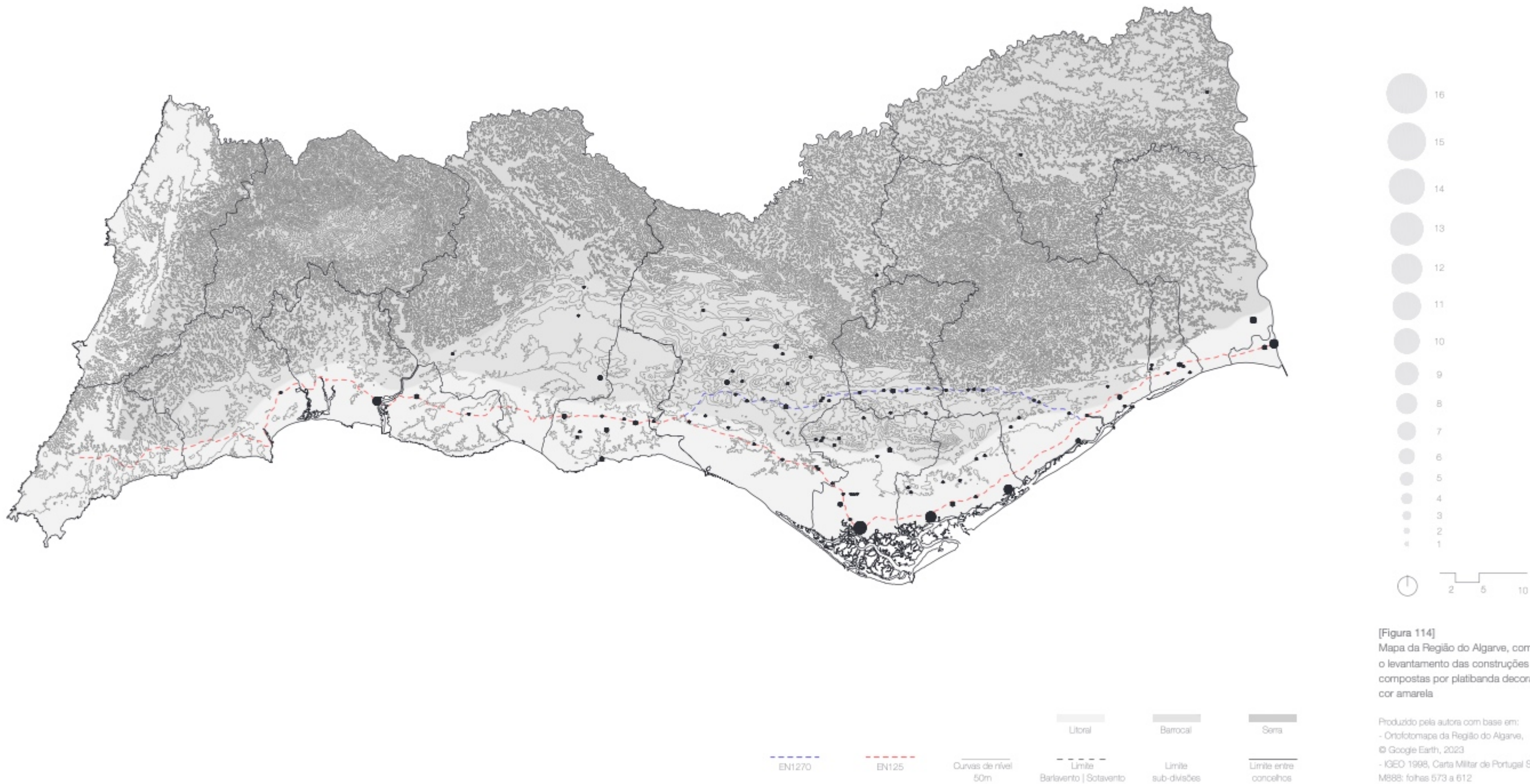
Como prova do desaparecimento desafortunado, da manutenção e desvalorização da cultura arquitetónica popular algarvia, surge em quinto lugar das cores mais utilizadas nas fachadas o preto e cinzento. Esta cor, apesar da sua elegância noutras ocasiões, representa de forma antagónica, o que a aplicação de cor representa na intenção de decoração platibandas. A aplicação destas cores escuras para além de inapropriada, é inconveniente ao realce dos ornamentos em massa, conseguindo ser mais desenquadrada a sua aplicação que o revestimento total pela cor branca inventariada em menor número. Como a decoração das casa-fachada representam os seus proprietários, o tingimento cor estas cores escuras, pode relevar o luto dos seus proprietários. Observa-se uma mancha semelhante no mapa de representação desta cor em 66 construções, onde somente se denota uma maioridade em Vila Real de Santo António. Tal como o preto, a ausência de qualquer cor, tendo como revestimento total o branco surge no seguimento do levantamento em todo o território, com especial evidência na cidade de Olhão e na Vila da Fuseta. A pintura de toda a fachada pela monocromia em branco, configura 38 casos de estudo.

Em menor presença na área de estudo definida, são presenciadas as cores laranja e roxo, com 30 e 7 dados respetivamente inventariados em platibandas. Estas cores, aparecem sobretudo em relevos secundários, não participando da gama de cores populares aplicadas. O cor-de-laranja, possui ainda maior relevo no território pelo revestimento em escaiola, que com a junção das cores amarelo, rosa e vermelho, criam esta tonalidade base, como uma forma de harmonizar as anteriores e como forma eficaz de imitação das pedras.



[Figura 113]  
Quadro resumo das cores aplicadas à platibanda das construções inventariadas  
Produzido pela autora com base no levantamento



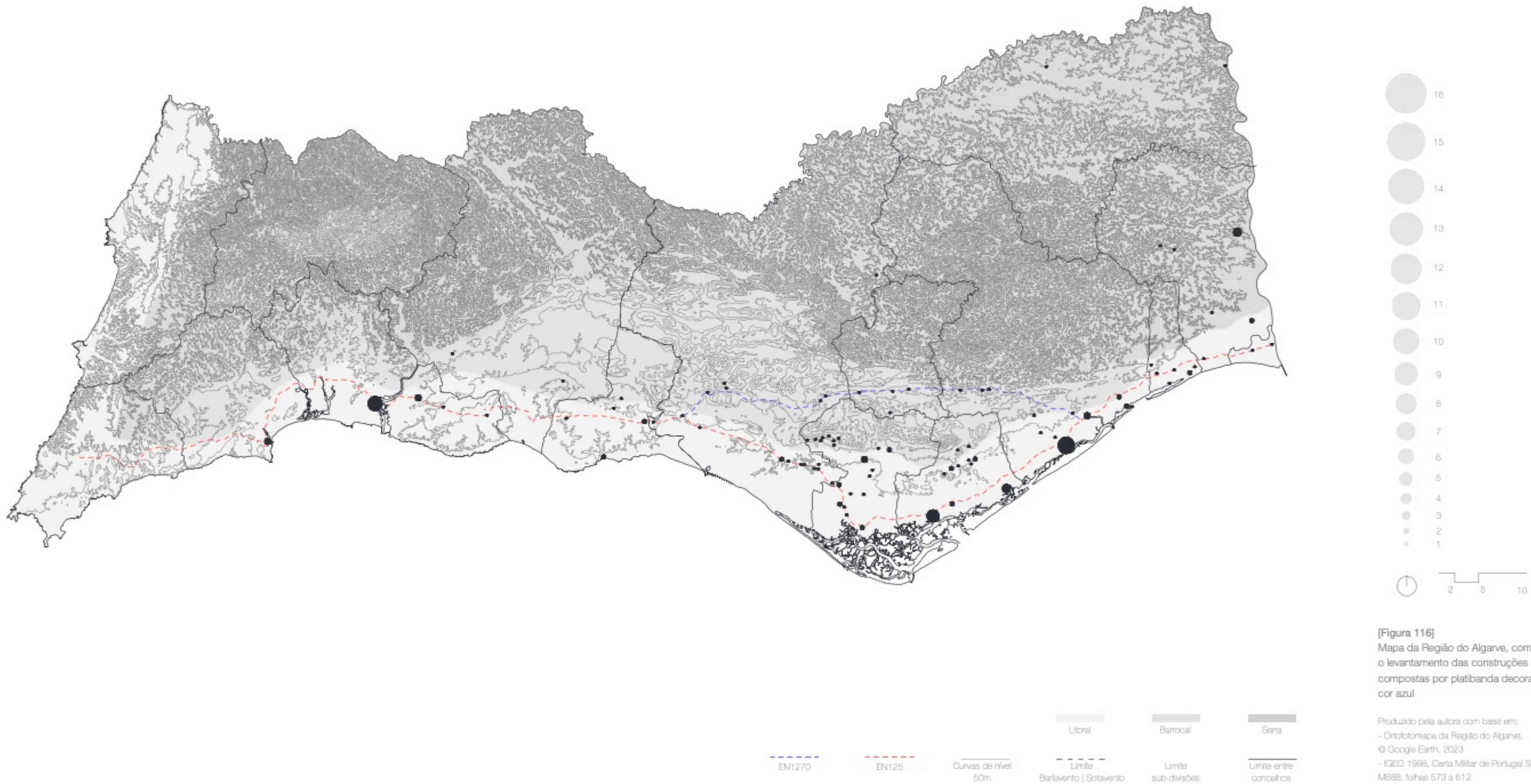






[Figura 115]  
Platibanda decorada, São Brás de  
Alportel, Peral  
#11.01.01  
Fotografia: autora



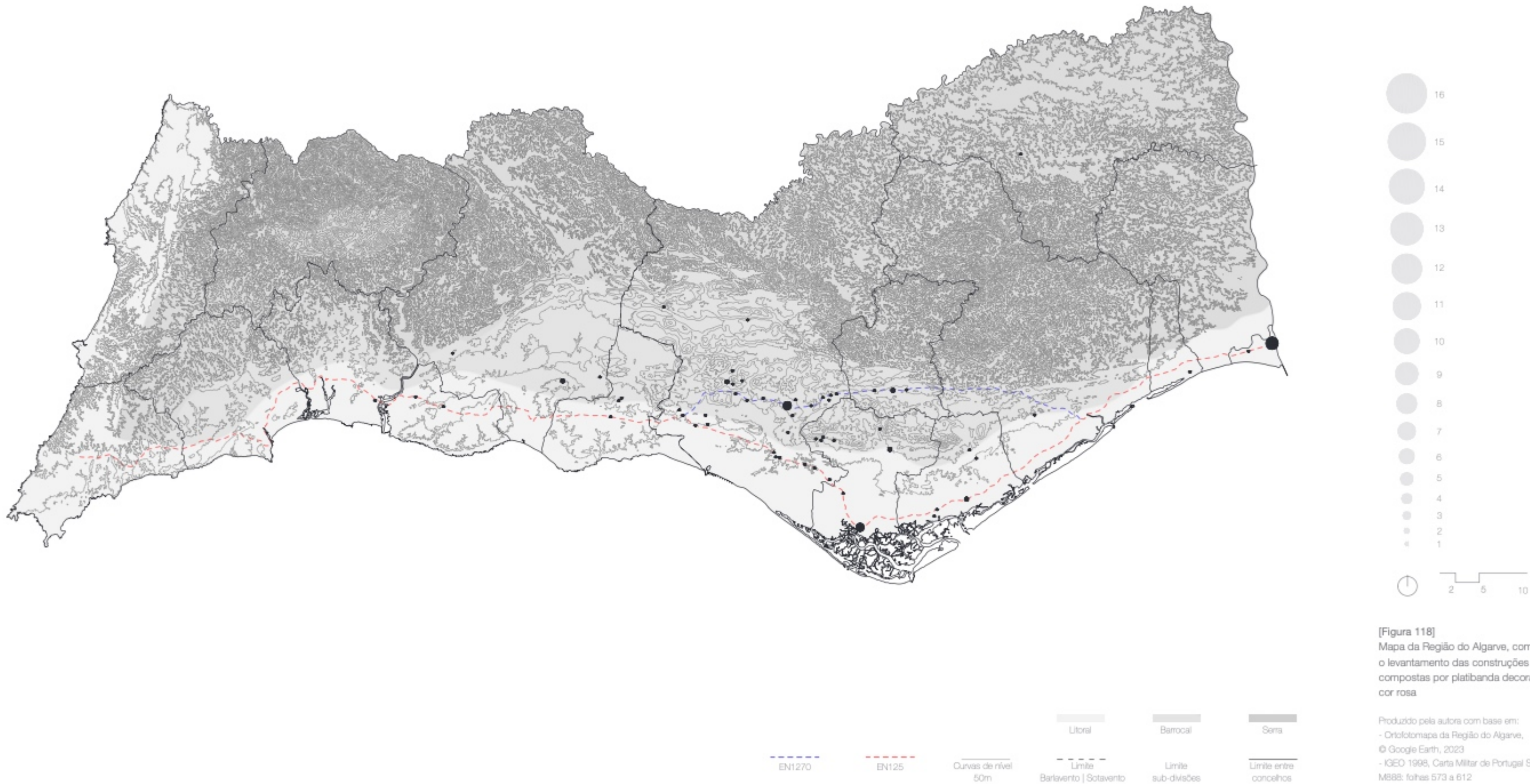




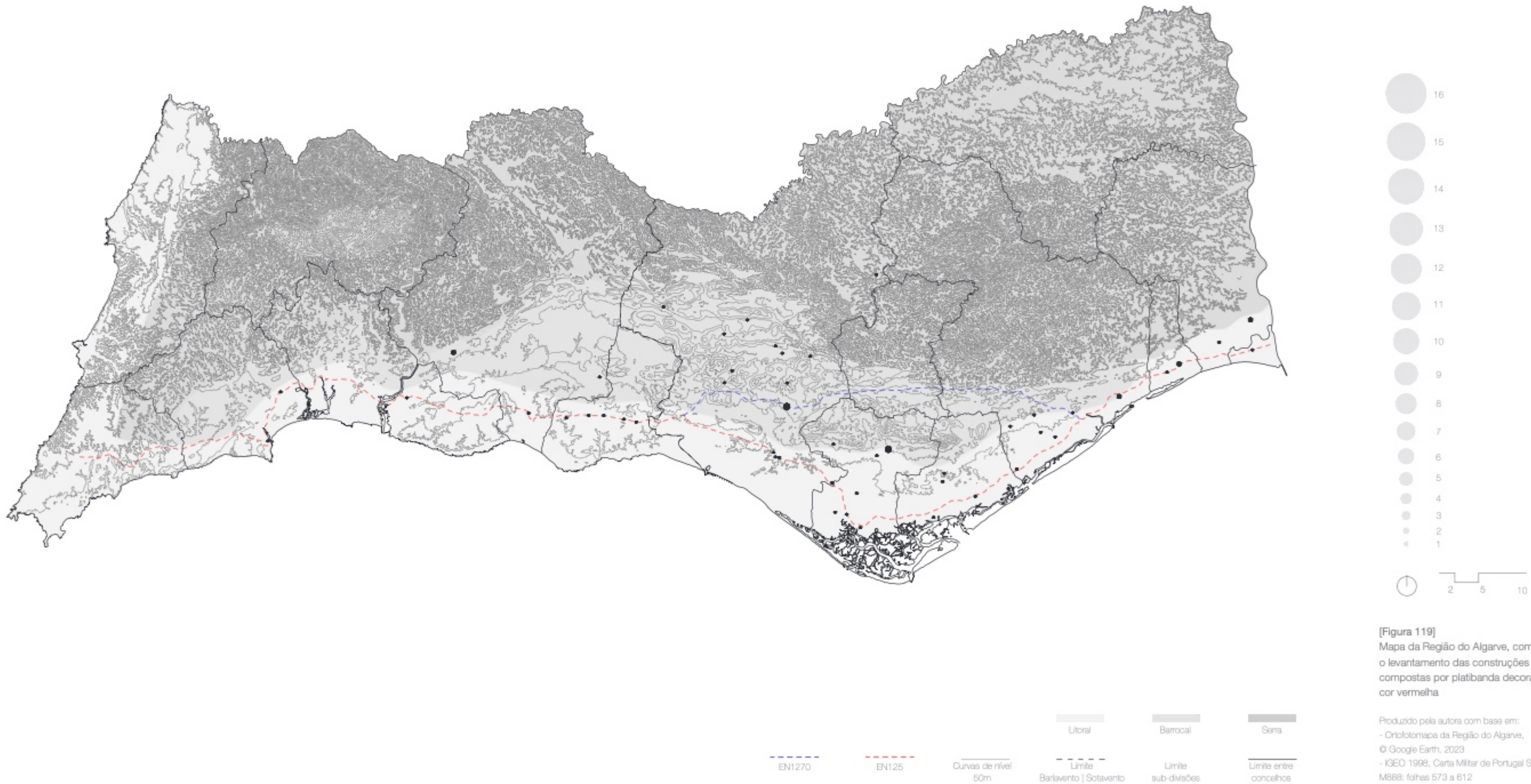


[Figura 117]  
Platibanda decorada, Tavira, Santa Luzia  
#13.05.01  
Fotografia: autora

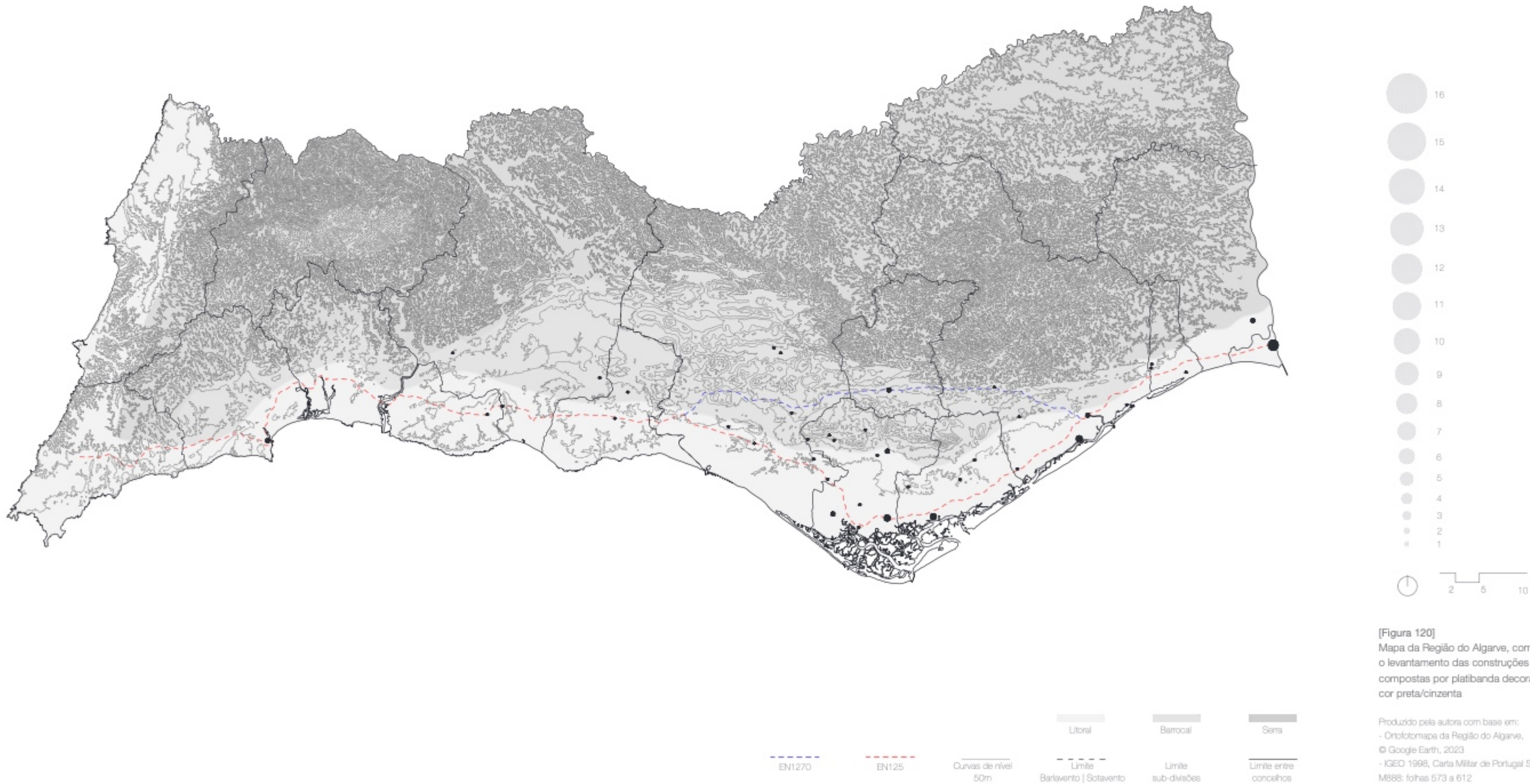




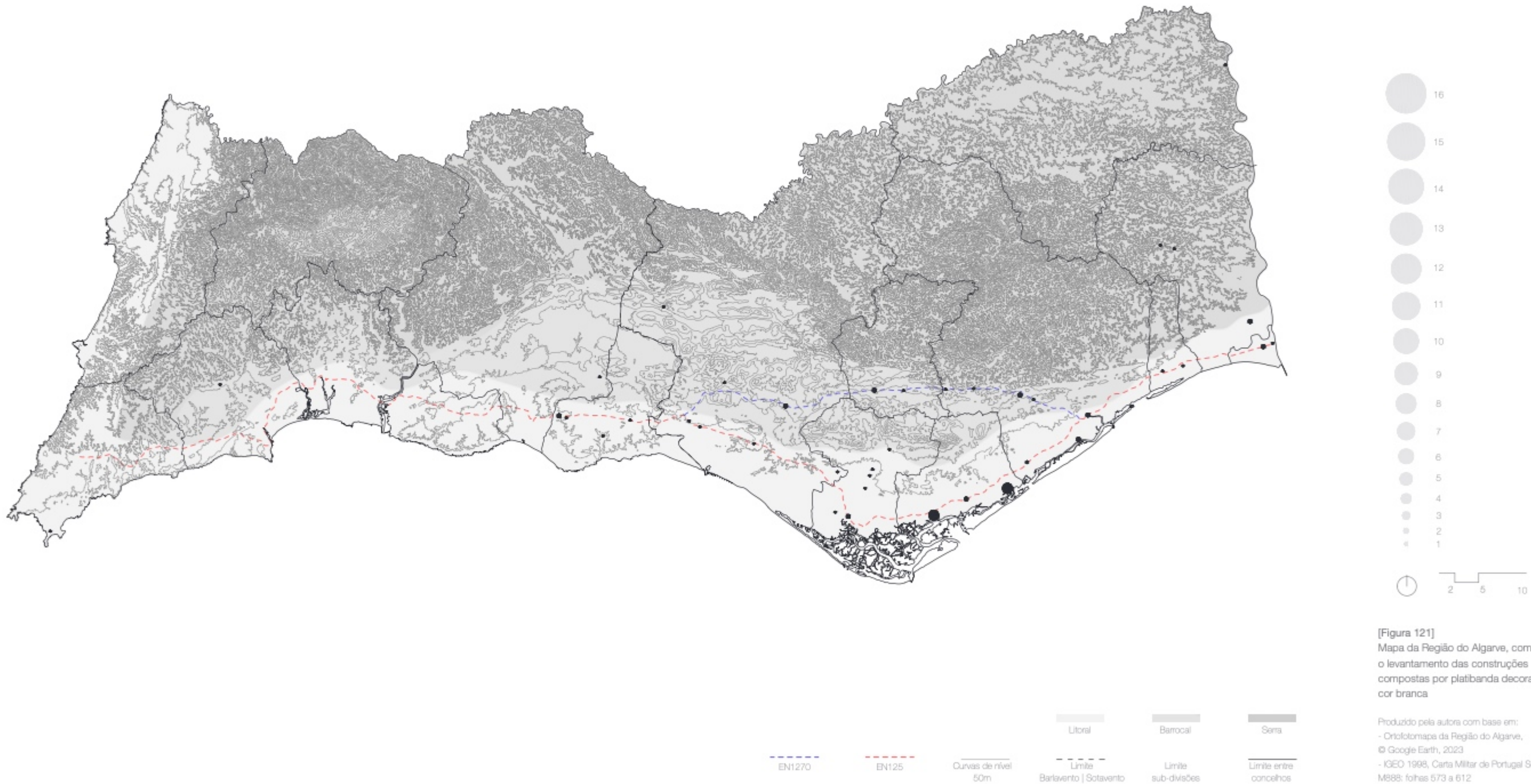
















[Figura 122]  
Platibanda decorada, 1930, Faro,  
Conceição  
#10.03.03  
Fotografia: autora



### 11. Coroamento

A platibanda transforma-se num elemento de luxo da construção popular, quanto mais elementos decorativos obtiver em si configurados. Tal como acontece nos vários templos, também num determinado período, os algarvios demonstram a sua vontade de obter um “frontão”, para que se pudesse mais mostrar. Deixando de se caracterizar por um parapeito horizontal decorada, a platibanda coroada apresenta-se como maior porte e envergadura quando ganha coroamento (Figura 123), este geralmente localizado ao centro, em cima ou proteger o elemento principal de relevo, onde surgem geralmente grandes florões e grinaldas.

É sobretudo evidente na área do Sotavento algarvio, a existência de platibandas coroadas, onde a linha horizontal no topo da Platibanda ou no seu centro, ganha uma maior altura e monumentalidade, figurando como uma espécie de frontão da habitação, pela adição da figura geométrica de um semicírculo, de um triângulo, ou de outras figuras geométricas ortogonais, podendo ainda ser composto pela junção de peças, associado também a colocação de símbolos de destaque como brasões. Na platibanda coroada, é sobretudo inegável a existência de poses financeiras dos seus ocupantes e proprietário, posto que não além da condição económica destinada ao ornamento em massas e para a aplicação de cor, o coroamento requer uma despesa para acrescento de estrutura. Quando coroada, a construção ganha na sua fachada uma maior altura e maior possibilidade de ser admirada, podendo aumentar até 2 metros da sua altura. Na área de estudo, apresentam-se identificadas 110 platibandas coroadas, nomeadamente com forte presença na sub-divisão do Barrocal Sotavento Algarvio, como é possível verificar no mapa presente da Figura 127.

### 12. Escaiola

A técnica em escaiola, referida anteriormente como uma técnica de revestimento, aplicada em toda a fachada ou isoladamente na platibanda, apresenta-se como um recurso de valorização das construção, pelos custos, técnicas e destreza que requer. Revestimentos exteriores em escaiola, apresentam-se ainda mais exóticos quando ganham o pigmento verde ou azul (Figura 124), aqui a intenção não é de apenas imitar pedra, mas sim demonstrar a capacidade financeira de adquirir a técnica, para que não haja dúvidas da sua reprodução.

Apesar de terem sido apreciadas em número relativamente reduzido, observa-se que o revestimento em escaiola, foi substituído por revestimentos mais modernos, pela pintura de tintas facilmente comercializadas. Mostra-se como um revestimento bastante reclamado no território de Loulé, provando a existência de mestre artifices dedicado à produção desta técnica, porém pela forma residual que se localiza também nesse território, deduz-se que estas as técnicas necessárias não alcançaram a atualidade, pela carência de alguém dedicado à sua produção, ou que no território, este revestimento não passou de uma tendência que ficou fora de moda.

As construções com este revestimento encontram-se identificadas no mapa da Figura 128, sendo sobretudo evidente a sua mancha no concelho de Loulé, onde foram levantados 23 casos de estudo do total de 33 encontrados no Algarve.

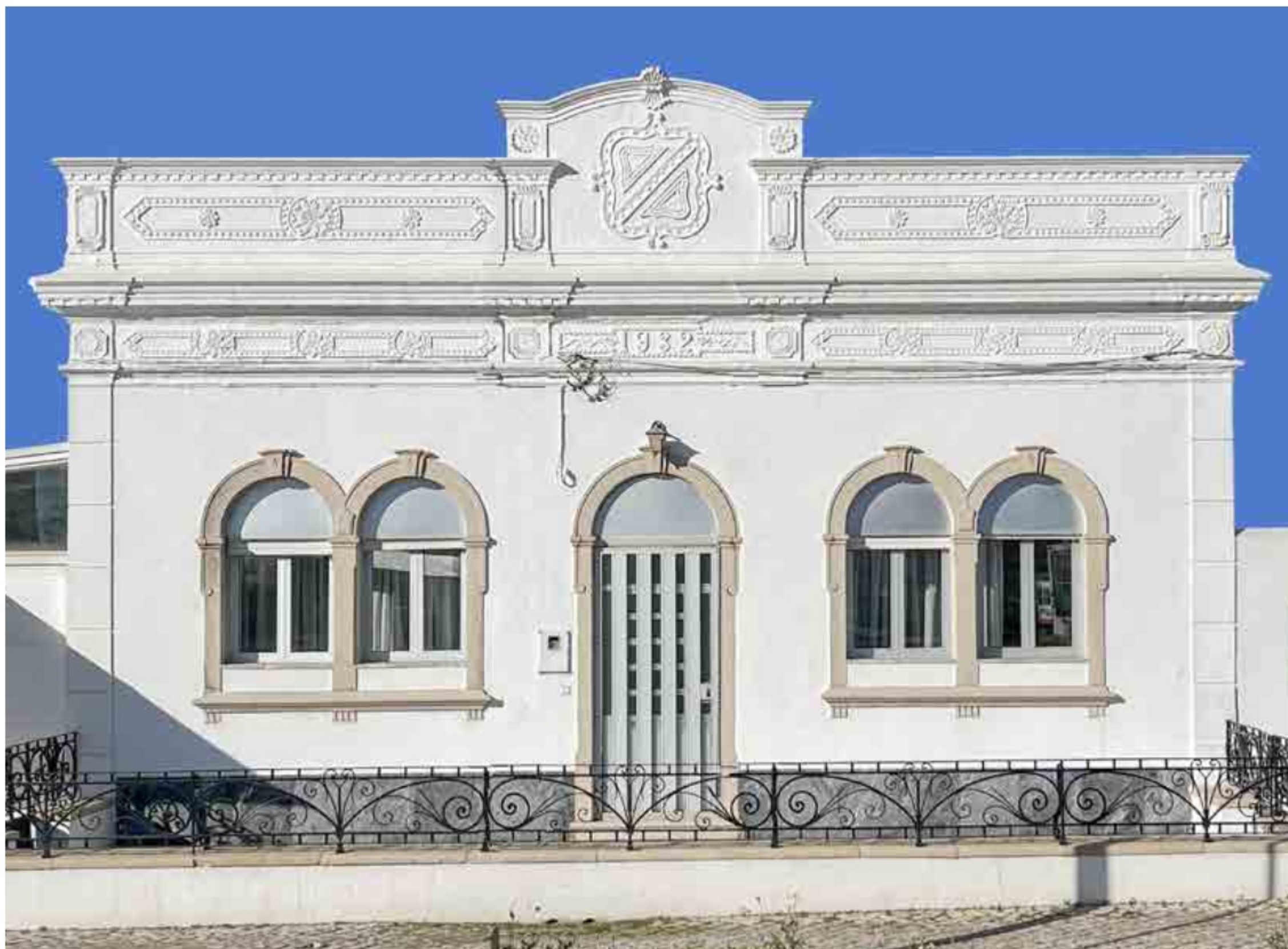


[Figura 123]  
Platibanda decorada, Loulé, Pedragosa  
#09.06.13  
Fotografia: autora



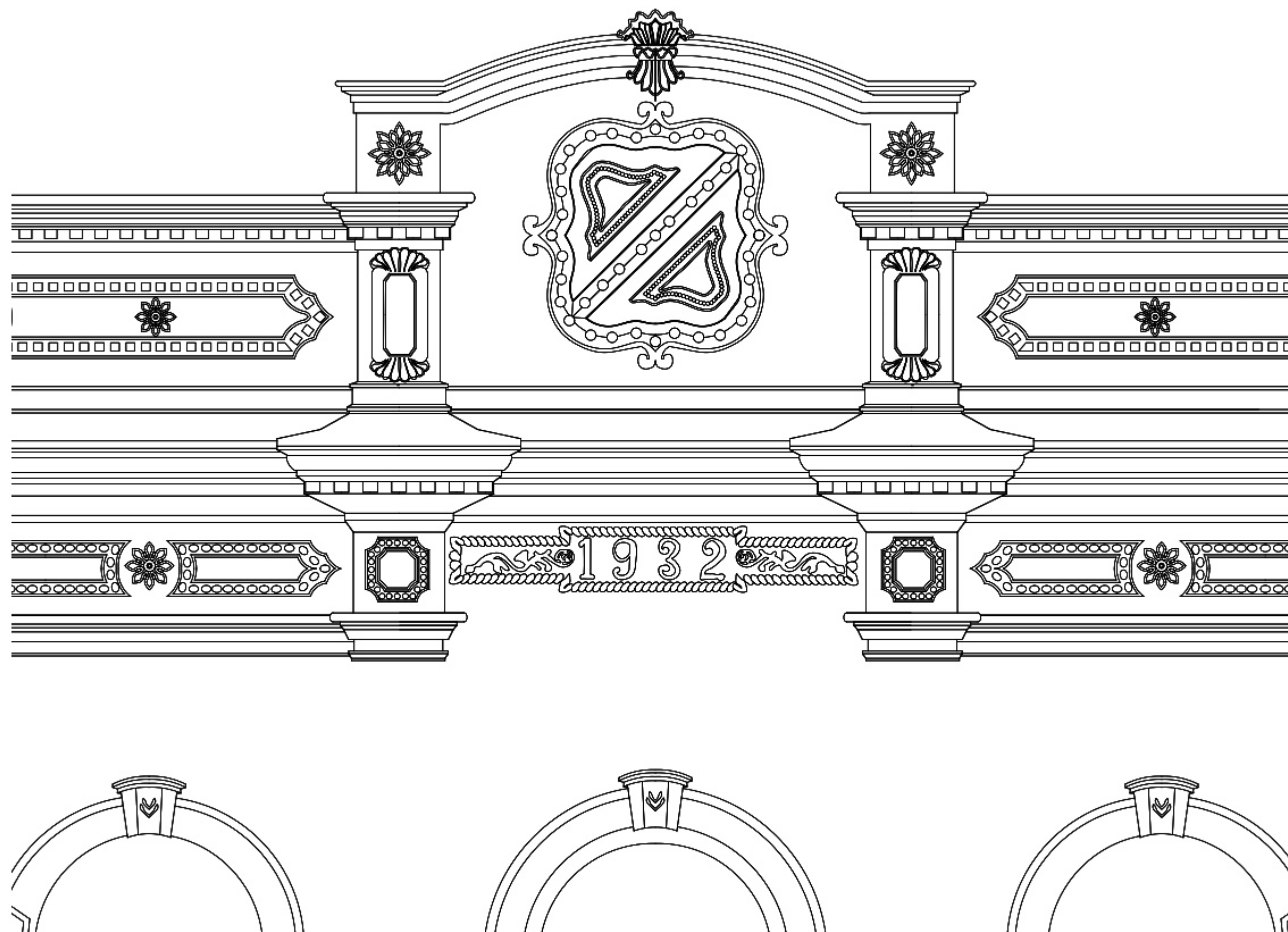
[Figura 124]  
Platibanda decorada, 1943, Albufeira,  
Patã de Cima  
#08.02.13  
Fotografia: autora





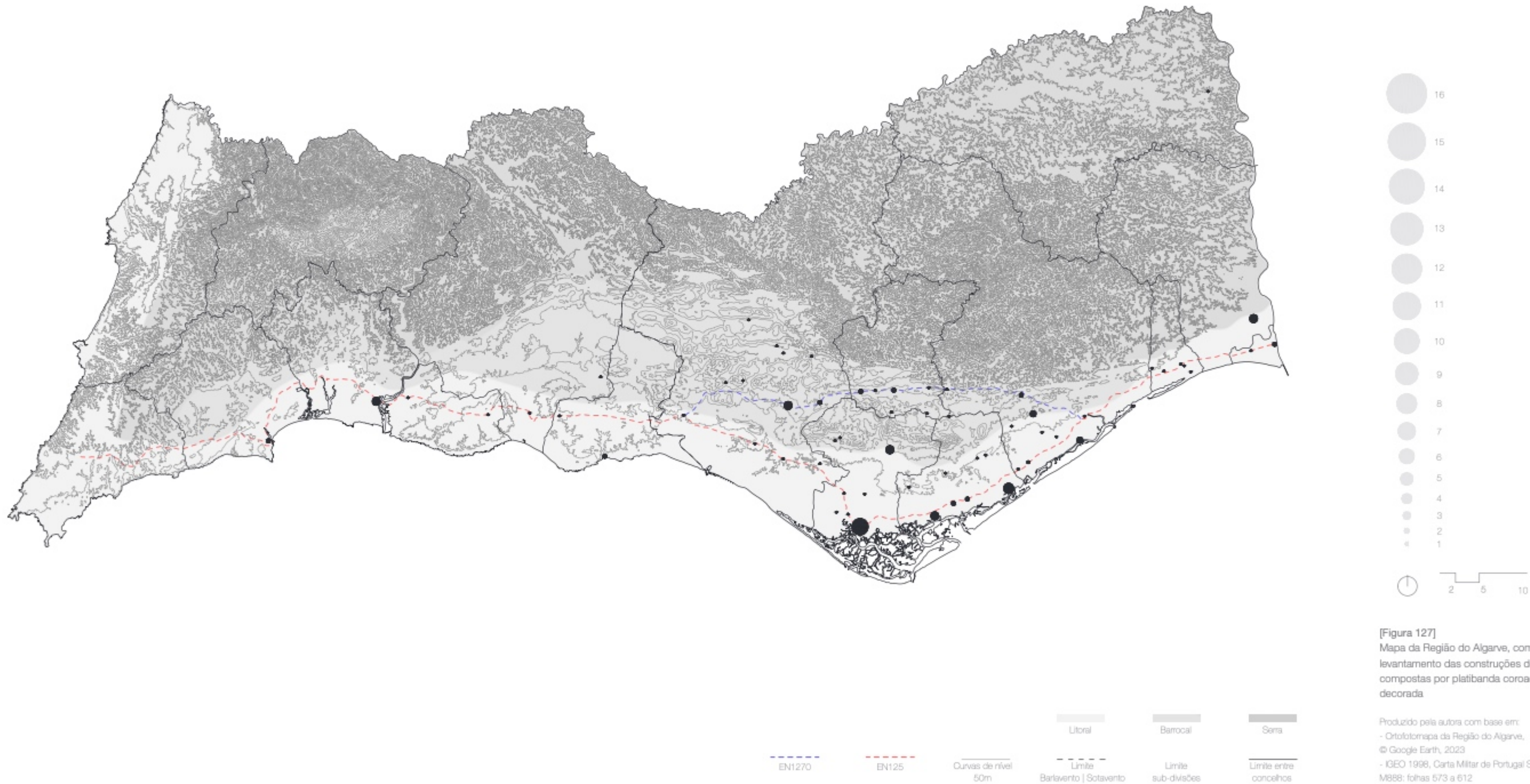
[Figura 125]  
Platibanda decorada, 1932, Olhão  
#12.02.01  
Fotografia: autora



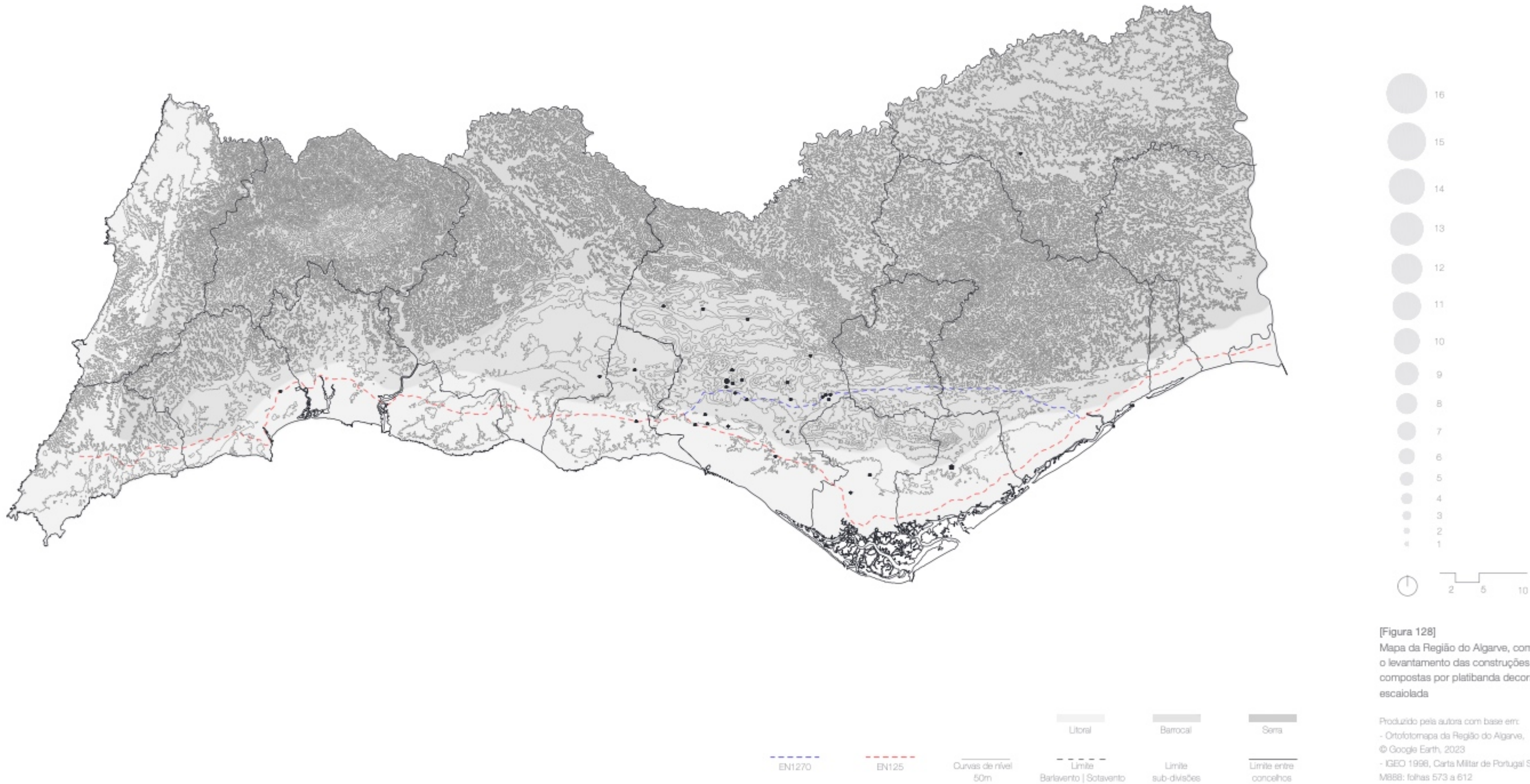


[Figura 126]  
Levantamento de casa-fachada com  
platibanda decorada, 1932, Olhão  
#12.02.01  
Levantamento feito pela autora, através de  
fotografia













RVA  
PRINCIPAL

[Figura 129]  
Platibanda decorada, Loulé, Tór  
#09.03.10  
Fotografia: autora



## V. O declínio do fenómeno da cultura da Casa-fachada

O desenvolvimento industrial introduziu de novos materiais permitindo uma construção mais rápida, com menor manutenção. Em meados do século XX, começam a ser aplicados, nas principais e mais desenvolvidas cidades algarvias, construções de grandes dimensões e com uma configuração diferente aos modelos populares que até aí se verificada. A demonstração de riqueza era através da aplicação de ornamentos no exterior das fachadas, é substituída pela introdução de materiais modernos. Também o elemento arquitetónico da platibanda algarvia sofre uma mutação na sua génese, observa-se agora introduzida em novos volumes, de tipologias habitacionais várias, alterando a sua composição e proporção, na criação de um novo estilo decorativo, onde casas burguesas, ganham na sua cobertura, um remate em platibanda com ornamentos ao estilo popular. Apesar destas platibandas apresentarem-se de igual beleza e semelhança às construções populares, por se apresentarem em diferentes volumes, tornam-se de difícil contemplação pela altura em que se encontram.

O abandono e desvalorização da arquitetura popular no Algarve, acentua-se ainda mais a partir dos anos 50 do século XIX, quando se observa intensa descaracterização, intensificada pelo alavancar do turismo, onde o paradigma da cultura local mudou drasticamente. O Aeroporto Internacional inaugurado em Faro em 1965 foi o início de uma mudança no ambiente de praticamente toda a região, pela transformação da cultura dos seus habitantes, onde antes se observava uma sociedade de carácter agrário e piscatório, com hábitos relacionados com a envolvente e características naturais, que se viu obrigada a adotar um novo estilo de vida. Ao contrário do que era expectável, no Algarve não se observa, a tentativa de incluir no turismo praticado, elementos tradicionais e populares como a platibanda e chaminé, menosprezando a identidade única do território. Com o impacto do turismo sobretudo no Algarve litoral, verifica-se uma intensa expansão das malhas urbanas, praticamente todos os aglomerados populacionais costeiros. Com este crescimento descontrolado e sem ordenamento urbanístico, várias cidades começaram a ser “propriedade” do turismo. A elevada procura turística junto ao litoral, leva a que as restantes sub-divisões sejam cada vez mais esquecidas, resultando num grande despovoamento das pequenas aldeias onde são cada vez mais difíceis a habilitade pela falta de oportunidades e desenvolvimento.

Como resposta, emergiu um novo modelo habitacional, que procurava responder à necessidade criada pela grande procura turística, surgem no território algarvio, para além de unidades hoteleiras de grandes dimensões, a casa de férias, segunda habitação para muitas famílias de classe média alta que desciam até ao Algarve, ou até por famílias que teriam emigrado sobretudo para outros países europeus, as designadas “casas de emigrantes”. Neste conceito de casas de férias, em que o modelo construído replica e reinterpreta os símbolos iconográficos regionais de modo a integrarem-se na paisagem já construída. Na cópia destes elementos de forma avulsa, desarticulada e descontextualizada, os elementos da chaminé e da platibanda são replicados intencionalmente servindo a propaganda turística, mal conseguida, onde são verificados frequentemente a figura do losango em grandes



[Figura 130]  
Platibanda decorada, Tavira, Laranjeiras  
#13.04.01  
Fotografia: autora



[Figura 131]  
Platibanda decorada, Tavira, Laranjeiras  
#13.04.02  
Fotografia: autora



vivendas.O elemento da platibanda que antes possui-a a intenção de diferenciação entre habitações, de modo a ostentar a situação financeira, o gosto pessoal dos proprietários, e a prática dos mestre artífices, é agora replicada em grandes volumes, não apenas na platibanda, mas por toda a fachada. Construções que mesmo sem os elementos decorativos populares da chaminé e da platibanda, de forma incorreta se tentam encaixar no panorama da arquitetura regional, contribuindo para que haja uma despersonalização da casa popular algarvia, contribuindo para perda de essência e identidade dos meios onde se inserem.

Felizmente hoje são ainda observadas as habitações que orgulhosamente possuem elementos decorativos da platibanda e chaminés, sendo ainda a sua figura presente na paisagem construída algarvia. Porém gradualmente perdem presença e tornam-se elementos raros, sobretudo pela deficiente manutenção, em que lhes são aplicados materiais inadequados que interverem com a visualização nos seus relevos e que lhes fazem perder os principais traços, pela pintura grosseira perdem relevo e que destoam o seu aspeto original.

“É hoje portanto difícil encontrar, numa qualquer colina ou encosta do barrocal, ou nas mais agrestes serranias, as casas térreas telhadas, caiadas de branco, com um simpático balcão, a chaminé decorativa junto à fachada (...), sem ver isto num contexto de degradação, ou de ruína, ou mesmo, já de recuperação por um casal holandês, ou inglês, mas então aqui, com a parabólica, com a calilharia de alumínio, com a telha cimentada - constituído assim uma outra forma de habitat, que aproveita a anterior sem se fundir com ela.”<sup>94</sup>

É notório nos últimos anos que entidades como a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve e o Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela entre outras, demonstram esforço na divulgação da arquitetura popular construída do Algarve, com a intenção de reverter os erros cometidos no passado, com a promoção de conferências, exposições e *workshop* interativos. Para benefício comum, é necessário o levantamento das construções Casa-fachada e reportagem das técnicas nelas aplicadas, incentivando os proprietários das habitações com elementos relevantes para a caracterização da arquitetura popular para a sua manutenção e conservação, impulsionando em simultâneo também para que as novas construções a surgir se adaptem à presença e memória das habitações tradicionais e seus símbolos. Em 1961, quando “Arquitetura Popular em Portugal” foi publicado, os autores já alertavam para o mau estado e perigo eminente da descaracterização da zona algarvia e da falta de doutrinas capazes de combater o seu nefasto desaparecimento, tendo fotografias com platibandas decoradas presentes na base de dados da Ordem dos Arquitetos, não estando catalogadas no presente levantamento feito.

“Lamenta-se que se não providencie no sentido de proteger o pouco que resta e tende a desaparecer, não só por ação do tempo, mas pior ainda, pela sua destruição em nome de um progresso mal compreendido, que antes traduz ignorância do valor positivo que representam no património cultural do País.”<sup>95</sup>

<sup>94</sup> José Manuel Fernandes, Ana Janeiro (2008), A casa popular no Algarve, espaço rural e urbana, evolução e atualidade, p.9

<sup>95</sup> Francisco Keil do Amaral et al. (1961) Arquitetura Popular em Portugal, p. 358



[Figura 132]  
Platibanda decorada, Tavira, Fonte  
Salgada  
#13.06.01  
Fotografia: autora



## VI. Consideração finais

O presente trabalho de dissertação, resulta no levantamento, consequência de várias viagens, ao longo do território algarvio, pelos 16 concelhos diferentes, quer em malhas urbanos consolidados ou em meios rurais mais isolados, de onde se procederam a mais de 3.000 registos fotográficos, tendo sido inventariadas 475 construções compostas por platibanda decorada no contexto da Casa-fachada algarvia, distribuídas por 42 freguesias, observando-se a forte expressão que possui praticamente todo o território.

O inventário produzido, permitiu para além de cruzar informação com a bibliográfica previamente recolhida, conferir o estado atual do elemento decorativo e aludir o reconhecimento e divulgação da importância de relação entre o ornamento, a sua simbologia e o objeto arquitetónico em que se insere. É de destacar novamente que apesar de maior parte dos imóveis inventariados se apresentarem em boas condições de conservação, os ornamentos em relevo aplicados na platibanda, podem não corresponder ao desenho ou aspeto original, tendo se verificadas várias alterações através da comparação com imagens históricas, não só ao nível dos pigmentos e quantidade cromática aplicada, mas também dos motivos em relevos presentes na platibanda. Verificou-se que a alteração de revestimentos exteriores aplicados, para além de notificar a imagem original e autêntica, contribuem para omitir a superfície original, alterando a textura e aspeto dos ornamentos em massa.

Não sendo divulgada época ou a razão da rápida propagação da grande quantidade da platibandas populares decoradas no Algarve, se por pretextos de funcionalidade ou de vaidade, considera-se que terá sido introduzida na arquitetura doméstica algarvia por por não-arquitetos na segunda metade do século XIX, tendo sido afeiçoada até ao final da segunda metade do século seguinte, verificado posteriormente um declínio na sua reprodução.

Acredita-se que a expansão da platibanda em contextos urbanos possa, em parte, ser atribuída como resposta aos Regulamentos Municipais introduzidos pelos diferentes municípios. No entanto, é importante destacar que esta imposição regulatória e normativa não é suficiente para justificar a disseminação generalizada desse elemento arquitetónico por todo o Algarve. Paralelamente, as várias normas não justificam a introdução da platibanda decorada em larga escala também em contextos rurais.

A popularidade da platibanda decoradas atingiu no Algarve níveis notáveis, suscitando admiração, devido à singularidade decorativa de cada objeto, abundância e concentração no Algarve. O levantamento e inventário efetuados, permitiu situar estas construções no tempo, onde se denota que uma grande reprodução decorativa do elemento na segunda década do século XX. Através dos dados recolhidos, é possível confirmar a forte presença que a platibanda decorada em praticamente toda a região, com maior concentração no Algarve Central, nas sub-divisões do litoral e barrocal, onde habitava a grande maioria da população na época da sua reprodução.

De forma explícita, analisando os resultados dos parâmetros obtidos através dos Quadros Resumo e Mapas produzidos, é possível considerar que a maioria dos imóveis

identificados apresentam-se em bom estado de conservação, possuindo cobertura inclinada ou mista, encontrando-se sobretudo em malha urbana consolidada, platibanda decorada por motivos geométricos, onde o losango é sobretudo o principal protagonista, onde maiormente possui o pigmento em tonalidades do amarelo. O estudo para além de contribuir para a divulgação real do objeto decorativo na atualidade, permitiu também conhecer a relação que estes ornamentos possuem com as técnicas de revestimento e de manipulação das massas para a sua concepção através do trabalho dos mestre artífices escultores. Destes procedimento, destaca-se para a decoração em relevo na arquitetura popular algarvia, a execução através de moldes de forma.

Apesar dos dois diferentes tipos de implantação identificados, deles não se denotam diferenças significativas nos motivos ornamentais, pigmentos ou grau de mestria da sua execução, sendo estes objetos um elo de ligação entre estes dois tipos de inserção.

Observa-se nas malhas urbanas, uma maior concentração destas Casas-fachadas localizadas nos centros históricos, sendo em contexto isolado encontradas sobretudo junto às principais vias de trânsito, de forma paralela à estrada ou relativamente afastada, mantendo a distância suficiente para que possa ser contemplada.

Inserida na arquitetura popular, a Casa-fachada e a sua platibanda, produzidas por não-arquitetos anónimos, situam-se relativamente desprezada pela comunidade algarvia, pelos seus habitantes e responsáveis municipais, quer pelas entidades encarregues da sua preservação e divulgação da sua história. Dado o evidente declínio desta tipologia habitacional, importa a sua preservação, sendo cada vez mais urgente e imperativo, a manutenção e incentivo aos proprietários para a preservação das fachadas populares Algarvias. Visto ser uma arquitetura própria da região em que casa construção apresenta-se como uma peça singular, importa o inventário e a catalogação digna para a sua futura memória, sendo de número reduzido os trabalhos em que o elemento da platibanda é o principal objeto de estudo, contribuindo para o abandono da sua cultura.

Deve-se então proceder de modo a combater a constante ameaça de desaparecimento da Casa-fachada e dos seus símbolos decorativos iconográficos, que se introduzam e desenvolvam diretrizes para a sua preservação. Os responsáveis devem de forma organizada, contribuir e incentivar para a divulgação da importância destes símbolos regionais, com a implantação de políticas de salvaguarda, com benefícios culturais, patrimoniais e financeiros. Sendo para isso necessário a execução de procedimentos de inventário, de modo a combater a falta de informação e a sua destruição sistemática. Não só os elementos que constituem as Casa-fachada, mas também a pouca bibliográfica que resiste sobre o tema, como é exemplo a obra "O algarve revisitado", objeto basilar da cultura popular algarvia, pelo seus temas abortados, com especial foco para a platibanda, e os seus indispensáveis componentes decorativos e simbologicos.



## Bibliografia

### Livros

AGAREZ, Ricardo, **Algarve Building – Modernism, Regionalism and Architecture in the South of Portugal, 1925-1965**, Routledge, 2016, ISBN 9781138490369

AGAREZ, Ricardo, **A Construção do Algarve - Arquitetura moderna, regionalismo e identidade no Sul de Portugal, 1925-1965**, Dafne Editora, 2023, ISBN 9789898217608

AGUIAR, José, **Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do Património**, Porto, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2002, ISBN 9789729483479

AMARAL, Francisco Keil do et al., **Arquitetura Popular em Portugal**, Lisboa, Associação dos Arquitetos Portugueses, 1961, 3º Volume, ISBN 9789729766879

BRANCO, José Paz, **Manual do pedreiro**, Lisboa, LNEC, 1981, ISBN 972-49-1158-6

CHEVALIER, Jeab, GHEERBRANT, Alain, **Dicionários dos Símbolos**, Editorial Teorema, 1994, ISBN 9789726959496

CHOAY, Françoise, **A alegoria do Património**, Lisboa, Edições 70, 2000, ISBN 9789724418643

COSTA, Miguel Reimão, CORREIA, José Eduardo Horta, TOJAL, Alexandre, PRISTA, Pedro, PALMA, Filipeda, **Platibandas do Algarve**, Argumentum Edições, 2020, ISBN 9789898885135

DIAS, Jacinto Palma, BRISSOS, João, **O algarve Revisitado**, Lisboa Livraria Férrin, 1994, ISBN 9789729742408

DIAS, Jacinto Palma, **Algarve em 3D**, Castro Marim, Pátio de Letras, 2012

DIAS, Jacinto Palma, **Estéticas e inestéticas no algarve contemporâneo**, Castro Marim, Fornalha - Produções Sustentáveis, 2015

FERNANDES, José Manuel, JANEIRO, Ana, **Arquitetura no Algarve, dos promórdios à atualidade, uma leitura síntese**, Edição Afrontamentos, 2006, ISBN 9789723608052

FERNANDES, José Manuel, JANEIRO, Ana, **A casa popular do Algarve, espaço rural e urbano, evolução e atualidade**, Edição Afrontamentos, 2008. ISBN 9789723609806

FÜLLER, Josef, **Manual do formador e estucador**, Biblioteca de instrução profissional, Lisboa, Livraria Bertrand, 2º Edição ISBN 8434222175

GASPAR, Jorge, **Regiões Portuguesas**, Lisboa, DGADR, 1993, ISBN 9729352151  
GRADE, Fernando Silva, **O Algarve tal como o destruímos**, Escritório Editora, 2014, ISBN 9789898507426

JORGE, Filipe, **Algarve Visto do Céu**, Argumentum Edições, 2005, ISBN 9789728479336

LINO, Raul, **A Nossa Casa: Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples**, Lisboa, Colares Editora, 1918, ISBN: 9789727821570

LINO, Raul, **Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitetar das casas simples**, Lisboa, Valentim de Carvalho, 1933, ISBN 9789728028251

MARQUES, Maria da Graça (coord.), **O algarve da antiguidade aos nossos dias**, Lisboa, Edições Colibri, 1999, ISBN 9789727720644

MENDONÇA, Isabel, **Estuques decorativos**, Editora Principia, 2009, ISBN 9789898131591

MOUTINHO, Mário, **A arquitetura popular portuguesa**, Lisboa, Editorial Estampa, 1979, ISBN 9723310546

MOUTINHO, Mario, **A Arquitetura Popular Portuguesa**, Editorial Estampa, 1995, ISBN 9789723310542

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando, **Construções Primitivas em Portugal**, Lisboa, Etnografia Press, 1988, ISBN 9789722001960

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando, **Arquitetura Tradicional Portuguesa**, Lisboa, Dom Quixote, 2003, ISBN 9722023977

PACHECO, Helder, **Portugal: Património Cultural Popular**, Areal Editores, 1985

PINHEIRO, Thomaz Bordallo, **Elementos de modelação de ornato e figura**, Lisboa, Biblioteca de Instrução Profissional, 1930

PRISTA, Marta, **A memória de um Inquérito na cultura arquitetónica portuguesa**, Município de Arcos de Valdevez, 2016, ISBN, 978-972-9136-78-8

PROENÇA, Raul, **Guia de Portugal - 2º Volume**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, ISBN 9789723105452

RIBEIRO, Orlando, **Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico**, Coimbra, Livraria Sá da Costa Editora, 1945, ISBN 9789898268501

RIBEIRO, Orlando, **Geografia e Civilização**, Lisboa, Editora Letra Livre, 1961, ISBN 9789898268167

RIBEIRO, Orlando, **A formação de Portugal**, Letra Livre, 1967, ISBN: 978-989-8268-44-0

RIBEIRO, Vitor (coord.), **Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. Contributo para o estudo da arquitetura vernácula da região oriental do Algarve**, Faro, CCDRALg, Edições Afrontamento, 2008, ISBN 978-989-8208-01-09



ROJAS, Ignacio Garata, **Artes de la cal**, Madrid, Ediciones de la Universidade de Alcalá de Henares, 1994, ISBN 9788474839661

ROJAS, Ignacio Garata, **Artes de los yesos: yeserías y estucos**, Editorial Munillalera, 1998, ISBN 9788489150256

ROJAS, Ignacio Garata, **Artes de la cal**, Editorial Munillalera, 1994, ISBN 9788474839661

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e (coord.), **Estuques e estucadores de Viana do Castelo : entre o passado e o futuro**, Viana do Castelo : Município de Viana do Castelo, 2021, ISBN 978-972-588-344-0

VASCONCELOS, Flório de, **Considerações sobre o estuque decorativo**, In Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga, n.º2, vol. V. Lisboa, 1966

VASCONCELOS, Flório de, **Estuques decorativos do Norte de Portugal**, Porto, Fundação Calouste Gulbenkian - CRAT, 1991

VASCONCELOS, Flório de, **Os estuques do Porto**, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1997, ISBN 0873-9110

VASCONCELOS, José Leite, **Etnografia Portuguesa**, Editora Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994. ISBN 9789722706780

#### Revistas | Artigos

AGUIAR, José, RIBEIRO, Victor, COSTA, Miguel Reimão, **O pioneirismo de Cabeça Padrão na salvaguarda do património urbano do Algarve**, Revista Património nº3, 2015, p.70-81

CORREIA, José Horta, **A Arquitetura Algarvia do século XV ao século XIX, tentativa de caracterização**, Atlas do IV Congresso do Algarve, 2º volume, 1986, p.197-202

CRUZ, Francisca Duarte, MENDONÇA, Maria Gabriela de, **Platibandas Algarvias (percurso /incursão ao longo da Estrada 125)**, 11º Congresso do Algarve, Albufeira, 2001

DIAS, Jacinto Palma, **Caras e Coroas: Acerca das Platibandas na Arquitetura Popular do Algarve**, Revista Arte Ibérica, Lisboa, Editora Arrábda, nº49, 2001, p- 28-30

GIESE, Wilhelm, **Conservação e perda da cultura material e tradicional do Sul de Portugal**, Porto, Revista de Etnografia, Volume III, 1964

MESTRE, Victor, JORGE, Filipe, **Chaminé ao Sul**, Revista Sul, nº0, 1998, pag-18-22

MESTRE, Victor, JORGE, Filipe, **A Platibanda Algarvia: Paradigma da “Fachada Cenário”**, Revista Sul, nº1, Outubro/Janeiro, 1999-2000, pag.36-39

SANTOS, Marta, PERNÃO, João, AGUIAR, José, COSTA, Miguel Reimão, **Ornamentação na arquitetura tradicional da região do Algarve : O contributo dos ornatos de relevo e dos trabalhos de massa nos revestimentos arquitetónicos**, 1º Congresso Internacional

"Arquitetura tradicional no Mediterrâneo Ocidental", Mértola, 2015

SANTOS, Marta, **Os stuccos exteriores na região do Algarve**, Revista pedra & cal nº61, 2016

SANTOS, Marta, COSTA, Miguel Reimão, PERNÃO, João, AGUIAR, José, **Uma leitura da arquitetura tradicional da região do Algarve do espaço urbano ao espaço rural: os reportórios dos ornatos em relevo e dos trabalhos em massa**, Promontória, Revista de História, Arqueologia e Património da Universidade do algarve, Ano 12 - nº12, 2016, p.192-216

TOJAL, Alexandre, **Arquitetura doméstica em Faro na segunda metade do século XIX: normas e práticas**, Revista Monumentos, nº24, 2006, p-130-139

#### Dissertações/Teses

AGUIAR, José, **Estudos cromáticos nas intervenções de conservação em centros históricos, Bases para a sua aplicação à realidade portuguesa**, Évora, Universidade de Évora, 1999, Dissertação de Doutoramento

GIL, Milene, **A conservação e restauro da pintura mural nas fachadas alentejanas: estudo científico dos materiais e tecnologias antigas da cor**, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2010, Dissertação de Doutoramento

SALEMA, Sofia, **As superfícies arquitetónicas de Évora. O esgrafito: contributos para a sua salvaguarda**, Évora, Universidade de Évora, 2005, Dissertação de Mestrado

SALEMA, Sofia, **O corpus do esgrafito no Alentejo e a sua conservação. Uma leitura sobre o ornamento na arquitetura**, Évora, Universidade de Évora, 2002, Dissertação de Doutoramento

VIEIRA, Eduarda Maria Martins Moreira da Silva, **Técnicas tradicionais de fingidos e de estuques no Norte de Portugal. Contributo para o seu Estudo e Conservação**, Évora, Universidade de Évora, 2002, Dissertação de Mestrado

#### Outras publicações

**Carta sobre o Património construído vernáculo**, ICOMOS, Cidade do México, 1999, tradução de Flávio Lopes e Miguel Brito Correia in “Património Cultural, critérios e normas internacionais de proteção”, Editora Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2014, pp. 341-344

Arquivo Distrital de Faro, Câmara Municipal de Faro, **Código de Posturas da Câmara Municipal de Faro 1849**

Arquivo Municipal de Loulé, **Código de Posturas de 1869 e 1880**

Arquivo Municipal de Tavira, **Código de Posturas da Câmara Municipal de Tavira 1892**

Arquivo Municipal de Lisboa, Fundos e Coleções, **Artur Pastor**

Arquivo da Ordem dos Arquitetos, OAPIX, **Coleção IARP**



## Índice de figuras

**Figura 01 | Página XIII** - "Platibanda decorada", Corte da Seda, Alcoutim, 1955, Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960), #14.01.03  
Fonte: © Ordem dos Arquitetos, PT-OA-IARP-FAR-ACT00-009

**Figura 02 | Página 5|6** - "Quarteira: Uns trabalham outros conversam" © Artur Pastor  
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - PT/AMLSB/ART/016063

**Figura 03 | Página 8** - "Beco", Olhão, © Artur Pastor  
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - PT/AMLSB/ART/050304

**Figura 04 | Página 10** - "Aspecto parcial da serra" Monchique, 1955, Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960)  
Fonte: © Ordem dos Arquitetos, PT-OA-IARP-FAR-MCQ03-028

**Figura 05 | Página 10** - "Aspeto da região", Loulé, 1956, Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960)  
Fonte: © Ordem dos Arquitetos, PT-OA-IARP-FAR-LLE00-054

**Figura 06 | Página 10** - "Praia e barcos", Luz de Lagos, Lagos, 1956, Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960)  
Fonte: © Ordem dos Arquitetos, PT-OA-IARP-FAR-LGS03-002

**Figura 07 | Página 11|12** - Ortofotomapa Região do Algarve © Google Earth, 2023  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 08 | Página 13|14** - Mapa topográfico da Região do Algarve com representação dos seus limites e curvas de nível de 50 em 50 metros  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 09 | Página 16** - Mapa concelhos da Região do Algarve  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612  
- Divisões geográficas sugeridas por Orlando Ribeiro, Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico

**Figura 10 | Página 16** - Mapa sub-divisões da Região do Algarve  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612  
- Divisões geográficas sugeridas por Orlando Ribeiro (1945), Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico

**Figura 11 | Página 16** - Mapa sub-divisões da Região do Algarve  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Divisões geográficas sugeridas por Orlando Ribeiro (1945), Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 12 | Página 18** - Mapa "Economia agrícola" da Região do Algarve  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Interpretação de mapa "Economia agrícola" in Francisco Keil do Amaral et al. (1961) Arquitetura Popular em Portugal  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 13 | Página 18** - Mapa "Tipos de povoamento" da Região do Algarve  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Interpretação de mapa "Tipo de povoamento" in Francisco Keil do Amaral et al. (1961) Arquitetura Popular em Portugal  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 14 | Página 18** - Mapa "Materiais" utilizados na construção da Região do Algarve  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Interpretação de mapa "Materiais" in Francisco Keil do Amaral et al. (1961) Arquitetura Popular em Portugal  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 15 | Página 19** - Faro, Salinas. Década de 40, © Artur Pastor  
Artur Pastor: <https://arturpastor.tumblr.com>

**Figura 16 | Página 20** - Algarve, décadas de 50/60, © Artur Pastor  
Fonte: <https://arturpastor.tumblr.com>

**Figura 17 | Página 21|22** - "Casa com platibanda", Castro Marim, 1955, Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960)  
Fonte: © Ordem dos Arquitetos, PT-OA-IARP-FAR-CTM02-012

**Figura 18 | Página 24** - "Ângulos, sombras e desenhos", Faro, © Artur Pastor  
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - PT/AMLSB/ART/050255

**Figura 19 | Página 26** - "Casa numa cidade do Algarve"  
Fonte: Raul Lino (1993) Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitetar das casas simples

**Figura 20 | Página 28** - "Casa no Sul"  
Fonte: Raul Lino (1993) Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitetar das casas simples



**Figura 21 | Página 28** - "Casa suburbana no sul"

Fonte: Raul Lino (1993) Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitetar das casas simples

**Figura 22 | Página 29|30** - "Pavimento de rua", Mealhas, São Brás de Alportel, 1955, Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960)

Fonte: © Ordem dos Arquitetos, PT-OA-IARP-FAR-SBA00-005

**Figura 23 | Página 32** - "Casas de Quarteira " Quarteira, © Artur Pastor

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - PT/AMLSB/ART/011399

**Figura 24 | Página 32** - "Rua" Olhão, 1955, Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960)

Fonte: © Ordem dos Arquitetos, PT-OA-IARP-FAR-SBA00-005

**Figura 25 | Página 34** - "Casa, pátio e parreira" Corte Serrano, Alcoutim, 1955, Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960)

Fonte: © Ordem dos Arquitetos, PT-OA-IARP-FAR-ACT00-007

**Figura 26 | Página 34** - "Platibanda", Faro, 1955 Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960)

Fonte: © Ordem dos Arquitetos, PT-OA-IARP-FAR-FAR00-023

**Figura 27 | Página 35|36** - "Mapa tipológico" da Região do Algarve, Zona 6, Arquitetura Popular em Portugal

Fonte: Produzido pela autora com base em:

- "Mapa tipológico", Zona 6 - Algarve, Arquitetura Popular em Portugal,
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 28 | Página 38** - Tavira, Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960)

Fonte: © Ordem dos Arquitetos, PT-OA-IARP-FAR-TV00-006

**Figura 29 | Página 38** - Olhão, Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960)

Fonte: © Ordem dos Arquitetos, PT-OA-IARP-FAR-OLH02-012

**Figura 30 | Página 39|40** - Postal "Algarve - Casa Típica", Arneiro, Loulé , #09.08.16

Fonte: <https://retratosdeportugal.blogspot.com/2016/01/algarve-casa-tipica.html>

**Figura 31 | Página 42** - "Casa tradicional", Algarve, © Artur Pastor

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - PT/AMLSB/ART/030013

**Figura 32 | Página 44** - Platibanda decorada, 1930, Faro, Santa Bárbara de Nexe, #10.04.07

Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 33 | Página 45|46** - Platibanda decorada, Loulé, Tôr, #09.03.12

Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 34 | Página 48** - Platibanda decorada, Faro, #10.01.31

Fonte: Fotografia de autoria de © Filipe da Palma in Jornal Sul Informação, "Imagens de um singular Algarve – as platibandas"

**Figura 35 | Página 48** - Platibanda decorada, Olhão, #12.01.17

Fonte: Fotografia de autoria de © Filipe da Palma in Jornal Sul Informação, "O Património é fixe, o resto que se lixe"

**Figura 36 | Página 49|50** - Fachada decorada, 1929, Vila Real de Santo António, Hortas, #16.01.05

Fonte: Fotografia de autoria de © Filipe da Palma, in Jornal Barlavento "Filipe da Palma publica «Platibandas do Algarve» em livro"

**Figura 37 | Página 51|52** - Levantamento de casa-fachada decorada, 1929, Vila Real de Santo António, Hortas, #16.01.05

Fonte: Levantamento feito pela autora, através de fotografia de © Filipe da Palma in Jornal Barlavento "Filipe da Palma publica «Platibandas do Algarve» em livro"

**Figura 38 | Página 54-** Chaminé e platibanda decorada, 1924 Faro, Mar e Guerra, #10.01.13

Fonte: Fotografia de autoria de © Filipe da Palma

**Figura 39 | Página 56** - Platibanda decorada

Fonte: Fotografia de autoria de © Filipe da Palma

**Figura 40 | Página 57|58** - "Sequência do desenvolvimento da metáfora ocular a partir do motivo losangulado"

Fonte: Jacinto Palma Dias (1994), O algarve Revisitado e editada pela autora

**Figura 41 | Página 60** - Chaminé e platibanda decorada, 1928, Faro, Santa Bárbara de Nexe, #10.04.15

Fonte: Fotografia da autora

**Figura 42 | Página 61|62** - Chaminé e platibanda decorada, 1928, Faro, Santa Bárbara de Nexe, #10.04.15

Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 43 | Página 64** - Casa das Figuras / Edifício da Orquestra do Algarve, SIPA, nº IPA.00006447

Fonte: <http://www.monumentos.gov.pt> - SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

**Figura 44 | Página 64** - Casa das Figuras / Edifício da Orquestra do Algarve, SIPA, nº IPA.00006447

Fonte: <http://www.monumentos.gov.pt> - SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

**Figura 45 | Página 65|66** - Platibanda decorada, 1913, Tavira, #13.01.02

Fonte: Fotografia e edição pela autora



**Figura 46 | Página 67|68** - Platibanda decorada, 1913, Tavira, #13.01.02  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 47 | Página 70** - Platibanda decorada, 1919, Tavira, Santa Catarina da Fonte do Bispo, #13.04.06  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 48 | Página 72** - Platibanda decorada, Olhão, Marim, #12.03.02  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 49 | Página 72** - Levantamento de casa-fachada decorada, Olhão, Marim, #12.03.02  
Fonte: Fotografia e levantamento pela autora

**Figura 50 | Página 74** - Platibanda decorada, Olhão, #12.01.11  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 51 | Página 74** - Platibanda decorada, Olhão, #12.01.17  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 52 | Página 76** - Platibanda decorada, Tavira, Cabanas de Tavira, #13.06.04  
Fonte: Fotografia de autoria de © Filipe da Palma

**Figura 53 | Página 76** - Platibanda decorada, 1923, Tavira, #13.01.01  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 54 | Página 77** - Vila Real de Santo António, Manta Rota, #16.02.15  
Fonte: Fotografia de autoria de © Filipe da Palma

**Figura 55 | Página 78** - Vila Real de Santo António, Manta Rota, #16.02.15  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 56 | Página 80** - "Tavira", #13.01.05, #13.01.06  
Fonte: Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano (2003), Arquitetura Tradicional Portuguesa, editada pela autora

**Figura 57 | Página 80** - Platibanda decorada, 1901, Tavira, #13.01.05, #13.01.06  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 58 | Página 81** - "Platibanda decorada", Corte da Seda, Alcoutim, 1955, Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960), #14.01.03  
Fonte: © Ordem dos Arquitetos, PT-OA-IARP-FAR-ACT00-009

**Figura 59 | Página 82** - Platibanda decorada, 1927, Alcoutim, Corte da Seda #14.01.03  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 60 | Página 84** - Platibanda decorada, Loulé, Quatro Estradas #09.07.04  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 61 | Página 85|86** - "Moldes de correr"  
Fonte: In Gonçalo Vasconcelos e Sousa, Eduarda Viera (2021), Estuques e estucadores de Viana do Castelo, fotogradia de José Eduardo Cunha e editada pela autora

**Figura 62 | Página 87|88** - "Correr o molde"  
Fonte: In Gonçalo Vasconcelos e Sousa, Eduarda Viera (2021), Estuques e estucadores de Viana do Castelo, fotogradia de José Eduardo Cunha e editada pela autora

**Figura 63 | Página 90** - "Moldura feita sobre a mesa"  
Fonte: in Josef Füller (1976), Manual do formador e estucador e editada pela autora

**Figura 64 | Página 90** - "Correr uma moldura"  
Fonte: in Josef Füller (1976), Manual do formador e estucador e editada pela autora

**Figura 65 | Página 91|92** - Platibanda decorada, 1913, Tavira, Santo Estevão, #13.03.02  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 66 | Página 93|94** - Levantamento de casa-fachada decorada, 1913, Tavira, Santo Estevão, #13.03.02  
Fonte: Levantamento feito pela autora a partir de fotografia

**Figura 67 | Página 96** - Casa-fachada com revestimento em escaiola, 1941, Faro, Besouro, #10.03.04  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 68 | Página 97|98** - Platibanda decorada, 1930, São Brás de Alportel, #11.01.17  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 69 | Página 100** - Platibanda decorada, Olhão, #12.01.05  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 70 | Página 102** - Platibanda decorada, Loulé, Arneiro, #09.08.16  
Fonte: Fotografia de autoria de © Filipe da Palma, in Jornal Barlavento "Filipe da Palma publica «Platibandas do Algarve» em livro"

**Figura 71 | Página 103|104** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 72 | Página 105|106** - Platibanda decorada, 1930, Tavira, Luz de Tavira, #13.03.30  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 73 | Página 108** - Platibanda decorada, 1932, Olhão, #12.02.01  
Fonte: Fotografia e edição pela autora



**Figura 74 | Página 108** - Platibanda decorada, Loulé, Porto Nobre, #09.03.13  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 75 | Página 110** - Platibanda decorada, 1895, Tavira, Santa Catarina da Fonte do Bispo, #13.05.04  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 76 | Página 111|112** - Quadro resumo das datas com a representação quantitativa do ano/data das platibandas inventariadas  
Fonte: Produzido pela autora com base no levantamento efetuado

**Figura 77 | Página 114** - Platibanda decorada e revestimento em escaiola, 1956, Loulé, Varejota, #09.04.07  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 78 | Página 114** - Platibanda decorada e revestimento em escaiola, 1953, Loulé, Vale da Boa Hora, #09.04.06  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 79 | Página 115|116** - Quadro resumo das décadas com a representação quantitativa do ano/data das platibandas inventariadas  
Fonte: Produzido pela autora com base no levantamento efetuado

**Figura 80 | Página 118** - Quadro resumo do estado de conservação das construções com platibanda inventariadas  
Fonte: Produzido pela autora com base no levantamento efetuado

**Figura 81 | Página 118** - Platibanda decorada, 1928, Tavira, Luz de Tavira, #13.03.09  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 82 | Página 119|120** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada em Bom estado de conservação  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 83 | Página 121|122** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada em Estado razoável de conservação  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 84 | Página 123|124** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada em Mau estado de conservação  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 85 | Página 126** - Quadro resumo do tipo de cobertura das construções com platibanda inventariadas  
Fonte: Produzido pela autora com base no levantamento efetuado

**Figura 86 | Página 126** - Platibanda decorada, 1930, Castro Marim, #15.01.07  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 87 | Página 127|128** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada com cobertura inclinada  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 88 | Página 129|130** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada com cobertura mista  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 89 | Página 131|132** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada com cobertura plana  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 90 | Página 133|134** - Platibanda decorada, 1900, Loulé, Patã de Cima, #09.04.01  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 91 | Página 136** - Quadro resumo do tipo de implantação das construções com platibanda inventariadas  
Fonte: Produzido pela autora com base no levantamento efetuado

**Figura 92 | Página 136** - Platibanda decorada, Olhão, Caliços, #12.04.11  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 93 | Página 137|138** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções de implantação isolada compostas por platibanda decorada  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 94 | Página 139|140** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções de implantação em malha urbana compostas por platibanda decorada  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612



**Figura 95 | Página 141|142** - Platibanda decorada, Tavira, Luz de Tavira, #13.03.16  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 96 | Página 143|144** - Levantamento de casa-fachada com platibanda decorada, Tavira, Luz de Tavira, #13.03.16  
Fonte: Levantamento feito pela autora a partir de fotografia

**Figura 97 | Página 146** - Quadro resumo do tipo de motivos ornamentais presentes nas construções com platibanda inventariadas  
Fonte: Produzido pela autora com base no levantamento efetuado

**Figura 98 | Página 146** - Platibanda decorada, 1917, Lagoa, Calvário, #06.03.01  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 99 | Página 147|148** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada com motivos geométricos  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 100 | Página 149** - Platibanda decorada, Portimão, #05.01.14  
Fonte: Fotografia de autoria de © Filipe da Palma

**Figura 101 | Página 150** - Levantamento de casa-fachada decorada, Portimão, #05.01.14  
Fonte: Levantamento feito pela autora a partir de fotografia

**Figura 102 | Página 151|152** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada com motivos geométricos e vegetalistas  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 103 | Página 153|154** - Platibanda decorada, 1930, Olhão, Fuseta, #12.04.29  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 104 | Página 155|156** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada com motivos vegetalistas  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 105 | Página 158** - Quadro resumo das construções com platibanda inventariadas com motivo ocular (losango)  
Fonte: Produzido pela autora com base no levantamento efetuado

**Figura 106 | Página 158** - Levantamento de ornamentos com motivo ocular (losango) presentes em platibandas inventariadas  
Fonte: Levantamentos feitos pela autora a partir de fotografias

**Figura 107 | Página 159|160** - Levantamento de casa-fachada com platibanda decorada, 1901, Vila Real Santo António, Vila Nova de Cacela, #16.02.10  
Fonte: Levantamento feito pela autora a partir de fotografia

**Figura 108 | Página 161|162** - Platibanda decorada, 1931, Faro, Santa Bárbara de Nexe, #10.04.10  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 109 | Página 164** - Quadro resumo da quantidade cromática aplicada à platibanda das construções inventariadas  
Fonte: Produzido pela autora com base no levantamento efetuado

**Figura 110 | Página 164** - Platibanda decorada, Vila Real Santo António, Hortas, #16.01.22  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 111 | Página 164** - Platibanda decorada, Albufeira, Guia, #08.05.07  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 112 | Página 165|166** - Platibanda decorada, 1904, Olhão, Fuseta, #12.04.25  
Fonte: Fotografia de autoria de © Filipe da Palma

**Figura 113 | Página 168** - Quadro resumo das cores aplicadas à platibanda das construções inventariadas  
Fonte: Produzido pela autora com base no levantamento efetuado

**Figura 114 | Página 169|170** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada na cor amarela  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 115 | Página 171|172** - Platibanda decorada, São Brás de Alportel, Peral, #11.01.01  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 116 | Página 173|174** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada na cor azul  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 117 | Página 175|176** - Platibanda decorada, Tavira, Santa Luzia, #13.05.01  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 118 | Página 177|178** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada na cor rosa  
Fonte: Produzido pela autora com base em:



- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 119 | Página 179|180** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada na cor vermelha  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 120 | Página 181|182** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada na cor preta/cinza  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 121 | Página 183|184** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada na cor branca  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 122 | Página 185|186** - Platibanda decorada, 1930, Faro, Conceição, #10.03.03  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 123 | Página 188** - Platibanda decorada, Loulé, Pedragosa, #09.06.13  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 124 | Página 188** - Platibanda decorada, 1943, Albufeira, Patã de Cima, #08.05.13  
Fonte: Fotografia e edição pela autora  
**Figura 125 | Página 189|190** - Platibanda decorada, 1932, Olhão, #12.02.01  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 126 | Página 191|192** - Levantamento de casa-fachada com platibanda decorada, 1932, Olhão, #12.02.01  
Fonte: Levantamento feito pela autora a partir de fotografia

**Figura 127 | Página 193|194** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda corada decorada  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 128 | Página 195|196** - Mapa da Região do Algarve, com o levantamento das construções compostas por platibanda decorada e escaiolada  
Fonte: Produzido pela autora com base em:  
- Ortofotomapa da Região do Algarve, © Google Earth, 2023  
- IGEO 1998, Carta Militar de Portugal Série M888 - Folhas 573 a 612

**Figura 129| Página 197|198** - Platibanda decorada, Loulé, Tôr #09.03.10  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 130 | Página 200** - Platibanda decorada, Tavira, Laranjeiras, #13.04.01  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 131 | Página 200** - Platibanda decorada, Tavira, Laranjeiras, #13.04.02  
Fonte: Fotografia e edição pela autora

**Figura 132 | Página 202** - Platibanda decorada, Tavira, Fonte Salgada, #06.06.01  
Fonte: Fotografia e edição pela autora